

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

MARIA EDUARDA DOS SANTOS ALENCAR

TRADUTORAS BRASILEIRAS DOS SÉCULOS XIX E XX

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, como exigência para obtenção de título no Mestrado em Estudos da Tradução.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosvitha Friesen Blume

**Florianópolis
2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, por meio do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alencar, Maria Eduarda dos Santos
Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX / Maria
Eduarda dos Santos Alencar ; orientadora, Rosvitha Friesen
Blume - Florianópolis, SC, 2016.
191 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos da tradução. 3.
Estudos feministas. 4. Tradutoras brasileiras. I. Blume,
Rosvitha Friesen. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.
III. Título.

Maria Eduarda dos Santos Alencar

TRADUTORAS BRASILEIRAS DOS SÉCULOS XIX E XX

Esta dissertação foi julgada por banca examinadora e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 25 de abril de 2016.

Prof.^a Dr.^a Andreia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Rosvitha Friesen Blume (Pget/UFSC)
1^a Examinadora – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Ruth Bohunovsky (UFPR)
2^a Examinadora

Prof.^a Dr.^a Marie-Hélène Catherine Torres (Pget/UFSC)
3^a Examinadora

Prof.^a Dr.^a Susana Bórneo Funck (Ppgi/UFSC)
4^a Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avôs, Valdo de Alencar e José Batista, que, mesmo em ausência, estão sempre presentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre iluminar meu caminho e minhas decisões, me fazendo chegar até aqui.

Aos meus pais, Antônio Valdo e Maria Fernanda, aos meus irmãos, Filipe e Gustavo, por todo o apoio ao longo do tempo e por sempre torcerem e se alegrarem por mim e minhas conquistas. E a Charlie, que alegra os meus dias incondicionalmente.

À Dadá e às minhas avós, que suportaram a distância e sempre me apoiaram e me incentivaram.

Às minhas tias, primas, tios e primos, por compreenderem minha ausência nas datas e encontros comemorativos.

Às minhas amigas Gabriela e Mirelle e aos meus amigos Renato e Pedro, pelo apoio, pelas visitas, por sempre separarem um tempinho para mim quando estava de volta em Recife e, principalmente, por me aguentarem falando sobre minha pesquisa diariamente, via mensagem.

À minha orientadora Prof.^a Rosvitha, minha admiração e meu muito obrigada por ter me acolhido e redirecionado minha pesquisa por meio de suas orientações, sempre com sugestões e críticas construtivas, compartilhando, comigo, seu conhecimento.

Às minhas “irmãs” e ao meu “irmão” de orientação, Flávia, Marília e Fabrício, pelo apoio mútuo e troca de idéias. E a Tibério, pela paciência e por me ouvir ler e reler constantemente meu trabalho.

Agradeço, também, às professoras Marie-Hélène e Susana, pelas sugestões apresentadas ao meu trabalho, na qualificação, e por terem a disponibilidade de estar presentes na minha banca de defesa. E à professora Ruth Bohunovsky, pela participação e contribuição em minha defesa da dissertação.

Às tradutoras brasileiras e às professoras e pesquisadoras que contribuíram para a minha pesquisa, em especial as professoras Valéria Souto-Maior, Lucila Nogueira, Luzilá Gonçalves, que separaram seu tempo para conversarem comigo, passando informações sobre si

mesmas e sobre as tradutoras que encontrei; além de Nelly Coelho e Zahidê Muzart, mesmo que indiretamente, por meio de seus livros.

À Universidade Federal de Santa Catarina, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e seus alunos e funcionários, por me acolherem tão bem ao longo desses dois anos de mestrado e contribuírem no meu crescimento intelectual.

À Capes, pelo apoio financeiro.

Enfim, a todos que, de uma forma ou de outra, participaram dessa caminhada, meu muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo fazer um levantamento quantitativo e qualitativo da prática tradutória realizada por mulheres nos séculos XIX e XX no Brasil, a fim de verificar o grau de sua participação e influência na cena literária do País nesse período. Pretendeu-se, com isso, contribuir para a construção de uma historiografia da tradução no Brasil, de modo que resgate a significativa participação de mulheres nessa importante atividade cultural. Foi traçada, para essa finalidade, um percurso da prática tradutória no País, desde os anos oitocentistas, acolhendo pesquisas de Paes (1990), Torres (2014), Wyler (2003), entre outros. Além disso, foram consideradas as discussões de teorias feministas que analisam de que forma os valores sociais e posições de hierarquia social se relacionam com a tradução e as estratégias feministas de tradução. Discorreu-se, também, sob o ponto de vista histórico, acerca dos movimentos de mulheres em ambos os séculos, a fim de situar o período e contexto em que as tradutoras estavam inseridas e descobrir de que forma esses movimentos receberam e tiveram influência sobre as teorias feministas e a prática de tradução. Por fim, são apresentados os dados encontrados sobre as tradutoras brasileiras, por meio de pesquisa em bibliotecas, *internet* e diversas fontes, e realizados estudos de caso com tradutoras pernambucanas de ambos os séculos. O marco teórico que norteia este estudo desenvolve-se a partir dos estudos de Chamberlain (1988), Bassnett (1992), von Flotow (1997), Simon (1996), entre outras, e, quanto à pesquisa das tradutoras, têm grande importância as obras de Muzart (2013) e Coelho (2002), além da procura, em diversos meios, pelas traduções.

Palavras-chave: Tradução. Tradutoras brasileiras. Prática da tradução. Estudos Feministas e Estudos da Tradução.

ABSTRACT

This research aims to make a quantitative and qualitative survey of translation practice performed by women in the nineteenth and twentieth centuries, in Brazil, in order to verify the degree of their participation and influence in the country's literary scene in this period. It was intended, therefore, to contribute to the construction of a historiography of the translation in Brazil, in a way that the meaningful participation of women, in this important cultural activity, could be rescued. It was traced, for this purpose, a path of translation practice in the country, since the nineteenth-century years, welcoming research of Paes (1990), Torres (2014), Wyler (2003), among others. In addition, it was considered the discussions of feminist theories that analyze how social values and social hierarchy positions relate to translation and feminist strategies of translation. It was also discussed, from the historical point of view, about the women's movements in both centuries in order to situate the period and context in which the translators were inserted and to discover how these movements have received and had an influence on feminist theories and practice of translation. Finally, the data found on Brazilian translators were presented through research in libraries, internet and various sources, and it was also conducted case studies with Pernambuco translators of both centuries. The theoretical framework that guides this study is developed from Chamberlain (1988), Bassnett (1992), von Flotow (1997) and Simon's (1996) studies, among others, and, as the search of the translators, have great importance the works of Muzart (2013) and Coelho (2002) besides the demand in various ways for the translations.

Keywords: Translation. Brazilian women translators. Translation practice. Feminist studies and Translation studies.

TABELA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – IDIOMAS TRADUZIDOS POR TRADUTORAS DO SÉC. XIX	66
GRÁFICO 2 – AUTORES/AS TRADUZIDOS/AS POR TRADUTORAS DO SÉC. XIX	67
GRÁFICO 3 – DÉCADAS TRADUZIDAS POR TRADUTORAS DO SÉC. XIX	68
GRÁFICO 4 – IDIOMAS TRADUZIDOS POR TRADUTORAS DO SÉC. XX	69
GRÁFICO 5 – AUTORES/AS TRADUZIDOS/AS POR TRADUTORAS DO SÉC. XX	70
GRÁFICO 6 – DÉCADAS TRADUZIDAS POR TRADUTORAS DO SÉC. XX	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 PRÁTICA TRADUTÓRIA NO BRASIL: SÉCULOS XIX E XX	21
2 ESTUDOS FEMINISTAS E ESTUDOS DA TRADUÇÃO	27
2.1 Intersecção dos estudos	27
2.2 Estratégias de tradução feminista	33
3 MOVIMENTO DE MULHERES: CONTEXTO HISTÓRICO	41
3.1 A luta feminista nos âmbitos nacional e internacional	41
3.2 Mulheres no mundo literário	45
4 TRADUTORAS BRASILEIRAS: DADOS ENCONTRADOS	63
5 TRADUTORAS FEMINISTAS PERNAMBUCANAS DOS SÉCULOS XIX E XX	75
5.1 Francisca Izidora Gonçalves da Rocha	75
5.2 Josephina Álvares de Azevedo	79
5.3 Lucila Nogueira	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS – TRADUÇÕES	113
1. FRANCISCA IZIDORA: OS DOIS MEDOS	113
2. JOSEPHINA A. DE AZEVEDO	115
2.1 Mães e mestras	115
2.2 A solidariedade feminina	117
3. LUCILA NOGUEIRA: TRADUÇÕES DE POEMAS INÉDITOS DE ALEJANDRA PIZARNIK	121

3.1 Mundo Mágico: Colômbia	124
APÊNDICES	127
1. SÉCULO XIX	127
2. SÉCULO XX	135

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como principal objetivo fazer um levantamento quantitativo e qualitativo da prática tradutória realizada por mulheres nos séculos XIX e XX no Brasil, a fim de verificar o grau de sua participação e influência na cena literária do País nesse período. A seleção de tradutoras feministas pernambucanas e uma breve apresentação de seus trabalhos servirão para ilustrar as diferentes posturas tradutórias de mulheres no período em questão. Pretende-se, assim, contribuir para a construção de uma historiografia da tradução no Brasil que resgate a significativa participação feminina nessa importante atividade cultural.

Em pesquisa realizada por Blume (2010), observamos que a intersecção entre os campos de Estudos Feministas e Estudos da Tradução tem possibilitado pesquisas em distintas áreas entre as quais se encontram as pesquisas relacionadas aos trabalhos de tradutoras ao longo da história. No Brasil, alguns trabalhos de que se tem conhecimento são os da pesquisadora Marie-France Dépêche, em 2002, intitulado “As traduções subversivas feministas ontem e hoje”, no qual analisa a tradução realizada, no século XIX por Nísia Floresta; o trabalho de dissertação de Raquel Dotta Correa, em 2010, intitulado “A voz da tradutora: paratextos em traduções de mulheres italianas dos séculos XVII e XVIII”, em que expõe algumas estratégias (tais como prefácios de tradução, dedicatórias e notas) utilizadas pelas tradutoras italianas para marcar sua presença; e o trabalho de Ana Maria de Moura Chäffer, intitulado “Sobre tradução feminista (ou de gênero?) no Brasil: algumas considerações”, no qual a autora discute a hipótese de que há marcas de tradução feminista nas traduções de tradutoras brasileiras, nos dias de hoje, que atuam como traços de identificação capazes de marcar a presença feminina, na tradução, por meio, por exemplo, de estratégias feministas.

É fato que há diversos livros que trazem a historiografia das escritoras brasileiras que atuaram de modo significativo no País e, em algumas delas, é possível encontrar, nas identificações, suas diversas atuações ao longo da vida; entretanto, ainda há uma lacuna no que concerne, especificamente, o trabalho de tradução realizado por brasileiras. Há, portanto, a necessidade de dar mais visibilidade a essas mulheres que auxiliaram em nosso desenvolvimento literário. Além disso, teorias feministas têm discutido de que forma os “valores sociais” e “posições de hierarquia social” estão relacionadas com a tradução

(SIMON, 1996, p. 3), discussão essa que será melhor desenvolvida no terceiro capítulo da presente pesquisa, e uma análise do trabalho das mulheres tradutoras será de grande auxílio para observar de que forma suas posturas tradutórias foram registradas em seus textos – ou melhor, se foram deixadas de alguma maneira.

Assim sendo, é de grande importância pôr em evidência os trabalhos realizados pelas mulheres tradutoras brasileiras, em especial dos séculos XIX e XX, a fim de diminuir – se não pôr um fim – à invisibilidade sofrida por essas, até os dias atuais, e de comprovar sua relevante e significativa participação na história da tradução literária do Brasil.

Para que nossos objetivos sejam alcançados, traçaremos o percurso histórico da prática da tradução, no período indicado, no Brasil, já apontando de que forma o tradutor ou a tradutora eram vistos, quais os principais trabalhos que impulsionaram a atividade e pesquisa na área da tradução e o que foi preciso para que a profissão não fosse praticada ocasionalmente e por pessoas das mais diversas áreas, tornando-se importante a existência de profissionais qualificados.

No segundo capítulo, faremos uma apresentação das principais questões que vem sendo discutidas na intersecção entre os Estudos Feministas e os Estudos da Tradução, uma vez que essa favorece um olhar sobre os trabalhos de tradutoras, pois o papel das pesquisadoras que se ocupam dessa intersecção é o de expor o “discurso silenciado” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 151) dessas profissionais: a partir da relação e comparação entre tradução e mulher, a tradução feminista reformula a questão da fidelidade do/a tradutor/a, com a utilização das estratégias de tradução femininas e de técnicas de intervenção na execução da reescrita do texto. Dessa forma, a prática tradutória é explorada de forma que atue como fator relevante de luta político-ideológica de mulheres, tornando-se a voz das profissionais.

Posteriormente, discutiremos acerca dos movimentos de mulheres ocorridos no período citado, com o propósito de compreendermos melhor o contexto social e político no qual as tradutoras estudadas estavam inseridas. A partir disso, será destacada a participação dessas mulheres no mundo literário por meio da prática da tradução.

Em seguida, apresentaremos os dados gerais encontrados a partir da pesquisa disponibilizada no Index, com informações sobre as tradutoras, buscando responder quais os idiomas mais traduzidos em cada um dos séculos; qual o sexo mais traduzido (masculino ou feminino); qual a década mais traduzida; se os movimentos de mulheres

interferiram de algum modo na publicação de traduções por mulheres; e se o número de traduções aumentou com a abertura dos cursos especializados em tradução. Para isso, os dados serão demonstrados em gráficos, para melhor visualização dos números localizados.

Ademais, discutiremos os resultados da pesquisa realizada sobre tradutoras feministas pernambucanas dos séculos XIX e XX, evidenciando dados biográficos relevantes e, especialmente, obras traduzidas por elas. Concluiremos o trabalho com algumas considerações finais.

Metodologia

Conforme mencionado acima, esta pesquisa é de natureza quantitativa e qualitativa. Quantitativa, pois visamos encontrar um número relevante de tradutoras brasileiras que atuaram na época citada. Mas, para além dos números, o trabalho orienta-se pela pesquisa bibliográfica exploratória, pois busca aprofundamento da temática da atuação de tradutoras brasileiras. Para essa finalidade, é necessário buscar informações acerca da história da tradução, no Brasil, nos séculos XIX e XX e, mais ainda, da participação das mulheres no mundo literário, das questões de tradução e dos movimentos de mulheres ocorridos na época, que influenciaram tais tradutoras, além da pesquisa sobre vida e obras das profissionais encontradas. A pesquisa também é explicativa, visto que buscamos apontar fatores determinantes e contribuintes para a ocorrência de possíveis marcas existentes ao longo das obras que serão analisadas.

Por esse motivo, este trabalho pode ser considerado qualitativo, na medida em que procura aprofundar e explicar o conteúdo citado, apresentando os dados coletados sobre as histórias de vida de cada uma, ao mesmo tempo em que se busca fazer uma análise das marcas deixadas por elas nas obras traduzidas. Para isso, acolheremos o conceito de Derrida (1996) e de Coracini (2007), de “marca identitária”, que se refere à constituição híbrida, cultural e linguística que essa possui e está presente nas escolhas da/o tradutor(a).

Para a elaboração do referencial teórico sobre prática de tradução e Estudos Feministas e Estudos da Tradução, foram acolhidas considerações de von Flotow (1997), Simon (1996), Blume (2010), Chamberlain (1988), Wylter (2003), entre outros.

Para a pesquisa das tradutoras, foram utilizados, em especial, os livros *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, de Zahide L. Muzart (2013) e *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: 1711 – 2001*, de Nelly N. Coelho (2002). Além disso, foi necessário fazer uma pesquisa minuciosa na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, nas bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, além de ampla pesquisa na *internet*, livros, revistas e jornais.

A partir dos dados encontrados, foi realizado um estudo de caso historiográfico com tradutoras feministas nordestinas, sendo duas do século XIX: Francisca Izidora Gonçalves da Rocha, natural da cidade de Jaboatão dos Guararapes/PE, e Josephina Álvares de Azevedo, natural do Recife/PE; e Lucila Nogueira, natural do Rio de Janeiro/RJ e radicada em Recife/PE, do século XX.

Para obter mais informações acerca da tradutora Josephina Álvares de Azevedo, além dos livros já citados, foi necessário entrar em contato com a Prof.^a Dr.^a Valéria Andrade que, por muitos anos, pesquisou a tradutora e que, além de me fornecer várias informações sobre Josephina, auxiliou-me na aquisição da revista *A Mensageira* (1897-1900), que possui uma tradução feminista inédita realizada pela tradutora.

Quanto à tradutora do século XX, foi necessário entrar em contato com a secretaria de graduação do curso de Letras da UFPE, que me passou o contato de Lucila Nogueira, docente da universidade. A profissional foi bastante atenciosa e disponibilizou de seu tempo para conversar informalmente comigo, relatando acerca de sua experiência como tradutora, de suas traduções, estratégias utilizadas, preferências de autores, etc.

Ademais, a Prof.^a Dr.^a Luzilá Ferreira auxiliou ao me passar informações acerca da tradutora Francisca Izidora, me aconselhando a procurar suas traduções na revista de cunho feminista *O Lyrio* (1860), a qual se encontra disponível, em sua forma física, na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

1 PRÁTICA TRADUTÓRIA NO BRASIL: SÉCULOS XIX E XX

O período escolhido a ser estudado no presente trabalho deve-se ao fato de que, conforme Paes (1990, p. 11), a prática da tradução literária entre os anos de 1500 e 1800 não pode ser observada, visto que essa,

[...] entendida como atividade regularmente exercida para atender à demanda literária de um público leitor, não existiu nem poderia jamais ter existido no Brasil colonial. Durante os três séculos em que esteve sob a tutela sufocante do absolutismo português, a vida intelectual do país foi mofina.

Nota-se, portanto, a tradução como protagonista das transformações da literatura e da cultura literária, no Brasil, especialmente a partir do século XIX, em que era praticada nas peças teatrais e folhetins que chegavam no País, no idioma francês. Segundo Santiago (1982, p. 17), a França era “estabelecadora por excelência das hierarquias” e, em consequência, dominava o espaço cultural do Ocidente. No Brasil, o poder e cultura franceses eram observados por meio do cenário repleto de peças teatrais francesas – fossem elas traduzidas ou não –, dos folhetins franco-brasileiros e dos saraus literários.

Even-Zohar (1990, p. 47) discute tal assunto ao esclarecer que há três categorias que justificam a dominância de uma literatura estrangeira traduzida no polissistema¹ de um país. São elas: 1) “Quando um polissistema não tiver sido ainda cristalizado”, ou seja, quando a literatura do país ainda estiver se formando; 2) “Quando a literatura for ‘periférica’ [...] ou ‘fraca’ ou ambos”; 3) E, por fim, “quando há momentos cruciais, crises ou vácuos literários”² na literatura do país.

¹ Para o autor, “a teoria dos polissistemas acopla todos os fenômenos semióticos ou padrões humanos de comunicação governados por signos como a cultura, a linguagem, a literatura e a sociedade”, incluindo tanto “a literatura canonizada como a poesia, quanto as não-canonizadas como a literatura infantil e a popular” (*apud* AGUIAR, 1996, p. 32).

² “(a) when a poly-system has not yet been crystallized, that is to say, when a literature is ‘young,’ in the process of being established; (b) when a literature is either ‘peripheral’ (within a large group of correlated literatures) or ‘weak,’ 1 or

Possivelmente, por esses motivos, a literatura brasileira, no século XIX, viu-se completa com as obras estrangeiras.

Todavia, tais razões não foram as únicas que contribuíram para a prática tradutória, uma vez que, segundo relatório de Bethell (1989, p. 20-21), o País estava passando por uma expansão econômica e cultural, construindo, em consequência, uma sociedade híbrida em que o imigrante e a classe burguesa eram valorizados. O isolamento intelectual e cultural do País teve um fim quando a corte portuguesa transferiu-se ao Rio de Janeiro, visto que, em 1808, estabeleceu-se a imprensa pela primeira vez, na capital, e esta foi seguida pela abertura de outras nas cidades de Salvador e Recife, respectivamente.

Com isso, foram publicados livros e jornais, e abertos ambientes de extensão intelectual e cultural, tais como academias literária, científica e filosófica, bibliotecas, teatros e escolas. Ainda segundo o autor, além dos mais de vinte mil imigrantes portugueses, foram registrados mais de quatro mil estrangeiros, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1808 e 1822.

Não obstante, o fato de o Rei D. João VI ter convidado, em 1816, uma série de artistas franceses também auxiliou a relação entre Brasil e França e fez com que “os costumes” brasileiros fossem “igualmente afetados” (TORRES, 2014, p. 53-54). Bello (1952, p. 125 *apud* FERREIRA, 2004, p. 51) comprova isso ao expor que a língua francesa “era uma espécie de segunda língua nacional para as pequenas elites das cidades brasileiras”, não importando qual o nível de cultura e, conseqüentemente, o teatro e literatura brasileira eram repletos de peças francesas e suas traduções.

A partir da instalação da Impressão Régia no Rio de Janeiro, entre 1808 e 1818, foram publicadas onze obras de cunho científico, filosófico e histórico, entre as quais constam os títulos de Alexander Pope “Ensaio sobre a crítica” e “Ensaio Moraes”, e de DeLacroix, “O Consórcio das flores” (HALLEWELL, 2005), favorecendo a prática tradutória. Durante o mesmo período, também foram reimpressas traduções de peças teatrais, literatura clássica, óperas e romances, de autores como Virgílio, Voltaire, Rousseau, Racine e Delille, e traduzidas, pela primeira vez, algumas obras que remetiam a assuntos marítimos, médicos e militares, além de livros didáticos e paradidáticos para serem utilizados em instituições de ensino superior, já criadas no início do século (WYLER, 2003).

both; and (c) when there are turning points, crises, or literary vacuums in a literature”.

Na época, é possível que os tradutores atuassem como colaboradores das editoras, uma vez que não foram constatados quaisquer registros referentes à contratação dos profissionais em regime regular de trabalho. Conforme Wyler (2003, p. 81), só descobriram registros

[...] do grande empenho do príncipe regente em resolver o problema do livro didático no Brasil. Na relação de publicações da Imprensa Régia encontramos dois tipos de registros referentes a traduções, conforme os exemplos abaixo, ambos do ano de 1809, que extraímos de fonte confiável (CABRAL, 1881). Em *Elementos de geometria* de A. M. Le Gendre consta a seguinte nota: ‘Traduzidos do francês e dedicados ao Príncipe Regente Nosso Senhor por Manoel Ferreira de Araujo Guimarães’. Em *Elementos de álgebra* de Leonardo Euler lê-se: ‘Por ordem de Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor postos em linguagem, para uso dos alunos da Academia Militar desta corte’.

Ainda segundo a autora, mesmo que a obra “Elementos de álgebra” não tenha mencionado o nome do tradutor, há quem diga que ela também foi traduzida por Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, responsável pela tradução de outros oito livros e “agraciado com uma suplência na segunda Junta Diretora da Imprensa Régia, de 1815 a 1830” (2003, p. 82).

Em período posterior, entre os meses de 1839 e 1840, Kidder (1845 *apud* Aseff, 2012, p.34) analisou as páginas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e observou que, com a exceção de um, todos os folhetins publicados no período eram traduções. O grande número de traduções também pode ser observado no catálogo da Casa Garraux no qual, no ano de 1883, quase metade dos títulos oferecidos eram traduções (213 de 473 títulos: uma tradução do espanhol, uma do italiano, uma do alemão, nove do inglês e duzentos e três títulos do francês). Não obstante, na segunda metade do século XIX, a editora A E & H Laemmert publicou aproximadamente 400 traduções do francês e outros idiomas.

Entretanto, mesmo com os números consideráveis de traduções de diversas áreas, conforme Wyler (2003, p. 89), como atividade, a tradução “prosperou particularmente em duas áreas (...): a do romance-

folhetim e a do teatro”. Isso ocorreu porque o século XIX foi considerado como o “século do romance” (SALES, s/d, p. 1; TELLES, 2004, p. 402), o que fez com que a tradução fosse essencial para a propagação do gênero. Mesmo em suas décadas finais, romances de Julio Verne e Émile Gaboriau eram os mais populares, em especial na década de 1870 (HALLEWELL, 2005).

Aseff (2012, p. 33) afirma que, durante o período, grande parte das traduções foi feita a fim de “suprir a demanda crescente do público pelo romance-folhetim e por peças de teatro”: a produção brasileira deixava um vazio que as traduções acabavam por preencher. Nesse caso, o trabalho do tradutor, conforme afirma Abreu (2008, p. 18), “não se resumia, de forma alguma, à passagem de um texto de uma língua a outra, e se desenvolvia numa zona incerta no interior da criação”, seu trabalho ia além de simples mediador entre texto traduzido e texto original, pois ele era responsável pela criação de um novo texto.

Segundo Heineberg (*apud* ABREU, 2008, p. 104), nesse contexto do período citado, “a tradução é com frequência bastante aproximativa e os textos originais funcionam mais como fonte de inspiração para um segundo texto do que como obra fielmente transcrita”. Os romances traduzidos eram, dessa forma, domesticados e nacionalizados na cultura de chegada, visto que a fidelidade do tradutor era ao público-alvo, e não ao texto original.

Em relação a esse assunto, Vasconcelos (2002, p. 9-10) expõe que fazer intervenções no romance traduzido era comum para o tradutor, pois eram poucas as “restrições impostas pela noção de autoria e direitos autorais”. Dessa forma, a tradução era mais bem descrita como sendo uma “tradução cultural, em que certos traços vistos como pouco aceitáveis pelo público-alvo [...] poderiam ser livremente alterados ou mutilados para adaptar o romance ao gosto e à cultura do país receptor”.

No século XX, o Brasil se emancipa cultural e identitariamente do modelo francês (TORRES, 2014) e a língua francesa dá espaço para o surgimento de traduções a partir de outros idiomas. Com isso, o número de traduções publicadas no País tem aumento, em especial, nos anos entre 1930 e 1953, durante a chamada Era Vargas. O período entre 1942 e 1947 é citado, por Wyler (2003, p. 129), como sendo “A Idade de Ouro da Tradução” e o motivo se dá pela grande quantidade de publicações de traduções de autores clássicos, alguns até pela primeira vez, tais como Thomas Mann, James Joyce, Virgínia Woolf, Franz Kafka e William Faulkner, publicados pela Coleção Nobel da Editora Globo; algumas obras de Proust e Tolstói, lançadas pela Biblioteca dos

Séculos; e livros de Emily Brontë, Jane Austen e Honoré Balzac, publicados pela Editora José Olympio (MILTON; MARTINS, 2010).

Percebe-se, inclusive, que as obras de língua inglesa e outros idiomas começaram a ser mais traduzido o que, de acordo com Milton (2008), se dá pelo fato de que os livros importados encareceram devido às taxas da alfândega, somado ao aumento da classe média que desconhecia os idiomas estrangeiros, além dos filmes lançados em Hollywood que chegavam aos nossos cinemas. Ademais, com o início da Segunda Guerra Mundial, no final da década de 1930, as importações foram impossibilitadas, causando um “surto de leitura” no País e favorecendo a indústria editorial, que passou a apostar ainda mais na tradução de obras literárias (ASEFF, 2012, p. 36).

A profissão de tradutor/tradutora, na época e até aproximadamente metade do século XX, era geralmente exercida por pessoas de áreas variadas e por escritores e escritoras, tais como Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Monteiro Lobato, Lúcia Miguel Pereira, Adalgisa Nery, Vivaldo Coaracy, etc., como uma atividade ocasional, informal. Entretanto, conforme Wyler (2003), a grande maioria conhecia apenas a língua francesa e poucos conheciam o inglês; em consequência, obras de idiomas de menor difusão, tais como o alemão e russo, geralmente eram traduzidas a partir de outra tradução que já recebera as alterações próprias da primeira cultura-alvo.

A publicação do primeiro livro sobre tradução, em 1952, no Brasil, intitulado *Escola de Tradutores*, de Paulo Ronái, dá início à discussão acerca da “quase inexistência de uma classe de tradutores no Brasil”. No livro, o tradutor ainda afirmava que o problema dessa inexistência estava “ligado à profissionalização do ofício do tradutor”, que era considerado secundário, anônimo, invisível, e que a solução era “formar especialistas competentes”, em busca de uma “consciência profissional” (RONÁI, 1952 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 25). Todavia, mesmo com as fortes contestações do tradutor, apenas na década de 1970 foi criada a Associação Brasileira de Tradutores (Abrates), com o apoio da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

A Associação, que começou com algumas dezenas de tradutores, já contava, na década seguinte, com centenas de profissionais, e mais tarde surgiu o Sindicato Nacional dos Tradutores (Sintra). Ainda no final da década de 1980, o 36º grupo – Tradutores foi criado, no Ministério do Trabalho, no plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais (OLIVEIRA, 2007), todavia, a regulamentação necessária não foi concluída. De acordo com Wyler (2003, p. 18), “o

único segmento regulamentado da categoria, desde o século XIX, é o dos tradutores públicos e intérpretes comerciais, que prestam concurso público e são nomeados pelas Juntas Comerciais estaduais”.

O problema apontado por Ronái, referente à falta de profissionalização do tradutor, só foi parcialmente solucionado a partir da abertura de cursos de graduação e pós-graduação na área da tradução, no final do século XX. Em consequência, a atividade passou a ser realizada, de modo crescente, por profissionais especializados e a publicação de obras que discutem a temática foi mais constante, chegando a ser publicados aproximadamente 13 livros entre o período de 1952, ano do livro de Ronái, até 1990.

Como exemplos dessas obras, temos *A arte de traduzir* (1954), de Brenno Silveira; *Tradução: ofício e arte* (1976), de Erwin Theodor; *Estudos de tradutologia* e *Cultura e tradutologia*, ambas organizadas por Delton de Mattos; *A tradução técnica e seus problemas* (1983), organizada por Waldivia Portinho; *Oficina de tradução* (1986), de Rosemary Arrojo; *O que é tradução* (1986), de Geir Campos; e *Tradução: a ponte necessária* (1990), de José Paulo Paes, que ajudaram na construção de um levantamento dos primeiros estudos no Brasil, na área de tradução (FROTA, 2007).

Nota-se, a partir do exposto, que são poucas as mulheres citadas que atuam como teóricas da tradução, entre as quais encontramos Waldivia Portinho e Rosemary Arrojo. Trabalhos de mulheres como tradutoras também pouco são citados, conseqüentemente, essas profissionais ainda se encontram, por muitas vezes, invisíveis. Além disso, são poucas as pesquisas que envolvem uma historiografia ou antologia de tradutoras e ainda há livros em que o/a responsável pela tradução não é sequer citado/a. Tal fato faz com que seja de extrema importância uma pesquisa que destaque tais profissionais, buscando expor trabalhos que tiveram relevância na propagação da literatura no País.

2 ESTUDOS FEMINISTAS E ESTUDOS DA TRADUÇÃO

2.1 Intersecção dos estudos

A partir da década de 1970, os Estudos Feministas se encontram com os Estudos da Tradução, que também estavam em desenvolvimento, devido ao seu caráter interdisciplinar e ao perceberem que ambos lidavam com questões de relações de poder e de teorias do discurso.

Entre as discussões desenvolvidas pela intersecção de ambos os estudos, encontra-se a busca por compreender de que modo a linguagem tem sido transmitida ao longo das diferentes culturas. Isso porque, conforme apontado por Castro (2007, p. 52), “a linguagem verbal é centrada para as feministas em sua agenda política, pois [...] a língua é um dos espaços mais importantes de subordinação da mulher pelo homem”.

Dessa forma, a linguagem passa a ser estudada como um meio de resistência, e até mesmo de combate, à essa dominação, além de possibilitar a observação acerca do efeito que essa possui sobre o “*status* inferiorizado” que as mulheres recebem, quando relacionadas aos homens (CASTRO, 2007, p. 52).

Sob essa perspectiva, para as teóricas feministas, não é possível obter a dissociação entre linguagem e gênero, uma vez que “o comportamento linguístico é um dos papéis de gênero aprendidos e desempenhados por homens e mulheres em nossas sociedades” (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 100), conseqüentemente, esse comportamento faz parte da formação social do sujeito.

A partir da intersecção entre os dois campos, tornou-se possível a reformulação da hierarquia e o/a tradutor/tradutora passa a ser considerado/a “uma forte fonte de poder de energia criativa transacional”³, ou seja, ele/ela é responsável pelo aumento da conscientização das complexidades textuais, ao cumprir tanto o papel do/a escritor/a como do/a leitor/a (BASSNETT, 1992, p.70).

³ “If we accept that the translator is not, and never could be, a transparente filter through which a text passes, but is rather a very powerful source of creative transitional energy (and this is the fundamental premise of Translation Studies scholars), then thinking in terms of gender serves to heighten awareness of textual complexities in the roles of both writer and reader”

Houve, dessa forma, um repensar sobre a relação original e tradução e a questão da (in)fidelidade e (in)visibilidade do/a tradutor/a, e tornou-se importante a busca sobre de que forma o feminino se encontra e é exposto na tradução: quais as dimensões uma tradução feminista toma? De que forma ela é configurada? De que forma tradutoras feministas se expõem no texto?

A intervenção de teorias feministas na prática e teoria da tradução, portanto, envolve as questões de transmissão do saber e de autoria textual (GODARD, 2009) e reforma a problemática da fidelidade do tradutor, visto que, para a produção do novo texto – a tradução –, esse ocupa o papel de tradutor, escritor e leitor. Em consequência, o produto do processo tradutório, que envolve questões de diferentes ordens, sejam elas políticas, linguísticas, econômicas ou culturais, não apresenta meramente a repetição de um texto, mas, sim, conhecimento e significado que foram produzidos no decorrer da tradução.

Assim, conforme salientam Blume e Peterle (2013, p. 9),

optar por ‘a’ ou por ‘b’ pode parecer à primeira vista, uma escolha simples, mas por detrás desse gesto há, certamente, uma rede de escolhas e relações não neutras. Um gesto, uma escolha, não é nunca um ato neutro.

O ato de traduzir é, portanto, acompanhado de “atitudes e comportamentos ligados ao negociar, mesmo que essas ações sejam inconscientes e aparentem ser ‘imediatas’” (BLUME; PETERLE, 2013, p. 11).

Mas o que seria uma tradução feminista? Lotbinière-Harwood (1991, p. 93) esclarece que, na verdade, toda e qualquer mulher é bilíngue, não importando qual idioma se tem conhecimento. Isso porque acabamos criando “uma voz que emana de um corpo situado no tempo e no espaço”, criando uma perspectiva “do ‘eu’” que é “fundamental ao se traduzir”, uma vez que “valemo-nos do código feito pelo homem, aprendido quando ainda éramos crianças” (p. 94) e somos expostas, desde cedo, à língua patriarcal, da qual não temos escapatória.

Essa língua, por sua vez, conforme discutido por Schutte (2007), trata-se da linguagem sob o ponto de vista do homem, impossibilitando qualquer manifestação da perspectiva feminina. Por esse motivo, a tradução feminista luta pela neutralidade genérica da linguagem, apresentando formas de empregar estratégias de tradução feminista, a fim de dar mais visibilidade às mulheres, no texto traduzido, e de

repensar a tradução, indo contra o pensamento de que essa é uma criação passiva do texto original.

Chamberlain (1988), em um ensaio emblemático, intitulado “Gênero e a metafórica da tradução”, discute a questão da representação da tradução e mostra como, historicamente, ela tem sido comparada com a mulher, visto que ambas são consideradas secundárias e derivadas nesses discursos. Isso quer dizer que o/a profissional é, independente de seu sexo, analisado/a em um sentido “feminino”, pelo fato de que a tradução tem sido, ao longo dos anos, ponderada como mera reprodução, dominada pelo original, masculino.

Ao citar Clara Schumann, que não havia sido reconhecida pela sua atuação de compositora até anos recentes, mesmo tendo atuado como tal além de ter reproduzido obras de Robert Schumann, seu marido, a autora ainda observa que “as representações convencionais da mulher – sejam elas artísticas, sociais, econômicas ou políticas – têm sido determinadas por uma ambivalência cultural sobre a possibilidade da mulher como artista e do *status* de sua ‘obra’” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 33).

Isso ocorre também na pesquisa feminista da tradução, pois a forma de atuação dos valores de uma cultura é determinada a partir da oposição entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo; em consequência, criatividade e originalidade são descritas “em termos de paternidade e autoridade, relegando à figura feminina uma série de papéis secundários” (1988, p. 34). Desse modo, o “escrever” refere-se ao original e masculino, enquanto o “traduzir” remete ao derivado e feminino, evidenciando as questões de relação desigual de poder existentes na sociedade e transperidas para o ato de traduzir e a tradução.

Ao comentar, por exemplo, o rótulo *les belles infidèles*, que existe desde o século XVII, Chamberlain discute acerca da sexualização da tradução e expõe o que ela denomina uma “cumplicidade cultural entre as questões de fidelidade na tradução e no casamento” (p. 34-35). Segundo essa concepção, o original é isento da possibilidade de ser infiel e a relação entre ele e a tradução, assim como ocorre entre homem e mulher, possui um “contrato implícito”, no qual “a esposa tradução ‘infidel’ é publicamente julgada por crimes que o marido/original por lei é isento de cometer” (p. 35).

O tratado do século XVII sobre tradução, do Conde de Roscommon, por exemplo, afirma que o tradutor deve apoderar-se do papel de autor a fim de garantir sua originalidade e, consequentemente, seu direito de paternidade. Roscommon aconselha o tradutor a escolher

o autor a ser traduzido da mesma forma que escolhe um amigo, uma vez que “unidos por este laço de afinidade, vocês [tradutor e autor] se familiarizam com afeto e intimidade: seus pensamentos, suas palavras, estilos e almas parecem misturar-se, não mais seu intérprete, mas em seu lugar” (ROSCOMMON, 1975, p. 77 *apud* CHAMBERLAIN, 1988, p. 35).

O tradutor, então, passa a ser caracterizado como pai da obra traduzida, cuja função é protegê-la e a tradução, por sua vez, é vista como feminina, mulher que “deve ser preservada” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 35), formando uma metáfora claramente *gendrada*. A teórica, com o objetivo de explicitar ainda mais o sexo na tradução, cita o tratado de Thomas Francklin, no qual questiona:

A menos que como uma amante o autor possa fascinar, como seus defeitos esconder ou de seus encantos provar, como toda a modesta beleza nele latente pode ver, como ainda mais belos traços de caráter nele reconhecer, como cada imperfeição amenizar e todo encanto ressaltar, como trata-lo com a dignidade de quem sabe Amar? (*apud* CHAMBERLAIN, 1988, p. 36).

O tradutor, de acordo com o ponto de vista do teórico, passa a ser homem sedutor, enquanto o autor torna-se “amante” do seu texto. Chamberlain (1988, p. 37) explica que, “ao confundir o gênero do autor com o gênero atribuído ao texto, Francklin ‘traduz’ a função criativa do autor em função passiva do texto, deixando o autor relativamente enfraquecido em relação ao tradutor”. O tradutor, portanto, seduz o autor/texto a fim de traduzir “as características de seu sujeito” (p. 37) e transformar o texto em belo e infiel, e a *belle infidèle* passa a ser retratada simultaneamente como amante e modelo.

Não obstante, Chamberlain discute acerca dos termos designados para se tratar da língua, que é convencionalmente feminina. Para isso, são apresentadas a expressão “língua mãe” e a problematização da fidelidade do tradutor com a língua mãe. Um dos exemplos que define tal problematização, segundo a teórica, pode ser encontrado no seguinte questionamento de Schleiermacher (1977 *apud* CHAMBERLAIN, 1988, p. 38):

Quem não gostaria de contribuir para que sua língua materna se destacasse por toda a parte como possuidora da beleza mais

encantadoramente universal de que todo gênero é capaz? Quem não preferiria gerar filhos que fossem puras esfinges de seus pais, e não bastardos?... Quem não sofreria por ser acusado, do mesmo modo como aqueles pais que entregam seus filhos a acrobatas, de subjugar sua língua materna às deformações estrangeiras e artificiais, em vez de habilmente exercitá-las em sua própria ginástica?

Sob essa perspectiva, o tradutor deverá disputar o lugar de “pai” da obra, ocupado, no original, pelo autor. Caso ele seja infiel à língua, produzirá um filho bastardo, adequado “apenas ao circo” (p. 38). A língua mãe, assim,

é concebida como natural, qualquer desentendimento – qualquer infidelidade a ela – será tida como artificial, impura, monstruosa e imoral. Desse modo, é a lei ‘natural’ que requer uma relação monogâmica para manter a ‘beleza’ da língua e assegurar que as obras sejam genuínas ou originais (CHAMBERLAIN, 1988, p. 38).

E a tradução, por sua vez, é a mulher, derivada, produto do trabalho do homem, que deve ser protegida, resguardada pelo seu criador/tradutor. A teórica ainda vai além e enfatiza a questão da violência sexual, a partir do exemplo do prefácio de Thomas Drant, no século XVI, no qual afirma o seguinte: “Primeiro procedi do mesmo modo que os povos de Deus procediam com suas belas e graciosas mulheres cativas: raspei seus cabelos e cortei suas unhas, ou seja, eliminei toda a vaidade e toda a superficialidade da matéria” (DRANT *apud* CHAMBERLAIN, 1988, p. 40). Tal violência não se dirige apenas ao feminino/à mulher cativa, como também expõe a autoridade masculina: Drant, como tradutor, homem e marido, deve transformar a obra, mulher e esposa, a fim de torná-la adequada.

O tradutor ainda continua a paráfrase,

Anglicizei tudo no texto, não de acordo com o veio latino... mas com a minha própria língua vulgar... modifiquei sua razão, aumentei e remendei seus símiles, suavizei sua rigidez, mudei e alterei demais suas palavras, mas não sua sentença, ou pelo menos (ousou dizer) não seu

propósito (DRANT *apud* CHAMBERLAIN, 1988, p. 40).

Cabe ao tradutor que, nesse caso, também é marido, o exercício de cortar, raspar e eliminar toda a vaidade da obra. Nessa alusão, segundo Chamberlain (1988, p. 40), fica visível “a analogia com estupro políticos e econômicos, implícitos em uma metáfora de colonização”. A noção de fidelidade, por sua vez, varia de acordo com o contexto da tradução, visto que ela pode definir tanto a relação entre tradução/feminina e original/masculino, quanto entre autor original e masculino e a sua substituição pelo autor tradutor, também masculino, ou ainda a relação autor/masculino e a língua mãe/feminina.

Observamos, a partir do exposto, que o tradutor vem reivindicando seu direito à paternidade, exigindo que seu texto seja considerado legítimo, pois a tradução é, por ele, considerada “uma atividade criativa” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 46). Além disso, foram revelados, com os estudos de Chamberlain e as metáforas da tradução, os “mitos da paternidade (ou autoria e autoridade)” e a “ambivalência sobre o papel da maternidade” (1988, p. 41) – papel esse que varia desde o rótulos *les belles infidèles* até a discussão acerca da língua mãe.

A teórica, dessa forma, enfatiza que o discurso sobre tradução tem relacionado a tradução com a mulher, visto que a ambas tem sido atribuída uma função reprodutora e ambas tem sido ligadas ao produtor/homem/texto original. Ou seja, uma vez que a produção literária era de dominação masculina, cabia, principalmente, à mulher a prática de reproduzi-la, cumprindo com seu papel secundário de atuar em atividades também secundárias, favorecendo à lógica binária, na qual

embora obviamente tanto homens como mulheres façam traduções, a lógica binária que nos encoraja a definir o profissional de enfermagem como feminino e o de medicina como masculino, o de ensino como feminino, e o de ensino superior como masculino, o de secretária como feminino, e o de altos executivos como masculino, também mostra a tradução, de várias maneiras, como uma atividade de arquétipo feminino (CHAMBERLAIN, 1988, p. 47).

Quanto à tradução, essa continua tendo papel de reprodução, assim como a mulher: ambas continuam sendo comparadas, seja como

mãe, esposa, filha ou amante, certificando a hegemonia masculina e a submissão e inferiorização feminina na sociedade. A partir dessa relação e comparação entre tradução e mulher, a tradução feminista utiliza-se de técnicas intervencionistas na execução da reescrita de um texto, reformulando a questão da fidelidade do/a tradutor/a, ao redirecioná-la para o ato da escrita. A prática tradutória é, então, explorada de forma que atue como fator relevante de luta político-ideológica de mulheres.

Quando a tradutora opta por não ser imparcial, revelando como a língua-alvo não é neutra ao “subverter o monólogo do discurso dominante” (GODARD, 1990, p.88), se desvia dos padrões tradicionais de fidelidade e sua tradução se torna um meio de criação de significados, ao mesmo tempo em que suas questões de identidade, gênero, nacionalidade e diferença são destacadas. Entretanto, quais seriam essas metáforas, quais estratégias de tradução as tradutoras feministas poderiam utilizar a fim de alcançar o objetivo da teoria feminista de tradução?

2.2 Estratégias de tradução feminista

A tradução feminista, realizada por mulheres que possuem teoria e prática feminista em mente, tem como uma das principais funções a recriação do texto a partir de perspectivas feministas. Segundo Castro (2007), tanto a linguagem patriarcal quanto o uso da linguagem pela mulher foram tópicos tratados em movimentos feministas que lutavam pela reprodução das mulheres na língua, apesar de a abordagem reformista⁴ ter realizado

medidas que se propunham a lutar pela representação das mulheres na língua – dentre elas ‘a criação de cartilhas de linguagem não-sexista, oficinas e curso educativos sobre o uso da língua’ (VON FLOTOW, 1997, p. 8) – mas, como o próprio nome já diz, eram medidas não estruturais de reforma e não revolucionárias. Para as adeptas

⁴ De acordo com von Flotow (1997, p.8 *apud* CASTRO, 2007, p. 53), “a abordagem reformista consistia em ver a língua convencional como um sintoma da sociedade que a produziu, aceitando-a como possivelmente reformável, se prevalessem as boas intenções. A abordagem radical era ver a língua convencional como uma importante causa da opressão das mulheres, o meio pelo qual as mulheres eram ensinadas e passavam a ter conhecimento de sua posição subordinada no mundo”.

da abordagem radical, essas medidas não eram suficientes, já que elas se sentiam ‘excluídas, insultadas ou trivializadas pela linguagem patriarcal convencional’ por entenderem que a língua era ‘feita para refletir a vida dos homens, suas realidades e suas ideias’ (ibid.) e deixava de fora a realidade das mulheres. A única solução, segundo elas, seria um ‘remendo’ da linguagem, de forma que a mulher e suas peculiaridades passassem a ser representadas na língua (CASTRO, 2007, p. 53).

Dessa forma, as estratégias de tradução feminista foram desenvolvidas com o propósito de dar mais visibilidade discursiva para a mulher, reformulando a questão da fidelidade do profissional de tradução. Blume (2010, p. 125) afirma que tais estratégias implicam no ato de produção textual, no qual a tradutora é sujeito visível, consciente e ativo no texto, “de modo a colaborar com o mesmo ou também de subvertê-lo, conforme o caso, explicitando sempre o processo tradutório, através de estratégias paratextuais como prefácios, posfácios, notas de rodapé, etc.”.

Todavia, a teórica ainda expõe que tais estratégias nesse caso não são empregadas de um modo convencional, em que o objetivo seria somente o de justificar ou esclarecer a complexidade em fazer determinada reprodução; mas aqui a tradutora alcança o objetivo de revelar as facetas da língua-alvo, destacando traços de identidade, gênero, nacionalidade e diferença, e possibilitando que o/a tradutor/a deixe sua marca no texto, ou seja, que ele/a se liberte do sistema prisional que as relações de poder atravessam, buscando extinguir o discurso silenciado a que o/a profissional, tradicionalmente, é submetido.

Sob essa perspectiva, torna-se possível a interpretação da representação, especificamente, de tradutoras no texto traduzido, uma vez que essas, por meio da tradução e ao deixar sua marca, vão contra a resistência pré-determinada pela noção tradicional e patriarcal. Essa marca, por sua vez, possui traços da identidade do/a profissional; identidade essa que, conforme aponta Coracini (2007, p. 168),

[...] se constrói no imaginário, nas identificações imaginárias, que podem ou não se transformar em simbólicas, constituindo o Outro do inconsciente, os valores que, sem saber, orientam o indivíduo,

suas escolhas, seu rumo. Assim, a identidade e imagem (ou representação) estão sempre associadas a uma narrativa.

Por conseguinte, ainda segundo a autora, as chamadas “marcas identitárias” possuem construção híbrida, cultural e linguística e são formadas e observadas a partir dos valores que orientam e fundamentam a forma de a tradutora traduzir e a sua prática tradutória. No caso de traduções feministas, tais marcas podem ser encontradas por meio da utilização de estratégias que destacam a presença feminina na linguagem e no mundo.

Entre tais estratégias, se encontram, por exemplo, o paratexto, a metatextualidade, a censura e a correção. Além disso, também a aliteração, os jogos de palavras, o “pacto especular”, o *hijacking*, etc. O primeiro grupo de estratégias (paratexto, metatextualidade, censura e correção), é discutido por Castro (2007) a partir do exemplo da tradutora e feminista Lotbinière-Harwood, que optou por não traduzir obras masculinas e feminizar as suas traduções. Consequentemente, a tradutora acaba por desneutralizar a linguagem ao passar tudo para o feminino, ou seja, se o termo é escrito de forma neutra/masculina, ao traduzi-lo, ele passa a ser do sexo feminino. Para Lotbinière-Harwood (*apud* CASTRO, 2007, p. 62), “a tradução feminista deve destacar a presença da mulher no mundo e na linguagem” e, por isso, a tradutora sempre busca fazer esse trabalho.

Não obstante, Lotbinière-Harwood publicou um prefácio no qual deixa explícito o porquê de suas alterações na tradução mesmo de uma obra de escritora feminista, ao afirmar que “Lise Gauvin [a autora do texto original] é feminista e eu também. Mas não sou ela. Ela escreveu no genérico masculino. Minha prática de tradução é uma atividade política que visa a fazer a língua falar pelas mulheres” (VON FLOTOW, 1997, p. 29)⁵. Desse modo, a tradutora deixa claro que seu texto recebeu todas as possíveis alterações para destacar ainda mais o feminino na língua e essa “violação” realizada é seu direito de não concordar com tudo o que é dito e a forma como é dita no original.

Em seguida, temos a aliteração, ou seja, a repetição de fonemas parecidos (ou idênticos) na mesma frase ou verso. Para Levine (1992), tradutora do título *Infante's inferno*, de Guillermo Cabrera, essa

⁵ “Lise Gauvin is a feminist, and so am I. But I am not her. She wrote in the generic masculine. My translation practice is a political activity aimed at making language speak for women”.

estratégia é o meio pelo qual ela expõe que a língua não é uma forma de comunicação transparente: “aliterar é zombar de convenções de propriedade e glorificar as palavras como objetivos misteriosos: subverter a semântica, colocar o som antes do sentido é um tipo de libertação”. Com o objetivo de explicar sua tradução, Levine escreveu o texto intitulado “Translation as (sub)version: on translating *Infante’s inferno*”, todavia, nele, poucos foram os exemplos que mostram de que forma tal estratégia surge em sua tradução.

Os jogos de palavras, por sua vez, são discutidos por von Flotow (1997, p. 15), que observa, no título *L’Amèr*, de Nicole Brossard,

[...] um neologismo que contém pelo menos três termos em francês: *mère*, *mer*, e *amèr*. Ele representa a preocupação da autora com a maternidade como uma experiência amarga e amargurante, e reflete uma das imagens importantes do pensamento feminista que relaciona as mulheres à água, à natureza cíclica e fluida do mar.⁶

No caso de obras como essa, em que o original já possui jogos de palavras, a tradutora deve esforçar-se para mantê-los, considerando vários pontos, entre eles, o tema e contexto no qual a obra está inserida. Para Godard, tradutora da obra de Brossard, os jogos de palavras são desafios à tradução, visto que eles são formulados a partir da semelhança de sons entre as palavras e faz parte da função do tradutor criar efeitos semelhantes.

Outra tradutora que faz uso de jogos de palavras é Mary Daly. Contudo, Daly utiliza essa estratégia baseada nos “fenômenos culturais” mais do que nos linguísticos (VON FLOTOW, 1997, p. 16). Como exemplo, temos o termo *big strong women* (mulheres grandes e fortes, na tradução literal), que nos remete ao termo *big strong men* (homens grandes e fortes), e que surge para retorcer a imagem tradicional da mulher, nas décadas de 1960 e 1970, em que essa era citada como *daddy’s little girl* (garotinha do papai, na tradução literal) ou *little lady* (mulherzinha) e protegida pelos “homens grandes e fortes”.

⁶ “Brossard’s title *L’Amèr* is a neologism that contains at least three terms in French: *mère* (mother), *mer* (sea), and *amer* (bitter). It represents the author’s preoccupation with motherhood as a bitter and embittering experience, and reflects one of the importante images of feminist thinking that links women to water, to the cyclical and fluid nature of the sea”.

O pacto especular, também presente nas obras e traduções de Brossard, refere-se à “criação de textos em *duo*, entre duas línguas, entre dois lugares, ou melhor, em *hors-lieu* (não-lugar) onde reina a (inter)subjetividade feminina” (DÉPÊCHE, 2005, p.297).

Essa estratégia, também conhecida como *transformance*, destaca o ato da tradução, “o foco no processo de construção de significado, na atividade de transformação, um tipo de performance” (GODARD, 1990, p. 90) e é resultado do processo criativo do sujeito-tradutor ativo, visível e consciente no texto traduzido.

O *hijacking* (BLUME, 2010; FLOTOW, 1997), que significa “sequestro”, em português, é considerado como a estratégia de tradução feminista mais polêmica, uma vez que, conforme Simon (1996, p. 15)⁷, o termo não aparenta ser apropriado para descrever grande parte das práticas de traduções feministas, pois esse sequestro refere-se às alterações radicais na tradução, a uma apropriação textual, e a tradução feminista visa “estender e desenvolver a intenção do texto original, sem deformá-lo”.

Não obstante, o prefácio, nas traduções feministas, atua como a área em que a tradutora tem a liberdade para expressar sua compreensão e os obstáculos encontrados no processo de tradução, além de nele justificar as suas escolhas e estratégias utilizadas. Por meio do prefácio e das notas de rodapé, a profissional afirma sua presença e demonstra certa autoridade, pois se dirige ao leitor e o apresenta a “seus conceitos em relação à tradução, tornando pública a voz da mulher e libertando-a do anonimato” (ROBINSON, 1995, p. 158 *apud* CORREA, 2010, p. 27).

Um exemplo de prefácio marcante se encontra na tradução de Margaret Tyler, da obra “A mirrou of princely deeds and knightood”, de

⁷“These somewhat unorthodox forms of language transfer remind us that literary exchanges can be undertaken in the service of a wide range of cultural agendas. Some of these practices might be understood as “hijacking” in the sense in which Luise von Flotow introduces it. However, the term hardly seems appropriate to describe most practices of feminist translation as they have been recently developed. Everything in these practices seems to point to a willful collusion and cooperation between text, author and translator. Author and translator are operating in a frame of contemporaneity, their work engaging in a dialogue of reciprocal influence. Feminist translation implies extending and developing the intention of the original text, not deforming it. That is why the most successful examples of such practices are to be found in an appropriate match between text and translating project.”

Diego Ortunez de Calahorra. Nele, a tradutora apresentou algo que Simon (1996, p.48) afirmou ser “um marco na história feminista literária”, visto que, já no século XVI, a tradutora visivelmente defendeu seu posicionamento no que se refere ao direito de mulheres traduzirem obras que não sejam apenas de cunho religioso.

A já citada tradutora Lotbinière-Harwood e seu prefácio em *Lettres d'une autre* também faz uso do prefácio para expor sua opinião e modo de atuação:

Apenas algumas palavras para esclarecer que esta tradução é uma re-escrita, no feminino, do que eu originalmente li em francês. Eu não me refiro ao conteúdo. Lise Gauvin é feminista, assim como eu. Mas não somos a mesma pessoa. Ela escreveu no genérico masculino. Minha prática de tradução é uma atividade política que visa a fazer a língua falar pelas mulheres. Portanto, minha assinatura numa tradução significa: feminino visível na língua. Porque tornar o feminino visível na língua significa fazer com que as mulheres sejam vistas e ouvidas no mundo real. E o feminismo é isso (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1989, p.9).⁸

Observamos, portanto, que a tradutora utiliza o prefácio para explicar as alterações realizadas e o porquê de as estratégias de tradução feminista terem sido utilizadas no texto traduzido. Por meio desse espaço, Lotbinière-Harwood reforça sua presença de tradutora e sua autoridade como tal.

Constatamos, ainda, conforme o apresentado, as diferentes formas de dar mais visibilidade à prática tradutória realizada por mulheres feministas, de modo que a tradução se torne instrumento de luta político-ideológica dessas. A “infidelidade” pelo texto original se torna, em consequência, “meio de protestar a favor da infidelidade da

⁸ “Dear reader, just a few words to let you know that this translation is a rewriting in the feminine of what I originally read in French. I don't mean content. Lise Gauvin is a feminist, and so am I. But I am not her. She wrote in the generic masculine. My translation practice is a political activity aimed at making language speak for women. My signature on a translation means: this translation has used every possible feminist translation strategy to make the feminine visible in language. Because making the feminine visible in language means making women seen and heard in the real world. Which is what feminism is all about”

mulher para com o homem, a favor da *autonomia* em contraposição à subordinação predominante” (CASTRO, 2007, p. 65).

Por fim, sob essa perspectiva, observamos que a utilização de estratégias feministas favorecem diversos fatores, entre eles: 1) A divulgação de uma abordagem de tradução criativa, que vai contra a abordagem tradicional, em que a tradução é vista como mera reprodução do texto original; 2) A exposição do texto sob o ponto de vista feminino, ou seja, por meio das estratégias torna-se possível expor o implícito na tradução a partir do entendimento da tradutora; 3) A crítica e a desconstrução da linguagem convencional e patriarcal; 4) A imposição de uma neutralidade genérica da linguagem, de modo que a tradução se torne tanto uma atividade quanto uma intervenção política, entre outros. Assim, a prática da tradução feminista contribui para a igualdade de direito entre os sexos e, mais ainda, por meio da utilização das estratégias, há um maior reconhecimento do papel feminino na sociedade.

3 MOVIMENTOS DE MULHERES: CONTEXTO HISTÓRICO

3.1 A luta feminista nos âmbitos nacional e internacional

O movimento feminista pode ser discutido sob dois aspectos: o primeiro enfoca a história do feminismo enquanto movimento social, enquanto o segundo diz respeito à teorização feminista (PINTO, 2010). No momento, discutiremos o movimento sob o ponto de vista histórico, apresentando as ações de cada período na Europa, América do Norte e Brasil. A importância do estudo é devido ao grande número de tradutoras que participaram desses movimentos, à necessidade de situarmos o período e contexto em que estavam inseridas, além de servir para melhor entendimento da influência que esses movimentos receberam e tiveram sobre as teorias feministas.

Antes mesmo de ocorrer a assim chamada “primeira onda do feminismo”, houve mulheres que, durante a Revolução Francesa, no século XVIII, reivindicaram direitos políticos, direito ao divórcio, ao alistamento militar, ao acesso às armas, entre outros, enquanto marchavam contra o poder da Igreja e realeza sobre a sociedade. Em consequência, essas mulheres foram consideradas uma ameaça e os “clubes” femininos foram proibidos de serem formados. Segundo Riot-Sarcey (2002, p. 20), na época, considerava-se que “as mulheres, [...] as crianças, os estrangeiros, aqueles que não contribuem em nada para o funcionamento público, não devem, pois, influenciar na coisa pública”, e as reivindicações foram, portanto, ignoradas.

Ainda na França, já no século XIX, a publicação do livro *União Operária* (1843), de Flora Tristan, sugeriu a formação de uma Associação Internacional de Trabalhadores e Trabalhadoras e discutiu, pela primeira vez, a relação entre a luta das mulheres e a luta de classe. Em 1866, delegados do Congresso Internacional dos Trabalhadores foram contra o trabalho realizado por mulheres; por conseguinte, as manifestações de mulheres foram intensificadas e, dois anos depois, a primeira associação feminina foi fundada, intitulada “A Liga das Mulheres”.

Enquanto isso, também no final do século XIX, na Inglaterra, as “sufragetes”⁹ lutavam pelo direito ao voto, que só foi conquistado em

⁹ O apelido surgiu do termo *suffrage* que significa “direito ao voto”, ou “sufrágio”, em português. As sufragetes lutavam, portanto, pelo direito das mulheres ao voto.

1918, cinco anos após a feminista Emily Davison se jogar à frente do cavalo do Rei, em uma corrida de cavalos em Derby, como forma de protesto.

Nos Estados Unidos, durante o mesmo período, no Estado da Filadélfia, a Primeira Convenção Americana para os Direitos da Mulher defendeu, pela primeira vez, o direito de ler e interpretar a Bíblia, causando um trabalho de releitura e reinterpretação do texto bíblico a fim de evitar que, nele, houvesse exclusão de mulheres (TABORDA, 1990). Como resultado, Stanton desenvolveu a obra *The woman's bible* que, de acordo com Nunes (2000), desenvolve o pensamento teológico das mulheres.

Dessa forma, “a questão social do século XIX aprofunda”, segundo Gurgel (2010, p. 4), “o caráter social da opressão das mulheres e contribui para uma maior aproximação das organizações de mulheres, com a luta socialista”. A partir da definição da Jornada Internacional da Mulher, em 1910, ainda segundo a autora, “a articulação estratégica entre a luta pela autonomia e autodeterminação das mulheres”, somada à procura pela “emancipação humana” (p.4), passou a receber destaque.

No Brasil, os movimentos feministas também tiveram o que chamamos de “primeira onda”, ocorrida na década de 1910, e “segunda onda”, após a década de 1970. Durante a primeira onda, ocorreram dois movimentos femininos: o realizado pelas “operárias de ideologia anarquistas” (PINTO, 2010, p. 16), que se reuniam na União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, tendo como objetivo principal a luta por condições melhores de trabalho, especialmente nas fábricas e oficinas; e o movimento da luta sufragista.

No romance intitulado *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão (conhecida como Pagu), tradutora, escritora e feminista, já eram descritas as longas jornadas de trabalho, os maus tratos de patrões, o assédio sexual e os baixos salários que as mulheres operárias sofriam. O *Jornal O amigo do Povo*, em 5 de setembro de 1902, já destacava:

A que não se submete às exigências arbitrárias, não já do burguês [...] mas às dos capatazes, ao serviço dos mesmos senhores, é desacreditada e maltratada por esses homens sem consciência, até o extremo de ter de optar entre a degradação ou a morte (*apud* RAGO, 2004, p. 578).

Conforme aponta Rago (2004, p. 578), as mulheres, que perfaziam a maior parte do proletariado, no final do século XIX e início

do século XX, eram descritas como “mocinhas infelizes e frágeis”, o que justificava o aproveitamento por parte dos homens, mesmo com as mobilizações políticas e as greves que lutavam contra a exploração de trabalho, no período citado.

Com o objetivo de substituir a mão de obra escrava no Brasil, o governo buscou trazer imigrantes europeus (italianos, alemães, romenos, poloneses, judeus, etc.) dos quais, em 1890, 231.731 eram homens e 119.581 eram mulheres (DEAN, 1971; RAGO, 2004). As mulheres, em sua maioria, trabalhavam em indústrias de fiação e tecelagem, enquanto homens atuavam em metalúrgicas, fábricas de imóveis, entre outros.

Em 1901, as mulheres já representavam aproximadamente 49,95% do operariado têxtil. Pouco tempo depois, em 1917, de um total de 1.775 operários, 1.340 eram mulheres, equivalente a cerca de 75%. Dois anos depois, o *Jornal A Peble*, em 25 de setembro de 1919, denunciou a Fábrica de Algodão Pedro Stéphanos, de São Paulo, uma vez que, dos 200 operários, apenas 16 eram homens, enquanto sua maioria era ocupada por mulheres e crianças, algumas com 7 anos de idade (RAGO, 2004).

Tais dados poderiam nos fazer supor que mulheres foram gradativamente substituindo homens e, em consequência, conquistando mais espaço no mercado de trabalho. Pelo contrário, com o avanço da industrialização e com a integração da força de trabalho masculina, as mulheres foram progressivamente expulsas das fábricas: enquanto que no ano de 1872 elas representavam 76% do total de operários nas indústrias, em 1950 passaram a constituir cerca de 23% (RAGO, 2004).

O segundo movimento, pela luta sufragista, foi liderado por Bertha Lutz, uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que auxiliou a luta em favor do voto das mulheres, por meio de abaixo assinado, em campanha pública, no ano de 1927, solicitando a aprovação do Projeto de Lei que dava às mulheres o direito ao voto. Tal direito, todavia, só foi conquistado com o Novo Código Eleitoral Brasileiro, cinco anos depois.

A luta feminista em âmbito internacional perde força a partir da década de 1930 e volta alguns anos depois, mais intensamente na década de 1960. Nesse período, dois livros marcaram fortemente as mulheres, que foram: *O segundo sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, no qual a teórica afirma que não se nasce, mas se torna mulher; e *A mística feminina* (1963), de Betty Friedan, que auxiliou o surgimento de um novo discurso acerca da relação de poder entre homens e mulheres.

Nos Estados Unidos, em plena metade do século XX, as mulheres ainda não possuíam direito ao voto. Para a conquista desse direito,

houve alteração na estratégia da luta sufragista de mulheres: foram formados dois grupos. Um responsabilizou-se pela luta em nível de constituição nacional, enquanto outro grupo realizava “ações estaduais” (GURGEL, 2010, p. 3). Esse movimento garantiria que o direito ao voto fosse concebido a partir de alterações na constituição de cada Estado e, assim, mulheres de toda a parte do país participaram das diversas ações do movimento.

Na França, na década de 1960, mulheres se uniram a outros grupos sociais para participar de movimentos populares que questionavam, em especial, o totalitarismo, as formas de poder e o colonialismo, além do militarismo. Em meio a essa rede, a participação do movimento feminista, que recebeu influência das discussões de de Beauvoir, desencadeou o debate acerca do papel secundário da mulher na sociedade, colocando, no eixo central, o direito à autonomia em suas escolhas e sua vida por meio da auto-determinação sobre seu corpo.

A mobilização trouxe, dessa forma, o debate sobre o direito ao aborto; o confronto com o tradicional modelo patriarcal, no qual a mulher possui papel secundário, chegando a ser, em alguns casos, invisível; além da luta por uma visibilidade jurídica, uma vez que, em caso de divórcio, a mulher ainda dependeria da autorização do ex-marido em qualquer questão, carecendo, assim, dos seus direitos civis.

O novo movimento feminista europeu, desse modo, não luta apenas pelo espaço da mulher na educação, sociedade e trabalho, mas também, e principalmente, pela mudança na forma de tratamento e relacionamento entre homem e mulher, de forma que essa possua o direito à liberdade e à autonomia para fazer suas próprias escolhas, ao mesmo tempo em que discute uma dominação que ainda não havia sido debatida: a dominação do homem, principal membro de uma sociedade patriarcal, sobre a mulher. Observa-se, com isso, que o movimento visa, em especial, a liberdade, ao mesmo tempo em que luta por causas identitárias.

O movimento feminista brasileiro, por sua vez, também esfriou após a década de 1930, só retornando na década de 1970, e relacionou-se com diversos outros movimentos sociais que aconteceram no mesmo período. Entretanto, a luta maior era contra o regime ditatorial, que ocorreu entre os anos de 1964 e 1985: o regime impossibilitava que outras pautas fossem discutidas e fez com que o movimento surgisse como uma maneira de as mulheres demonstrarem sua posição contrária à ditadura. Conforme Sarti (2004), apesar das mobilizações serem resumidas apenas à resistência ao regime, o engajamento político das

mulheres já apresentava uma demanda de alterações de uma ordem de gênero, não mais conferindo um papel secundário às mulheres.

Apenas em 1975, com a declaração por parte da Organização das Nações Unidas (ONU) de que tal ano seria o Ano Internacional da Mulher, o feminismo passou a receber mais destaque e os debates feministas tornaram-se mais visíveis na medida em que foram criadas as revistas de caráter militante *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*.

Ademais, o movimento que ainda ocorria em 1979 fortificou-se após a absolvição de Doca Street, julgado pela morte de Ângela Diniz, e foi responsável pela criação do SOS Mulher e pelo retorno de mulheres que haviam sido exiladas no exterior. Consequentemente, as noções e experiências de feminismo norte-americano e europeu somaram-se à consciência feminista já existente no País e, a partir de então, mulheres receberam mais proteção a fim de que as explorações e chantagens sexuais sofridas em ambiente de trabalho fossem extintas.

O movimento feminista, portanto, passou a ter ainda mais força social e política na década seguinte e foi-se dividindo, segundo Sarti (2004), com a criação de espaços institucionais para as mulheres, permitindo que fossem criadas políticas públicas voltadas para o tema e que a questão de gênero fosse, enfim, integrada à agenda política do País; e consolidou-se um vasto campo de pesquisa sobre mulheres, movimentos e teorias feministas e de gênero.

Dessa forma, a contribuição do movimento ocorreu em ambos os processos de luta contra a ditadura e o esforço para conseguir que fosse institucionalizada uma agenda política que atendesse às necessidades e demandas das mulheres. Com o fim do regime ditatorial, em 1985, a nova Constituição Federal, junto à criação das Delegacias de Defesa da Mulher para o combate à violência doméstica, e do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), que visa a prática das políticas orientadas à militância feminista, apresentaram mudanças positivas para as mulheres.

Ainda na década de 1980, o número de mulheres ocupando cargos legislativos aumentou consideravelmente, passando a ter 26 mulheres entre os mais de 500 deputados, todas aliadas à CNDM (MACAULEY, 2006). Foi por causa dessas que várias propostas foram aprovadas, garantindo grandes avanços, tais como o aumento da duração da licença-maternidade, os direitos trabalhistas e benefícios sociais para empregadas domésticas, o direito ao divórcio e artigos que garantiam igualdade entre homens e mulheres, independentemente de cor/raça (VERUCCI, 1991).

Desse modo, o movimento destaca-se ao causar uma “ruptura paradigmática com uma cultura política profundamente autoritária e excludente para as mulheres e outros atores não hegemônicos” (MIRANDA, s/d, p. 4), e questionar as noções de relações humanas nos contextos social, cultural, sexual, político e econômico. De acordo com Castells (1999 *apud* MIRANDA, s/d, p.4), esses movimentos foram e ainda são responsáveis pelo impacto “nas instituições da sociedade e, sobretudo, na conscientização das mulheres”. Conseqüentemente, mesmo com as diversas conquistas, ainda há a luta para a garantia de “todos os direitos humanos a todas as mulheres” não só no Brasil, como também em outros países.

3.2 Mulheres no mundo literário brasileiro

A partir do exposto, observamos que várias foram as mulheres que influenciaram os movimentos feministas, como foi o caso das já citadas de Beauvoir, em 1949, com *O segundo sexo*, e Betty Friedan, em 1963, com *A mística feminina*.

Aqui, apresentaremos mulheres brasileiras que exerceram influência significativa por meio de suas traduções e da divulgação de traduções, por exemplo, em jornais e revistas, tais como *A mensageira*, *O Lyrio e Jornal da Família*, que possuíam caráter militante e publicavam artigos e romances estrangeiros que chegavam ao Brasil.

Durante o século do romance, o século XIX, o público leitor era constituído, em grande maioria, de mulheres burguesas (TELLES, 2004). Essas tinham, na época, como principal papel serem educadoras dos filhos e ajudantes dos homens, sendo negada sua autonomia, fator esse necessário à criação. Por essa razão, restou-lhes a prática da tradução que, assim como as mulheres, que eram consideradas seres secundários, inferiores e dominados pelo homem na cultura patriarcal burguesa, a prática tradutória também era considerada derivada e secundária.

Obras de Lord Byron foram traduzidas pela gaúcha Carolina von Koseritz, responsável por algumas obras de Tourguenieff, Goethe e Dickens. As peças teatrais que chegavam ao País, em especial as de Alexandre Dumas e Eugène Scribe, foram traduzidas pela também jornalista Violante de Bivar e Velasco; pela portuguesa (radicada no Brasil) Eugênia Câmara; e por Vicentina de Carvalho, que também traduziu os títulos *As filhas de Barba Azul*, de Myriam Catalni, e *O rei das montanhas*, de Edmund Ahout.

Beatriz Francisca de Assis Brandão que atuou fortemente como tradutora durante o século XIX, apesar de não ter nascido nele (mas sim no XVIII, em 1779), traduziu diversas óperas. Entre elas, se encontram os títulos “Alexandre na Índia”, “Angélica e Medoro”, “Diana e Endimião”, “José no Egito”, “Sonho de Cipião”, etc. Além disso, traduziu *Catão*, em 1860, pela Editora Tipografia B.X.P. de Sousa, no Rio de Janeiro. A obra foi traduzida do italiano e possui dedicatória em versos para a princesa Dona Januária.¹⁰

Corina de Vivaldi Coaracy, conhecida como Corina Coaracy, natural do Kansas, nos Estados Unidos da América, que veio ao Brasil quando ainda muito jovem, onde permaneceu radicada, também foi grande influenciadora da literatura brasileira. Traduziu várias obras, entre as quais se encontram *A Rússia vermelha* (1883), de Victor Fissot, *O dever* (1884), *Vida e Trabalho* (1884), de Samuel Smiles, *A alegria causa medo*, de Mme. Girardin, entre outros.

Virgínia de Castro e Almeida, por sua vez, traduziu Dickens, George Sand, Marco Aurélio e Cervantes; Amélia Rodrigues, natural da Bahia, foi responsável pela tradução do romance *O filho do homem*, de Baronesa Von Krane. Sílvia Mendes Cajado, natural de Sorocaba/SP, traduziu *A chave de vidro*, de Dashiell Hammet; *Var vietis*, de Annie Vicenti, *Estranhas superstições*, de W. Fielding, etc. Algumas de suas traduções podem ser encontradas na Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro.

A gaúcha Anna Euquéria Lopes de Cadaval traduziu o título “Educação para meninas”, de Fénelon, na *Revista Popular*, na seção Crônicas da Quinzena, em 1862. A obra, segundo Joaquim Manuel de Macedo,

É bem conhecida e apreciada, e eu não tenho senão que louvar a ideia generosa que presidiu a tradução. Da educação esmerada daquelas que não de ser mães de família depende muito o futuro do país. Sem esse cuidado nunca haverá sociedade verdadeiramente moralizada. É digno de uma senhora o zelo generoso e nobre pelo seu sexo (REVISTA POPULAR, 1862, p. 126).

¹⁰ Mais informações sobre a tradutora podem ser encontradas no site <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=12742>.

Fenelon defendia que a educação da mulher deveria ser exclusivamente moral e particular, com finalidade social. A mulher, para o autor, deveria ser educada para governar o lar e educar os filhos, todavia, sua educação também deveria servir como divertimento e distração. A obra expressava a visão patriarcal sobre o papel da mulher na sociedade, enfatizando sua função reprodutora e inferior ao homem.

Em contraponto ao texto de Fenelon encontram-se os títulos que influenciaram os movimentos feministas brasileiros, tais como “A solidariedade feminina”, artigo da feminista Eugénie Potonié Pierre, traduzido por Josephina Álvares de Azevedo; e *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, tradução da feminista Nísia Floresta, publicada em 1832, responsável por dar à tradutora a reputação de pioneira do feminismo no Brasil, por já defender a emancipação da mulher.

Considerada como uma “tradução livre” ou como uma “adaptação” da obra *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), de Mary Wollstonecraft, a tradução de Nísia é repleta de suas opiniões sobre a realidade brasileira. Dépêche (2002, p. 8) acaba por expor algumas das alterações realizadas por Nísia ao questionar o seguinte:

Se a argumentação de Mary Wollstonecraft, contrapondo-se à *Emile*, de Rousseau (Rousseau, 1966), destinava-se a convencer Monsieur de Talleyrand a abordar a educação feminina em seu projeto legislativo sobre a educação nacional (Godwin, 1987), como é possível nunca encontrar no texto de Nísia um nome ou um debate em torno das ideias anti-feministas de Rousseau?

A autora ainda enfatiza que, como se não bastassem tais ausências, “descobre-se a surpreendente presença de passagens inteiras inexistentes no texto francês”, que era “fiel ao texto inglês, bem como a sequência de títulos de capítulos totalmente estranhos a este” (DÉPÊCHE, 2002, p.8).

Ao longo da tradução, outra marca identitária de Nísia pode ser observada, visto que a tradutora apresenta textos de autores e teóricos como Platão, Descartes, Catão, etc., para dialogar com seu texto; enquanto a autora Wollstonecraft opta por Rousseau, Shakespeare, a Bíblia, entre outros. A justificativa para tais escolhas, segundo Duarte (1989, p. 121 *apud* ARAÚJO, 2009, p.11), é devido ao fato de que tais autores eram mais bem divulgados no Brasil. Assim, a tradução foi

reescrita, pela tradutora, de modo que essa fosse situada social, cultural, histórica e politicamente na realidade brasileira da época.

Na tradução, Nísia discute:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens [...] Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar (FLORESTA, 1832, *apud* TELLES, 2004, p. 406).

Observamos, por meio da tradução, a crítica da tradutora acerca do pensamento e cultura patriarcais. Em consequência, seu texto enfrentou os preconceitos da sociedade patriarcal burguesa e brasileira ao reivindicar igualdade para as mulheres, especialmente no que concerne à educação.

Não obstante, Nísia continuou com sua preocupação relativa à educação das mulheres em obras posteriores, como é o caso de *Conselhos à minha filha* (1842), escrito e traduzido para o italiano, pela própria Nísia Floresta. A tradução que passou a ser chamada *Consigli a mia figlia* teve sua primeira edição publicada no ano de 1858, em Firenze, pela Stamperia Sulle Loggegel Grano e foi tão bem aceita e reconhecida na Itália, que passou a ser, em 1859, leitura obrigatória em várias escolas do país.

A já citada Violante de Bivar e Velasco, natural da Bahia, em 1817, foi outra tradutora que teve grande influência tanto para a propagação da literatura brasileira quanto nos movimentos feministas. Além de ter sido responsável pela tradução das obras de Alexandre Dumas, atuou como jornalista e escritora, sendo considerada a primeira jornalista brasileira, pois dirigiu, em 1852, o *Jornal das Senhoras* – no qual publicava traduções, entre tantas coisas. No Jornal, o tema principal que gostava de discutir era, assim como Nísia Floresta, os problemas em relação às mulheres, criticando, em especial, a educação por elas recebida.

Em especial, a tradutora dedicou-se à tradução de peças teatrais da língua francesa, italiana e inglesa, sendo responsável pelas seguintes obras: *Pamela casada*, e *Pamela solteira*, de C. Goldoni, ambas do

italiano; *Rob-Roy MacGregor Campbell*, de Isaac Pocock, do inglês; *Clermont* ou *A mulher do artista*, de E. Scribe e Louis-Émile Vanderburch, do francês; *O xale de casemira verde*, de Alexandre Dumas e Eugênio Sue, também do francês; *Os maricas*, de Jouhand e Bricet e Fourchon; e *Os títeres* ou *A roda da fortuna*, de M. Picad, ambos da língua francesa. Não obstante, em 1859, Violante publicou seu livro intitulado *Algumas traduções das línguas francesa, italiana e inglesa*, em que incluiu traduções das obras de Padre John Tood (MUZART, 2013).

A tradutora ainda dirigiu, por um ano, o *Jornal das Senhoras*, fundado em 1852, primeiro jornal feito por e para mulheres brasileiras. O Jornal era publicado semanalmente, durante três anos (1852 a 1855), e teve apenas três redatoras, entre as quais estão a argentina Joana Paula Manso de Noronha, atuando por 6 meses, a tradutora Violante de Bivar e Velasco, por um ano, e Gervásia Neves.

No Jornal, eram apresentadas sessões de moda, belas artes, teatro e crítica, além de romances traduzidos (em geral do francês) e das partituras de piano (LIMA, 2010). Ademais, questionava e criticava a educação recebida pelas mulheres no espaço de correspondência com as leitoras. Como exemplo, apresentamos uma carta, enviada por uma das leitoras, na edição de 20 de agosto de 1852, com as seguintes questões:

Quando a maior parte dos pais de família procurarão dar educação às suas filhas, franca, completa e liberal? Quando não se desapreciarão as suas faculdades intelectuais e quando finalmente tentar-se-á cultivar a sua inteligência, deixando que a liberdade do pensamento flutue em seus escritos? Não entendo que uma mulher por saber música, tocar piano, coser, bordar, marcar e escrever, tenha completada a sua educação.

Com isso, percebemos que a busca por uma melhor educação e emancipação moral da mulher já existia e que o *Jornal das Senhoras* era o espaço no qual mulheres podiam se expor e questionar tais assuntos, ao destacar a importância da educação e criticar a visão tradicional e patriarcal da sociedade, que considerava a mulher como propriedade e ser inferior ao homem.

Outra participação relevante da mulher no mundo literário brasileiro foi a criação da revista *A mensageira*, também dedicada às mulheres, editada por Presciliana Duarte de Almeida nos seus três anos

de duração (1897 – 1899) e que, no primeiro número da revista, destacou:

De toda a parte surgem novos livros de prosadores e poetas e percebe-se que a atividade intelectual segue resolutamente em uma marcha gloriosa em busca do ideal artístico. Das senhoras que trabalhavam na república das letras tínhamos, até há pouco, apenas Narciza Amalia, que já se recolheu ao silêncio, Adelina Vieira e Júlia Lopes. Agora, além dessas, temos Francisca Julia da Silva, Zalina Rolim, Julia Cortines, Presciliana Duarte de Almeida, Josephina Álvares de Azevedo e Georgina Teixeira (...) o espírito feminino se desenvolve miraculosamente e a mulher procura iluminar a sua inteligência, concorrendo também com o penhor de suas vigílias para o engrandecimento das letras (ALMEIDA, P. D. *A mensageira*, n. 1, 1897, p. 2-3).

Fica notório, a partir do exposto, que o número de mulheres participantes ativas das atividades intelectuais, antes exercidas em sua maioria por homens prosadores e poetas, aumentou ao final do século XIX. Almeida (1897) ainda faz questão de citar o nome dessas mulheres, a fim de dar mais visibilidade a elas e de conscientizar as leitoras que a mulher pode exercer outras funções na sociedade, além das que lhe são delegadas (ser esposa, mãe, filha), acabando com a marginalização que essa ocupava na sociedade.

Ainda em busca dessa conscientização, Júlia Lopes de Almeida, uma das colaboradoras da revista, afirma que “a mulher brasileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode fazer mais, do que até aqui tem feito” (*A MENSAGEIRA*, n. 1, 1897, p. 4). A relevância da revista, portanto, dá-se a partir da incitação à reflexão, ao trabalho, ao estudo, enfim, ao progresso, apoiando mulheres a lutarem por seu espaço na sociedade, por meio de maior participação pública e acadêmica.

A rede formada pelo grupo de escritoras tornou-se tão extensa com o passar do tempo, que escritoras estrangeiras, tais como Eugènie Potonié e Guiomar Torreção, passaram a mandar seus escritos para serem publicados na revista. Um desses trabalhos foi o já citado artigo traduzido por Josephina Álvares de Azevedo, intitulado “A

solidariedade feminina” (*A mensageira*, 1899), de Eugénie Potonié, que igualava, socialmente, a mulher e o homem e serviu de influência para os movimentos feministas que aconteceram, no Brasil, no século seguinte.

Não obstante, o jornal *A família* (1888 – 1898), dirigido pela tradutora Josephina Álvares de Azevedo visou discutir, inicialmente, a educação recebida pelas mulheres, buscando a emancipação feminina e a participação da mulher na esfera pública. Entretanto, ao considerar o fato de que o Brasil estava sofrendo mudanças no cenário político (transferência da monarquia para a república), o jornal passou a trazer debates sufragistas, buscando, desde já, o direito da mulher ao voto. A fim de enfatizar tal direito, a tradutora, por meio de sua peça intitulada *O voto feminino* (1891), tenta conscientizar a sociedade não apenas do direito que a mulher possui de votar, mas também de ser candidata ao voto, considerando-a participante ativa da esfera política e igualando-a ao homem. Esse discurso igualitário já é discutido desde o primeiro exemplar da revista, em que a tradutora expõe que

A consciência universal dorme sobre uma grande iniquidade secular – a escravidão da mulher. Até hoje tem os homens mantido o falso e funesto princípio de nossa inferioridade. Mas nós não somos a eles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. Temos, segundo a nossa natureza, funções especiais, como eles pela mesma razão as tem. Mas isso não é razão de inferioridade, porque essa traz o animal da escala natural de suas aptidões. Portanto, em tudo devemos competir com os homens – no governo da família, como na direção do estado (*A família*, n.1, 1888, p.1)

Desse modo, fica claro que, como as demais escritoras e jornalistas citadas, a tradutora teve grande relevância na disseminação do discurso acerca dos direitos das mulheres, no Brasil, no século XIX, ao expor que a inferioridade e função secundária da mulher na sociedade não era aceitável. Mais do que isso, Josephina Álvares de Azevedo faz uma convocação às mulheres para atuarem não apenas no cenário político como também em sua família, pois, segundo ela, “as sociedades assentam suas bases sobre dois princípios cardeais: o princípio da força e o princípio da ordem”, o primeiro referente ao homem e, o segundo, à mulher. Para clarificar sua afirmação, apresenta o exemplo do governo

de uma casa, no qual “é raro o homem que sabe dirigi-la”, deixando, na maioria dos casos, a mulher para pôr ordem no ambiente, transformando-a em “dona de casa” ou “senhora do lar” (AZEVEDO, 1888, p.1).

Durante o século XX, alguns direitos foram alcançados pelas mulheres, tais como o direito ao voto, à criação de espaços institucionais, ao aumento da licença-maternidade, os direitos trabalhistas e os benefícios sociais para empregadas domésticas, o direito ao divórcio, etc. (VERUCCI, 1991). Tais conquistas auxiliaram o reconhecimento e a visibilidade da mulher em diversas áreas, inclusive no campo literário, em que escritoras receberam mais destaque e realizaram o ofício da tradução, como é o caso de Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector e tantas outras.

A tradutora Rachel de Queiroz, natural de Fortaleza, cidade do Ceará, em 1910, por exemplo, chegou a traduzir mais de 38 romances entre os anos de 1940 e 1972, além das 8 biografias e memórias entre 1935 e 1952. Podemos observar alguns dos títulos, autores e ano de publicação no quadro abaixo:

Quadro 1. Traduções de Rachel de Queiroz

ANO	TÍTULO	AUTOR
1940	<i>A família Brodie</i>	A. J. Cronin
1940	<i>Eu soube amar</i>	Edith Wharton
1942	<i>Mansfield Park</i>	Jane Austen
1942	<i>Destino da carne</i>	Samuel Butler
1942	<i>Náufragos</i>	Erich Maria Remarque
1942	<i>Tempestade d'alma</i>	Phyllis Bottone
1943	<i>O roteiro das gaivotas</i>	Daphne Du Maurier
1943	<i>A exilada: retrato de uma mãe americana</i>	Pearl Buck
1944	<i>Memórias</i>	Leon Tolstói
1944	<i>Helena Wilfuer</i>	Vicki Baum
1944	<i>Humilhados e ofendidos</i>	Fiódor Dostoiévski
1944	<i>Fúria no céu</i>	James Hilton
1945	<i>A intrusa</i>	Henry Ballamann
1945	<i>Recordação da casa dos mortos</i>	Fiódor Dostoiévski

1945	<i>Stella Dallas</i>	Olive Prouty
1946	<i>A crônica dos Forsyte</i>	John Galsworthy
1946	<i>A promessa</i>	Pearl Buck
1946	<i>Vida de Santa Teresa de Jesus</i>	Santa Teresa de Jesus
1946	<i>Cranford</i>	Elisabeth Gaskell
1947	<i>Memórias de Alexandre Dumas, pai</i>	Alexandre Dumas
1947	<i>A casa dos cravos brancos</i>	Y. Loisel
1947	<i>Aventuras de Carlota</i>	M. D'Agon de La Contrie
1947	<i>O quarto misterioso e Congresso de bonecas</i>	Mário Donal
1947	<i>Mulher imortal (biografia de Jessie Benton Fremont)</i>	Irwin Stone
1947	<i>Anos de ternura</i>	J. Cronin
1947	<i>O morro dos ventos uivantes</i>	Emily Bronté
1948	<i>Os Robinsons da montanha</i>	André Bruyère
1948	<i>A mulher de trinta anos</i>	Honoré de Balzac
1948	<i>Aventuras da maleta negra</i>	A. J. Cronin
1948	<i>Os dois amores de Grey Mannin</i>	Forrest Rosaire
1948	<i>A conquista da torre misteriosa</i>	Germaine Verdat
1950	<i>A afilhada do imperador</i>	Jean Rosmer
1950	<i>A deusa da tribo</i>	Suzanne Saily
1950	<i>A predileta</i>	Raphaelle Willems
1951	<i>Os demônios</i>	Fiódor Dostoiévski
1952	<i>Os irmãos Karamazov</i>	Fiódor Dostoiévski

1952	<i>Os deuses riem</i> (teatro)	A. J. Cronin
------	-----------------------------------	--------------

Fonte: Elaborado pela autora

A grande participação de Rachel pode ser notada a partir do quadro, durante a chamada “Idade de Ouro da Tradução”: a tradutora foi responsável pela tradução de autores clássicos como Dostoiévski, Jane Austen, Leon Tolstói e Emily Bronté que receberam, em alguns casos, suas primeiras versões traduzidas. Conforme Oliveira (2007, p. 53), Rachel dedicou-se, em 1940, especialmente à tradução, pois “a profissão de tradutora lhe era rentável e satisfatória”. Sobre sua atuação, a tradutora ainda enfatizou:

Passei a ser tradutora efetiva, um livro atrás do outro e recebendo uma retirada mensal. Às vezes me ocorre fazer uma conta dos livros que traduzi nesse período. [...] Eu trabalhava regularmente oito a dez horas por dia; nisso ganhava a vida. [...] Eu chegava a traduzir tão rapidamente esse tipo de livros [best-sellers] que pagava uma datilógrafa para bater o que eu ditava (QUEIROZ, 1999, p. 186-187, *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 54).

A fala de Rachel explica a grande quantidade de traduções em curto período de tempo: do total de 66 traduções realizadas, 33 foram apenas na década de 1940. Quanto à escolha das obras a serem traduzidas, apesar de a tradutora ter “total liberdade para traduzir o que quisesse” (OLIVEIRA, 2007, p. 54), as escolhas das obras eram feitas por Vera Pereira, esposa de José Olympio – dono da Editora José Olympio.

Tal fato é relevante se considerarmos que, das 33 traduções, 12 são de autoria feminina, entre as quais encontramos Jane Austen, Vicki Baum, Phyllis Bottone, Emily Brontë, Pearl Buck, Mario Donal – pseudônimo de Marie Chambon –, Daphne du Marier, Elisabeth Gaskell, Marie de la Contrie, Santa Teresa de Jesus e Edith Wharton, que se encontram em destaque, no Quadro 1. A contribuição de Rachel, dessa forma, foi também significativa “para a divulgação da escrita feminina e da imagem da mulher como artista” e “para a mudança de língua e cultura na época” (OLIVEIRA, 2007, p. 56), uma vez que, até então, as traduções eram, na maioria, realizadas a partir do francês, e não do inglês.

Sobre os idiomas traduzidos, a tradutora comentou:

Adestrei-me então no inglês, no qual até então era fraca, desde que Vera Pereira, mulher de José Olympio, assumiu a escolha de autores a traduzir – e ela gostava de literatura inglesa. Foi ela que me fez traduzir os vários volumes de Forsyte Saga, de John Galsworthy (QUEIROZ, 1999, p. 187 *apud* OLIVEIRA, 2007, p.57).

A obra de Jane Austen, intitulada *Mansfield Park* é um dos exemplos de traduções do inglês, pela tradutora. A tradução, realizada na época do Estado Novo, possui pressuposições do período em que foi produzida, especialmente nas escolhas realizadas no estilo, que intervêm na obra original de Austen (ALMEIDA, 2009). Segundo Almeida (2009), Rachel fez uso de estrangeirismos, conservando alguns termos do texto fonte, como é o caso dos títulos *Mr.*, *Gentleman* e *Sir*. Contudo, mesmo com tais termos e com a permanência de alguns trechos inteiros na língua estrangeira, sem fazer uso de notas de rodapé, a tradutora

Optou por uma tradução que fizesse com que o texto parecesse ter sido produzido originalmente em língua portuguesa. Esta escolha implicou, por vezes, na substituição de expressões próprias da língua inglesa por expressões próprias da língua portuguesa, no intuito de proporcionar maior fluência aos leitores brasileiros. Em outros momentos, frases inteiras foram suprimidas na tradução. Um bom exemplo é a frase *she could not be thankful* (algo como “ela não poderia fazer coisa alguma senão agradecer”), que foi traduzida simplesmente por: ficou agradecida (ALMEIDA, 2009, s/p).

A partir do exposto, observamos que a tradutora optou por uma tradução não tão literal, deixando sua marca no texto traduzido. Em outras traduções, tais como *A mulher de trinta anos* (1948), de Balzac, o mesmo foi feito. Na tradução, encontramos palavras em francês, com um diferencial: foram colocadas notas da tradutora para explicar tal ausência de tradução. Por exemplo, temos a palavra *donairière*, que é explicada da seguinte forma: “Não existe expressão portuguesa

correspondente a ‘donairière’, que significa ‘viúva dotada’ e por extensão, senhora idosa e nobre (N.T.)” (BALZAC, 1948, p. 33).

Cecília Meireles, natural do Rio de Janeiro, em 1901, foi outra escritora que atuou fortemente na prática da tradução. Desde muito cedo, a tradutora dedicou-se ao estudo das línguas, tornando-se conhecedora das línguas “inglesa, francesa, italiana, espanhola, alemã, russa, hebraica e dos dialetos do grupo indo-irânico” (DAL FARRA, 2006, p.3). Foi responsável pela tradução de várias obras, entre as quais se encontram *Sete poemas de Puravi*, *Minha bela vizinha*, *Conto*, *Mashi*, *O carteiro do rei e Çaturanga*, todas de Tagore; *Bodas de sangue* (1960) e *Yerma* (1963), ambas de Federico Garcia Lorca; e *Orlando* (1948), de Virgínia Woolf, em que as duas últimas (*Yerma* e *Orlando*) questionam a condição da mulher na sociedade.

A ucraniana Clarice Lispector teve uma relevante atuação na área da tradução. Quando começou a traduzir, na década de 1940, Clarice ainda era estudante de Direito e, por esse motivo, pouco traduziu. Apenas a partir de 1969 sua prática tradutória começou a se intensificar: entre 1969 e 1975 realizou 28 do seu total de, aproximadamente, 46 obras traduzidas. A tradutora foi responsável por diversas obras, traduzindo tanto obras de literatura infanto-juvenil, manuais de instruções, literatura adulta, peças de teatro, quanto nas áreas de psicologia ou beleza – ela traduzia por motivos financeiros, por isso a diversificação das áreas e gêneros de suas traduções.

Entretanto, conforme aponta Moser (2009 *apud* QUEIROGA, 2015, p. 93), “a tradutora tinha uma predileção por obras com temáticas ligadas a crime, pecado e violência, a exemplo dos contos de Edgar Allan Poe, ‘Entrevista com o vampiro’, de Anne Rice, romances policiais de Agatha Christie”, etc. Entre os autores que traduziu, além dos já citados, constam Oscar Wilde, Jack London, Henry Fielding, Julio Verne e Walter Scott.

Também foram responsáveis pela propagação da literatura estrangeira, no século XX, tradutoras como Amélia Sparano, tradutora de *Um crime de honra* (1963), de Giovanni Arpino, *Romanceiro de Anita Garibaldi*, de Stella Leonardos (esse último para o italiano); Ana Maria Machado, tradutora dos contos de Grimm, Peter Pan e outras histórias infantis; Ana Maria Martins, que traduziu títulos de Agatha Christie, Maurice Leblanc, Aldous Huxley, entre outros; e Bárbara Heliadora Carneiro de Mendonça, que também atuou como crítica teatral e traduziu peças de Shakespeare, como, por exemplo, *Romeu e Julieta*,

Para a propagação, em especial, do teatro, Edla Van Steen é um dos grandes nomes a serem citados. Natural da cidade de Florianópolis, Edla atua como tradutora, romancista, teatróloga, contista, etc. Foi responsável pela tradução de mais de dez peças teatrais, entre as quais se encontram *O encontro de Descartes com Pascal*, de Jean Claude Brisville, e *Três Anas*, de Arnold Wesker. Além disso, traduziu *O médico e o monstro* (1987), de R. L. Stevenson, e *Aula de Canto* (1984), de Katherine Mansfield.

A tradutora Elsie Lessa, natural de São Paulo, também traduziu peças de teatro, como, por exemplo, “*Quando as cegonhas se divertem*”, de André Rousine e *Sétimo céu*, de Austin Strong. Também traduziu as obras intituladas *O ninho dos fidalgos*, de Turguenieff, e *A voz dos sinos*, de Charles Dickens. Dora Ferreira da Silva, por sua vez, traduziu a obra *Elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke, além de autores como T. S. Eliot, D. H. Lawrence, San Juan de la Cruz, entre outros. Juju Campbell Penna, natural do Rio de Janeiro, em 1934, foi responsável pela tradução de obras de Sylvia Plath, Robert Greely e Allen Guinsberg.

Lausimar Laus, nascida em 1916, na cidade de Itajaí, em Santa Catarina, atuou como tradutora, ensaísta, jornalista, poeta, professora e cronista. Traduziu vários ensaios, conferências, crônicas de viagens, romances. Entre suas traduções, encontram-se *Projeto para uma revolução em Nova Iorque*, de Robbe-Grillet, *Boy*, de Christine de Rivoyre, e *As cobaias*, de Ludvuk Voculik. Ainda na década de 1910, a tradutora Lívia Paulini, natural da Hungria e radicada no Brasil, traduziu poemas de origem brasileira para o húngaro e inglês. Suas traduções podem ser encontradas nas coletâneas intituladas *Pérolas do Brasil* (1993) e *Pérolas de Minas* (1986).

A tradutora, poeta, ficcionista e ensaísta Lia Correia Dutra, nascida no ano de 1908, teve grande relevância na prática de tradução, uma vez que foi responsável pela tradução de *Comédia Humana*, de Balzac. Ondina Ferreira, tradutora, romancista e cronista, natural da cidade de Araraquara, em São Paulo, na mesma década, traduziu diversos romances e contos ingleses e franceses de Balzac, Tom Galt, Alexandre Dumas, Guy de Maupassant e Turgueniev.

Ainda sobre o século XX, os jornais feministas de que mais se têm conhecimento são *Brasil Mulher* (1975 - 1980), publicado pela Sociedade Brasil Mulher, e *Nós Mulheres* (1976 - 1978), publicado pela Associação de Mulheres. Pelo fato de ambos serem publicados por associações feministas, eles eram considerados os principais “instrumentos de divulgação” de informações e de debates que eram, em

sua grande maioria, censurados na imprensa oficial, pelo regime ditatorial (LEITE, 2003, p. 237).

O *Brasil Mulher*, que surgiu com o propósito de buscar a igualdade perdida entre homens e mulheres, conforme o primeiro editorial do jornal, buscou

[...] falar dos problemas que são comuns a todas as mulheres do mundo. Queremos falar também das soluções encontradas aqui e em lugares distantes; no entanto, queremos discuti-las em função de nossa realidade brasileira e latino-americana. A época do beicinho está definitivamente para trás, porque milhares de mulheres em todo o mundo fazem jornada dupla de trabalho, num esforço físico que faz com que uma jovem mãe de 30 anos pareça estar com mais de 50; mulheres que desejavam trabalhar e serem independentes economicamente de seus maridos (*Brasil Mulher*, n. 0, 1975).

Dessa forma, o jornal apresentou 1) a luta pela emancipação das mulheres; 2) a discussão “de questões teórico-práticas ligadas à explicação da dominação/exploração das mulheres”; 3) a exposição de trabalhos em que era discutida a “superação da sociedade patriarcal”; 4) os fatos acerca da realidade do Brasil após a luta armada durante o período da ditadura militar; entre outros (LEITE, 2003, p. 237).

O jornal *Nós Mulheres*, por sua vez, ao utilizar o pronome “nós” tanto em seu nome como no título de seu editorial (*Quem somos?*), “rompe com o tratamento dado às mulheres pela imprensa feminina tradicional, em que um editor impessoal e assexuado dita regras e ‘aconselha’ uma leitora chamada de ‘você, mulher’” (LEITE, 2003, p. 239), e apresenta uma linguagem reveladora de intimidade, afeto e personalidade, responsável pelo sentimento de inclusão da leitora no grupo de mulheres que lutam pelos seus direitos. Entretanto, ele também dirige-se ao homem, em seu primeiro editorial, ao destacar que:

Queremos também que nossos companheiros reconheçam que a casa em que moramos e os filhos que temos, são deles e que eles devem assumir junto conosco as responsabilidades caseiras e nossa luta por torná-las sociais. Mas não é só, Nós Mulheres queremos, junto com os

homens lutar por uma sociedade mais justa, onde todos possam comer, estudar, trabalhar em trabalhos dignos, se divertir, ter onde morar, ter o que vestir e o que calçar. E a lutarem todos, mulheres e homens, pela emancipação humana: ‘E por isto, não separamos a luta da mulher da luta de todos, homens e mulheres, pela sua emancipação’ (*Nós Mulheres*, n. 0, 1976).

As mulheres são, mais uma vez, referidas como sendo equivalentes aos homens e a luta pela emancipação deixa de ser apenas da mulher e passa a ser do ser humano.

Acerca de obras que registram a participação de mulheres no cenário brasileiro histórica e literariamente, encontramos as intituladas *Escritoras Brasileiras do Século XIX* (1999), de Zahidê L. Muzart, e *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: 1711-2001* (2002), de Nelly Novaes Coelho, que foram contribuições relevantes para o combate da invisibilidade sofrida por mulheres escritoras brasileiras nos séculos XVIII, XIX e XX.

A obra de Muzart, realizada com o auxílio de um grupo de pesquisadoras apoiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), apresenta, além da biografia, trechos de obras de um grande número de escritoras, dando destaque ao trabalho dessas mulheres, numa antologia que recupera ou, melhor, reescreve parte da história literária brasileira.

Por outro lado, Coelho (2002), ao acrescentar o século XVIII em sua pesquisa, apresenta a biografia de mais de 1400 escritoras brasileiras e tal trabalho desenvolve-se, conforme a autora, a partir do pensamento de que

para se compreender o hoje é preciso que se compreenda o ontem. Aqui foram recolhidas vozes que se fizeram ouvir na Literatura Brasileira, no decorrer de três séculos: do século XVIII (momento de plena expansão do Iluminismo na Europa) ao limiar deste Terceiro Milênio (pós-moderno?) (COELHO, 2002, contra capa).

A autora, desse modo, registra não as criações, como o realizado por Muzart, mas sim a trajetória literária de mulheres brasileiras. A importância de tais livros deve-se, portanto, à visibilidade que as

pesquisadoras deram a mulheres brasileiras, a partir de suas histórias de vida, participações no mundo literário, social e acadêmico, e criações literárias.

A partir do exposto, pudemos constatar a relevante participação de mulheres no mundo literário brasileiro, sendo essas responsáveis, em especial, pela divulgação do discurso feminista, a fim de obter os direitos das mulheres no País, nos séculos XIX e XX.

4 TRADUTORAS BRASILEIRAS: DADOS ENCONTRADOS

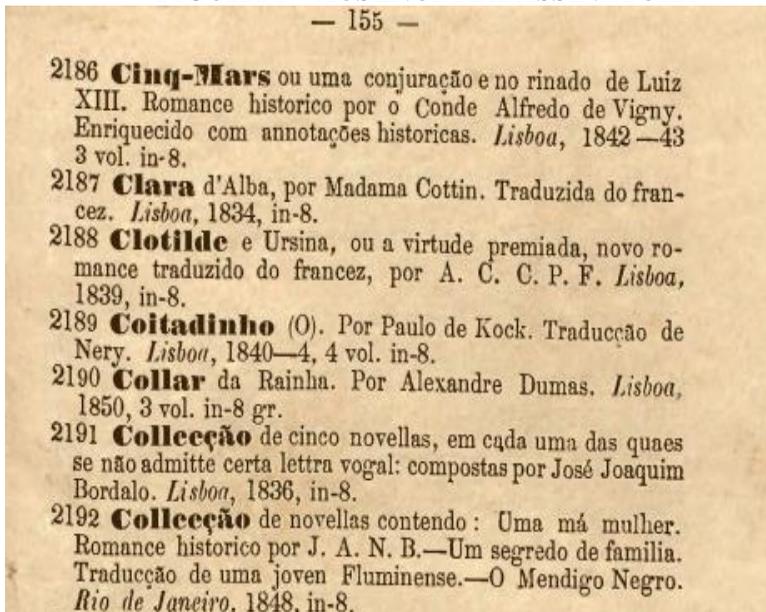
A partir de ampla pesquisa em bibliotecas, especificamente na Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e na Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco, além da utilização dos livros intitulados *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, de Coelho (2002), *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, de Muzart (1999) e do *Catálogo dos Livros da Biblioteca Fluminense* (1866), das páginas *on-line* do Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (DITRA), da Biblioteca Literária de Língua Portuguesa (UFSC) e da Hemeroteca Digital, até o momento, foram localizadas duzentos e vinte e cinco (225) tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX. Vale ressaltar que a lista completa com informações acerca das tradutoras, incluindo data e local de nascimento, suas obras traduzidas e onde essas podem ser encontradas constam no Index da presente pesquisa.

Pretende-se, neste espaço, responder as seguintes questões: 1) Quais os idiomas mais traduzidos em cada um dos séculos? 2) Quem foi mais traduzido: homens ou mulheres? 3) Qual década teve maior número de traduções publicadas? 4) Os movimentos de mulheres interferiram de maneira negativa ou positiva para a publicação de traduções por mulheres? Ou não interferiram de modo algum? 5) O número de traduções aumentou com a abertura dos cursos especializados em tradução?

Do número total de tradutoras encontradas, trinta e três (33) nasceram ou atuaram no século XIX – Beatriz Francisca de Assis Brandão nasceu no século XVIII, mas atuou de modo relevante com a prática da tradução no século XIX, tornando-se importante para a presente pesquisa – e cento e noventa e duas (192) nasceram e atuaram no século XX. A diferença considerável da quantidade de tradutoras entre os dois séculos faz-nos supor que foram poucas as mulheres que traduziram entre 1800 e 1900. Entretanto, tal suposição pode ser equivocada, uma vez que, durante o período, para manter a discrição, as mulheres utilizavam pseudônimos masculinos, assinavam suas traduções com iniciais, siglas ou nem sequer as assinavam, tornando o exercício de encontrá-las ainda mais difícil e aí discrepância dos números encontrados ainda maior.

A ausência de assinatura pode ser encontrada, por diversas vezes, por exemplo, no *Catálogo dos Livros da Biblioteca Fluminense* (1866), como pode ser observado na figura abaixo:

FIGURA 1 – AUSÊNCIA DA ASSINATURA



Fonte: *Catálogo dos Livros da Biblioteca Fluminense* (1866, p. 155)

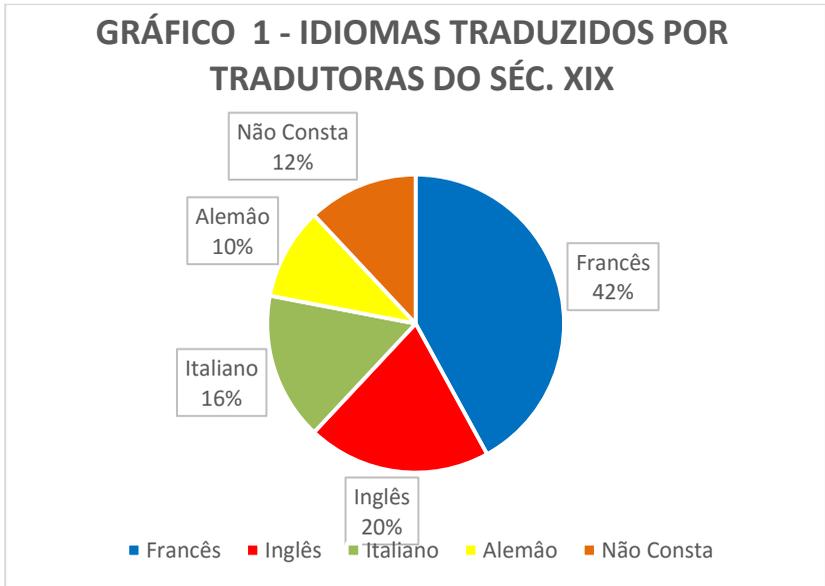
No título de número 2192, observamos que, no lugar de constar o nome da tradutora, prefere-se escondê-lo por “uma joven Fluminense”, expondo, pelo artigo indefinido feminino, que a tradução foi realizada por uma mulher, sem informar exatamente quem. Um exemplo da utilização da mesma assinatura é o da tradutora Maria Francisca Pedreira Ferreira que, em sua tradução intitulada *Deveres dos meninos*, em 1873, também assinou como “uma jovem fluminense” (BERNARDES, 1989, p. 1989).

No *Catálogo dos Livros da Biblioteca Fluminense* (1866) ainda podem ser encontrados, em outros momentos, a utilização das assinaturas “por uma curiosa” (p. 37) ou até “por uma senhora” (p. 188). Além disso, o uso de siglas, como a do número 2188, na mesma figura, também é bastante comum no catálogo, fazendo-nos questionar se a tradução foi realizada por homem ou mulher.

Casos de pseudônimos podem ser observados na presente pesquisa, pois entre as 33 tradutoras encontradas que nasceram ou atuaram no século XIX consta Paulina Philadelphia, tradutora e escritora que, de acordo com Pinheiro (2007), não se sabe exatamente quem é: tal nome não passa de um pseudônimo que a tradutora utilizava. A profissional, que atuou fortemente no *Jornal das Famílias*, chegando a publicar uma tradução intitulada “Dolores”, que foi dividida em várias partes, tendo a duração de novembro de 1865 a junho de 1868, não deixou qualquer informação sobre sua verdadeira identidade.

Nísia Floresta é outro exemplo, uma vez que esse é o nome literário de Dionísia Freire Lisboa. A tradutora ainda criou e utilizou outros pseudônimos de seu pseudônimo, como Nísia Floresta Brasileira Augusta, F. Augusta Brasileira (como consta em seu livro *Conselhos à minha filha* e na tradução *Consigli a mia figlia*, em 1858), B.A., sigla de Brasileira Augusta (como consta em “*Dedicação de uma amiga*”, de 1850), chegando até a assinar *par une Brèsilienne* (por uma brasileira, na tradução literal) na obra *Trois ans em Italie, suivis d’un Voyage em Grèce* (Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia), em que critica a escravidão no Brasil. Rita de Cintra Costa, por outro lado, para não criar pseudônimo, optou por assinar de diferentes formas, escondendo o primeiro ou segundo nome, como é o caso de Rita Costa ou Mme. Cintra Costa, que constam no jornal *O Lyrio*.

No que se refere às traduções realizadas pelas profissionais que nasceram no século XIX, foram encontrados 90 títulos traduzidos. Entre esses, se encontram *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, por Nísia Floresta; “Educação das meninas”, por Ana Euquéria Lopes de Cadaval; “A solidariedade feminina”, por Josephina Álvares de Azevedo; *Ilusões perdidas*, por Sílvia Mendes Cajado; *O filho do homem*, por Amélia Rodrigues, entre tantos outros, de vários idiomas, que são expostos no gráfico abaixo:



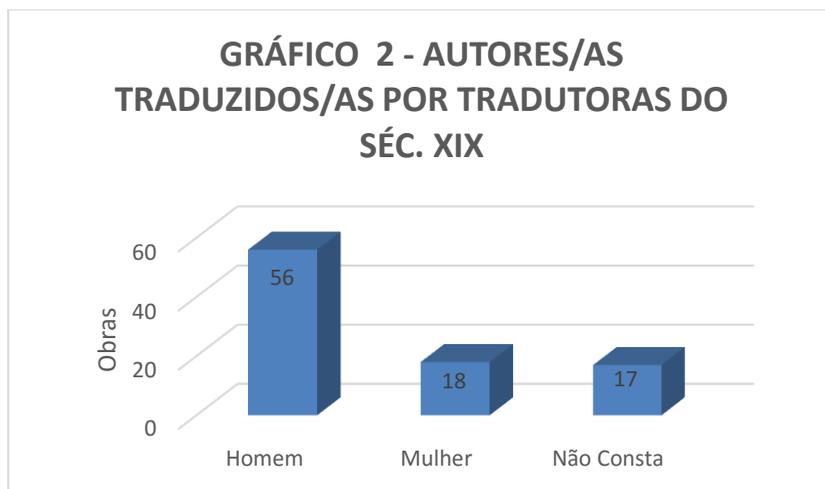
Fonte: Elaborado pela autora

O francês, como discutido anteriormente, era considerado o principal idioma a ser traduzido: das 32 tradutoras encontradas, 21 traduziam a partir da língua francesa. O inglês surge em segundo lugar, uma vez que era dominado por 10 tradutoras; o italiano, por 8 tradutoras; seguido do alemão, por 5 tradutoras. Importante lembrar, conforme exposto na lista que se encontra no Index, que havia tradutoras que dominavam mais de um idioma. É o caso da gaúcha Carolina von Kosertiz, que traduzia a partir do francês, inglês e alemão; de Beatriz Francisca Assis Brandão, que traduzia do italiano e francês, de Ana Amélia Carneiro de Mendonça, que dominava o francês, inglês e alemão; de Nísia Floresta, que atuou com o francês, inglês e italiano; de Violante de Bivar e Velasco, que traduziu do francês, italiano e inglês, entre outras.

Tradutoras como Virgínia Tamanini, que traduziu em especial romances italianos; Sofia Sá e Sousa e Francisca Maranhão Cavalcanti Albuquerque, que traduziram do alemão, são casos à parte que ou desconheciam ou optaram por não trabalhar com a língua francesa, dominante no século XIX.

Quanto a quem era mais traduzido, se eram homens ou mulheres, ainda durante a atuação das tradutoras dos anos oitocentistas, dos 91

títulos encontrados, 56 foram escritos por homens, enquanto apenas 18 foram escritos por mulheres: quase três vezes menos. Esses dados podem ser mais bem observados no Gráfico 2:



Fonte: Elaborado pela autora

As obras escritas por homens, dessa forma, recebem destaque por terem ocupado aproximadamente 62% do total das traduções publicadas no período de atuação das tradutoras. Entre os autores mais traduzidos, encontram-se Alexandre Dumas, por Vicentina de Carvalho, com a tradução intitulada *O doutor misterioso*; Violante de Bivar e Velasco, com a tradução de *O xale de casemira verde*; e Anna Henriqueta Froment da Motta e Silva, com o título *Paulina*; e Lord Byron, com traduções de Francisca Izidora e Carolina Von Koseritz, essa última com o título *Contos de viagem*.

Enquanto isso, obras escritas por mulheres equivalem a aproximadamente 20%. Entre essas, constam a tradução de *A Vindication of the rights of woman*” (*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*), por Nísia Floresta; as obras e traduções da própria Nísia, feitas por ela ou por sua filha, Lívia Augusta, *La donna* e *Consigli a mia figlia*, por exemplo; a tradução realizada por Corina Coaracy de *A alegria causa medo*, originalmente de Mme. Giradin; *O filho do homem*, da Baronesa von Krane, traduzido por Amélia Rodrigues, entre outras.

Entre os 17 títulos em que não constam o nome do/a autor/a se encontram *A filha do sultão*, traduzido por Gabriela de Andrada, sem registro do autoria; *Oração da enfermeira*, traduzido por Maria Eugênia

Celso, de autoria desconhecida; *Deveres dos meninos*, traduzido por Maria Francisca Pedreira Ferreira; e as óperas traduzidas por Beatriz Francisca de Assis Brandão, intituladas “Alexandre na Índia”, “Angélica e Medoro”, “Diana e Edimião”, “José no Egito”, “Semíramis reconhecida”, “Sonho de cipião”, entre outras.

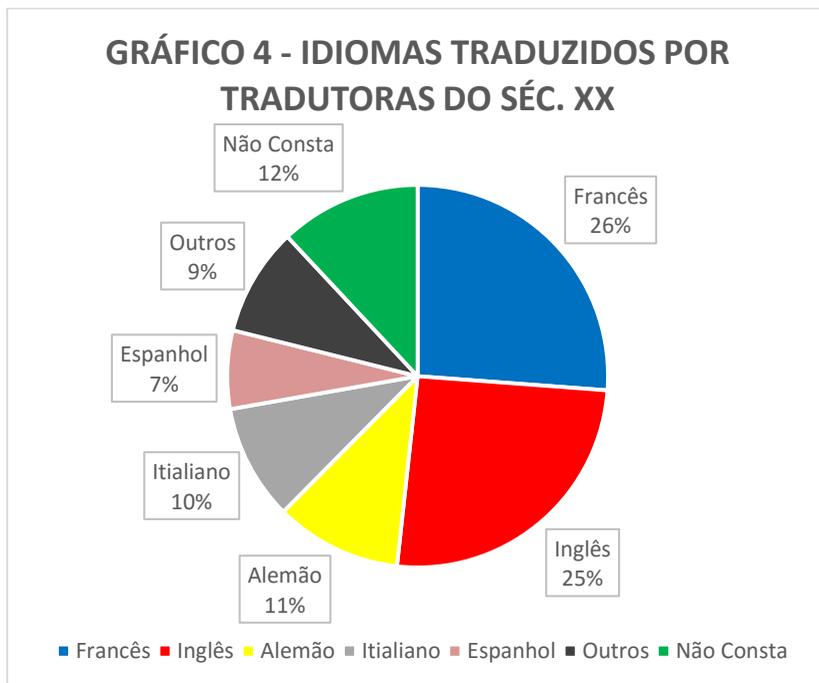
As décadas de publicação, para nossa surpresa, são as mais variadas: vão de 1830, com a publicação da tradução de Nísia Floresta, em 1832, até 1960, com a publicação da tradução de Sílvia Mendes Cajado da obra *Ilusões Perdidas*, de Honoré Balzac, como pode ser observado no gráfico abaixo:



Fonte: Elaborado pela autora

Do total de 91 títulos traduzidos por tradutoras brasileiras do século XIX, nota-se que 25 foram publicados entre os anos de 1830 e fim de 1899; 28 foram publicados entre 1900 e o ano de 1960; e 38 títulos não apresentaram data de publicação. A década de maior atuação, nos anos 1800, é a de 1840, com as traduções de Ana Euquéria Lopes Cadaval, intitulada *Magdalena*, de Julio Sandeau, em 1849; de Anna Henriqueta Froment da Mota e Silva, *Mauprat*, de Jorge Sand, em 1846, *Paulina*, de Alexandre Dumas, em 1844, *De dia para dia*, de Frederico Soulié, em 1845/46, *Emerance*, de Madame Ancelot, em 1844/45, e *Delfina*, de Mme. De Staël, em 1843; e de Maria Emília Macêdo, tradutora de *Os amores de Camões e de Catharina d’Athaide*, de Madame Guatier, em 1844.

No século XX, o número de tradutoras e traduções publicadas aumenta consideravelmente: foram encontradas 192 tradutoras e 1.149 obras. Outros idiomas também passaram a ser traduzidos, como é o caso do russo, latim, tupi, espanhol, entre outros. O Gráfico 4, situado abaixo, detalhará os dados encontrados quanto aos idiomas:



Fonte: Elaborado pela autora

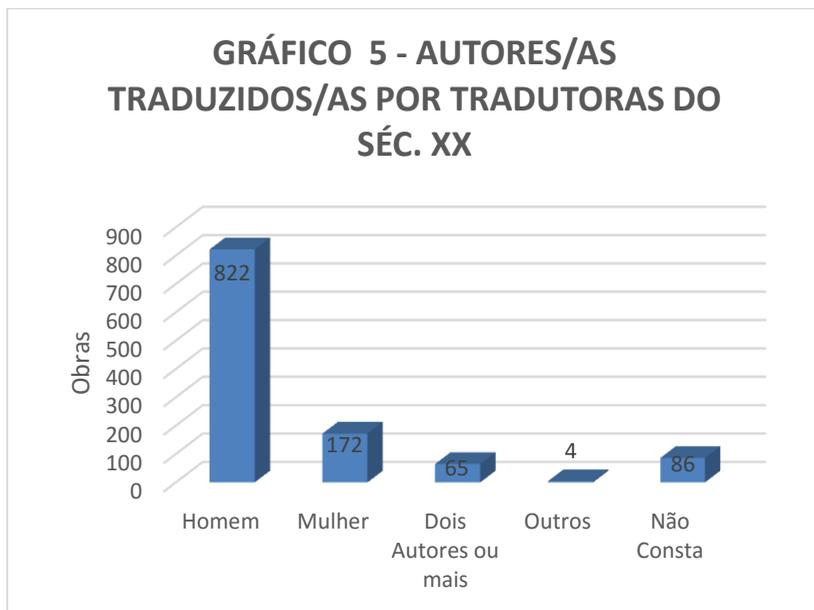
Observamos que o francês continua sendo o idioma mais dominado pelas tradutoras, com o total de 83 tradutoras falantes e atuantes da língua, seguido do inglês, com 81 tradutoras. Por sua vez, o alemão e o italiano tiveram aumento considerável, passando de 5 e 8 para 34 e 31 tradutoras falantes/atuantes, respectivamente. A tradutora Christine Röhrig, por exemplo, teve grande atuação com a tradução dos autores alemães Bertolt Brecht, Dimiter Inkiow e Heiner Müller: 26 traduções no total. Do italiano, Mariarosaria Fabris traduziu mais de 25 obras do poeta Cesare Ruffato.

A maior novidade, entretanto, é o espanhol, dominado e trabalhado por 21 tradutoras. Isso significa que autores/as de países de

cultura latina passaram a ser traduzidos/as, como é o caso do argentino Jorge Luis Borges e do cubano Guillermo Cabrera Infante, traduzidos por Josely Vianna Baptista; do colombiano Javier Covo Torres, traduzido por Joana Angélica d'Ávila Melo; e do espanhol Federico Garcia Lorca, por Cecília Meireles, etc.

Ademais, tradutoras como Maria de Lourdes de Paula Martins, que traduziu poemas de José de Anchieta do tupi e do latim, e poemas de Virgílio e Ovídio, do latim clássico; e Tatiana Belinky, natural da Rússia e radicada no Brasil, que enriqueceu o campo de histórias infantis que chegavam ao Brasil com suas traduções de *Os contos de Grimm*, *Chapeuzinho vermelho*, *Branca de Neve e os sete anões*, *A gata borralheira*, todos traduzidos do russo, são o diferencial dos anos mil e novecentos.

Quanto à relação entre homens e mulheres mais traduzido/as, obras de autores masculinos ainda são dominantes: 822 no total (cerca de 71,5%). Obras escritas por mulheres ficam em segundo lugar, com apenas 172 traduções publicadas, seguido por obras de dois(duas) ou mais autores(as), com 65 traduções. Tais dados podem ser observados no gráfico abaixo:



Fonte: Elabora pela autora

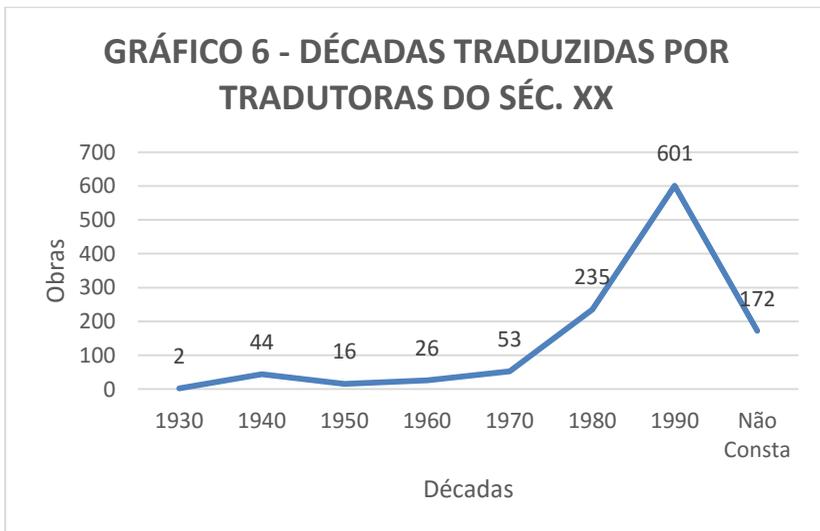
Entre as autoras mais traduzidas, encontra-se Virgínia Woolf, por Cecília Meireles e Laura Alves, tradutoras de *Orlando*; Paula Maria Rosas, tradutora de *Momentos de vida*; Patrícia de Freitas Camargo, tradutora de *Kew Gardens: o status intelectual da mulher, um toque feminino na ficção, profissões para as mulheres*; Ruth Rocha, tradutora de *A cortina da tia Bá*; e Vera Ribeiro, com a tradução de *Um teto todo seu*. A escritora feminista búlgaro-francesa Julia Kristeva também é bastante traduzida, tendo seus títulos *Estrangeiros para nós mesmos* e *Sol negro: depressão e melancolia* traduzidos por Carlota Gomes; e *Histórias de amor* e *No princípio era o amor*, por Leda Tenório da Mota.

Não obstante, observamos que todas as traduções encontradas, realizadas por Cláudia Beck Abeling Szabo foram de autoras: *Abandono e auto-alienação*, de Kathrin Asper; *O drama da criança bem dotada: como o pais podem formar (e deformar) a vida social dos filhos*, de Alice Miller; e *Energia vital pela bioenergética suave*, de Eva Reich.

A tradutora Heloísa Jahn que, apesar de não ter traduzido apenas obras por mulheres, também teve grande participação para a propagação da literatura dessas, por meio dos títulos *Histórias de mil e uma noites* e *Histórias de Shakespeare*, de Rossana Guarnieri; *Águas profundas*, de Patrícia Highsmith; *Outsiders – vidas sem rumo*, de Susan Eloise Hinton; *Nova narrativa argentina*, de May Lorenzo Alcalá; *A bolha de Raquel Pimentel*, de Amy MacDonald; *Como contar crocodilos*, de Margaret Mayo; *Em breve cárcere*, de Sylvia Molloy; *Sexo para uma vida melhor*, de Ruth Westheimer; *Mulan, O primeiro dia de Pooh na escola, Pooh vai ao médico* e *Tarzan*, de Kathleen Weidner Zoehfeld – esses últimos sendo contos infantis.

Por fim, no que se refere às décadas mais traduzidas, constatamos que, na década de 1990, foi publicado o maior número de traduções realizadas por mulheres do século XX. Do total de 1.149 obras encontradas, 601 foram publicadas entre 1990 e 1999, seguida pela década de 1980, com 235 traduções publicadas.

Na época de “ouro da tradução” (WYLER, 2003), ou seja, a década de 1940, foram localizadas apenas 44 traduções, das quais 31 foram realizadas por Rachel de Queiroz. Tal valor é pequeno, quando comparado aos números das duas últimas décadas do século, mas torna-se relevante quando posto ao lado da quantidade de traduções publicadas entre 1950 e 1970, como podemos observar no gráfico abaixo:



Fonte: Elaborado pela autora

A publicação de traduções realizadas por tradutoras, como exposto acima, decaiu entre os anos de 1950 e 1970, chegando a publicação de quase três vezes menos, na década de 1950, que a anterior. Ainda vale ressaltar que, das 16 traduções publicadas, seis foram traduzidas por Rachel de Queiroz, entre as quais se encontram as obras *A afilhada do imperador*, de Jean Rosmer; *A deusa da tribo*, de Suzanne Saily; *A predileta*, de Raphaele Willems; *Os demônio* e *Os irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski; e *Os deuses riem (tanto)*, de A. J. Cronin.

Na década de 1960, a maior atuação foi a de Cecília Meireles, com as traduções das obras *Bodas de sangue* e *Yerma*, de Federico Garcia Loca; *Çaturanga*, de Rabindranath Tagore; e as antologias *Poesia de Israel* e *Poesia e prosa de Israel*. Clarice Lispector também teve importante atuação como tradutora da época, sendo responsável pela tradução das obras *Matriz de Bravos*, de Anya Seton, e *Três ratinhos cegos*, de Agatha Christie.

Coincidência ou não, a queda de publicações de traduções realizadas por mulheres ocorre durante o período ditatorial no Brasil. Podemos supor, por esse motivo, que o movimento feminista brasileiro, que retornou apenas em 1970, como já discutido, apresentando demandas de mudança na relação entre homens e mulheres, em que

ainda era conferido a essas um papel secundário na sociedade, influenciou e favoreceu a publicação de traduções por mulheres.

Não obstante, também é bastante provável que a criação de cursos de graduação e pós-graduação na área da tradução tenham favorecido o aumento de tradutoras e suas publicações. Na década de 1960, de acordo com Silva, Freitas e Romão (2013), os Estudos da Tradução já estavam sendo incluídos nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras e idiomas, como francês, inglês, italiano e alemão.

Comprovamos esse fato ao analisarmos as formações das tradutoras Ana Thereza Basílio Vieira, que formou-se em Letras Latinas e Letras Italianas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Beatriz Horta, com pós-graduação em Tradução de Inglês-Português na Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); Beatriz Viégas-Faria, que fez bacharelado em Letras com foco em Tradução Português-Inglês, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Bluma Vilar, licenciada em Português-Francês na PUC-RJ; Carlota Gomes, formada em Letras Neolatinas na Universidade de São Paulo (USP); Carolina Alfaro de Carvalho, graduada em Letras com bacharelado em Tradução na PUC-RJ; Maiza Rocha, formada em Tradutores e Intérpretes em Francês-Alemão, na Faculdade Ibero-Americana, entre tantas outras que se encontram no Index da presente pesquisa e tiveram suas traduções publicadas, em especial, a partir da década de 1980.

5 TRADUTORAS FEMINISTAS PERNAMBUCANAS DOS SÉCULOS XIX E XX

Atualmente, é possível encontrar historiografias de mulheres e escritoras brasileiras que atuaram de modo relevante no Brasil; entretanto, no que se refere às tradutoras, especificamente, tal estudo ainda representa uma lacuna.

Busca-se, nesse espaço, apresentar um estudo historiográfico sobre tradutoras feministas pernambucanas, de modo a exemplificar que pesquisas podem ser feitas com as informações encontradas e expostas ao longo desta dissertação, e dar mais visibilidade a essas mulheres que mudaram e influenciaram não apenas a história e cultura de Pernambuco, como também do País, seja por meio de suas traduções, obras literárias ou participações políticas.

5.1 Francisca Izidora Gonçalves da Rocha

Vida, trabalho e atuação nos movimentos feministas

Tradutora, musicista, dramaturga, poeta, conferencista, feminista e jornalista, nasceu em 24 de janeiro de 1855, em um engenho de açúcar na cidade de Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife, em Pernambuco. Filha da também poetisa Isidora Gonçalves da Rocha e irmã do deputado Herculano C. Gonçalves da Rocha.

Desde os dez anos de idade Francisca Izidora tem envolvimento com as letras, pois, junto ao irmão, iniciou o jornal familiar *A vontade*, na cidade de Escada, no interior de Pernambuco. A experiência positiva fez com que, anos depois, a tradutora possuísse uma coluna de crônicas em outro jornal do irmão, intitulado *A Victoria*, no ano de 1873. Nessa, a tradutora tratava de temas diversos, que iam desde “a defesa de melhorias para a cidade de Vitória de Santo Antão [cidade da região metropolitana do Recife], como literatura e também política internacional” (SCHUMAHER, 2000, p. 244).

Colaborou com jornais, revistas e periódicos de Pernambuco, entre os quais se encontram os jornais *Correio Pernambucano*, em 1868, *Diário de Pernambuco*, em 1901, e *A província da cidade do Recife*, em ano desconhecido; além da revista dedicada ao público feminino *O Lyrio*; e dos periódicos *O Phanal* e *O Commercio*, do interior do Estado.

Durante sua atuação em *O Lyrio*, nos anos 1903 e 1904, revista que defendia, em especial, a educação das mulheres, que considerava ser fator indispensável para que mulheres tivessem maior atuação social, econômica e política, a tradutora ainda foi admitida como sócia-correspondente da Academia Pernambucana de Letras. A colaboração, junto à admissão em um período em que mulheres restringiam-se às atividades domésticas, fez de Francisca Izidora grande influenciadora de movimentos femininos e da literatura feminina no Brasil.

Na revista de número 6, a tradutora foi apresentada pela primeira vez como colaboradora, pela redatora Úrsula Garcia e, no número seguinte, publicado em 5 de maio de 1903, respondeu com uma nota, na capa, direcionada à redatora:

A' Ursula Garcia

Gratissima sou eu as phrases repassadas
De conceitos gentis, e doce inspiração!
Eu as deixo ficar aqui no coração
Como um rico bouquet de flores perfumadas.

Com fina perspicacia e vistas amestradas
Quizeste devassar dest'alma a solidão...
Mas do espírito meu a intima afflicção.
O que deixa, ao tocar as fibras lanceadas?

Vãs perdas d'illusões, supridas n'um momento,
Pois é a condição da pobre humanidade
Mudar a cada instante o vario pensamento!...
A minha intensa dor fitando a imensidade
E nada descobrir que suppra o sentimento!
Sim! É a falta dos meus! A intérrima saudade!

Victoria.

Francisca Izidora.¹¹

No mesmo número, a tradutora ainda publica seu poema intitulado "Heart Strings"¹² (algo como "Cordas do coração") que, apesar de possuir título em inglês, foi publicado em português.

¹¹ Disponível em: <
http://memoria.bn.br/pdf/828343/per828343_1903_00007.pdf>. Acesso em 15
out 2015

¹² Ibid. p. 3

Enquanto colaborava com os jornais e revistas, Francisca atuava como professora de ensino fundamental em Vitória de Santo Antão, onde viveu por bastante tempo, nunca se casou e chegou a falecer em 1919. Pela sua participação e por também ser musicista, foi-lhe proposto o trabalho de compor o hino da cidade, honrando a Batalha das Tabocas¹³ (COELHO, 2002, p. 217).

No teatro, Campello (1922) expõe o nome de Francisca Izidora entre diversos dramaturgos de Pernambuco, como Artur Benício de Araújo Lima, Paulo de Albuquerque, Mário Mello, Francisco José da Cunha Galvão, etc., tornando-a a única dramaturga citada entre os homens. Entre suas obras, encontram-se os títulos *A filha dos tupys*, ainda inédito, o drama lírico em três atos *Elnar*, publicado pela *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, o romance *O sítio de Lysandro* e a novela *Predestinação*, publicada em *O Lyrio*.

Quanto a sua atuação nos movimentos femininos, participou, ao lado de feministas como Edwiges de Sá Pereira, Maria Amélia de Queirós e Leonor Porto, da luta a favor dos direitos das mulheres. Por meio da chamada “Imprensa perfumada” – nome dado a jornais e revistas em que os corpos organizacional e editorial eram unicamente compostos por mulheres –, Francisca Izidora deu ressalve à relevância da participação da mulher para a construção da sociedade brasileira, impondo que essa recebesse uma educação que não fosse relacionada apenas à família e cuidados de casa.

Atuação como tradutora

Como tradutora, traduziu do francês, mesmo tendo conhecimento, também, da língua inglesa. Foi responsável pela tradução de poemas de autores clássicos, tais como Ossian – conhecido como “o poeta que não existiu”, uma vez que o verdadeiro criador dos poemas foi o escocês James Macpherson (LOPES, 2009) –; o poema “Manfredo”, por Lord Byron; *A cabana indiana*, de Bernardin de Saint-Pierre; poemas de Alphonse de Lamartine; e “Os dois medos”, de Ramón de Campoamor.

¹³ A batalha ocorreu no Monte das Tabocas, situado no município de Vitória de Santo Antão, em 3 de agosto de 1645. Foi o primeiro confronto da insurreição pernambucana que buscava a recuperação do território do império português. Para mais informações: <
<http://www.prefeituradavitoria.pe.gov.br/www3/monte-das-tabocas/>>.

Encontramos, no nº 21, ano 3, na capa da revista *O Lyrio*, sua tradução¹⁴ do poema de Campoamor:

Os dois medos
(Campoamor)

Quando a noite chegou d'aquelle dia
Aproximei-me a si...
¿ Porque te chegas tanto? Dizia:
“Tenho medo de ti!”

Depois que a noite já passado havia,
De seu lado fugi...
¿ Por que tu foges tanto... Eu te queria...
“Tenho medo sem ti!...”

Francisca Izidora.

Observamos, a partir da tradução exposta, que a tradutora optou pela permanência da pontuação do idioma nativo do autor Campoamor, ou seja, do espanhol, ao utilizar o ponto de interrogação no início e fim de questionamentos; entretanto, o mesmo não ocorre nas frases exclamativas. Podemos subentender, com isso, que a tradutora preocupou-se em dar visibilidade à identidade espanhola do autor, visto que, na versão do idioma inglês do poema, esse tipo de pontuação é inexistente, como pode ser visto abaixo:

The Two Fears

With the onset of that night,
She, remote from me, said:
Why do you come so close to me?
I am afraid of you.

And after the night had passed,
She, close to me, said:
Why do you move away from me?
I am afraid without you.

Campoamor¹⁵

¹⁴ A imagem extraída da revista se encontra em Anexo.

¹⁵ Versão disponibilizada na revista *O Lyrio*, nº 21, ano 3.

Por outro lado, a profissional também se preocupou em se expor como mulher, uma vez que traduziu o poema na primeira pessoa, se identificando como o “she/ela” do texto de partida e, conseqüentemente, posicionando-se como personagem feminina e destacando sua presença no texto traduzido. Ao contrário do que ocorre em “The Two Fears”, em que o eu lírico posiciona-se todo o tempo como homem, ao diferenciar os gêneros com os pronomes “she” e “you”, ao se tratar da mulher; e “me” e “I” ao falar de si mesmo, homem, eu lírico masculino.

Dessa forma, a tradutora acaba por feminizar sua tradução, destacando a presença e posição da mulher na linguagem, atuando conforme Lotbinière-Harwood (1991) em suas traduções, e chegando a utilizar, de certo modo, a estratégia feminista de correção no poema original, adequando-o ao seu gênero.

Não obstante, podemos ainda observar a utilização da estratégia de aliteração, causando um efeito estilístico em que o som recebe mais destaque que o sentido do texto, prática utilizada por Levine (1992). Essa estratégia pode ser observada nos versos “Quando”, “d’**a**quelle **d**ia”, “**D**izia”, “**medo de ti**”, “**D**epois”, “**passado**” “**D**e seu lado”, em que a repetição do som do “d” intensifica o ritmo do poema.

Publicações: Romance – O Sítio de Lysandro; A filha dos tupys. Drama – Elnar. Novela – Predestinação.

Traduções: “Os dois medos”, de Ramón Campoamor; “Manfredo”, de Lord Byron; “A cabana indiana”, de Bernardin de Saint-Pierre.

5.2 Josephina Álvares de Azevedo

Vida, trabalho e atuação nos movimentos feministas

Tradutora, poeta, jornalista, dramaturga, feminista e biógrafa. Filha de Inácio Manoel Álvares de Azevedo, é irmã, por parte de pai, do escritor e poeta Manuel Antônio Álvares de Azevedo. Nasceu em 3 de março de 1851 e há quem diga que é natural do Rio de Janeiro. Entretanto, a partir de sua fala publicada no Jornal *A Família*, em 7 de dezembro de 1889, comprovamos diferentemente:

Continuando minha excursão para o norte, coube-me a ventura de tocar em minha terra natal Pernambuco!

[...]

Para mim não é só Pernambuco a Veneza do Norte, é também o berço encantado em que embalsamaram-me os sonhos irisados da meninice – berço radiante, librado na grimpada das vagas que espumam por sobre os arrecifes, espalhando-se pela imensidade azul dos mares.

Oh! minha terra adorada!

Nessa, a autora referiu-se à chegada em Recife, capital de Pernambuco, seu local de nascimento. Além disso, encontramos nota publicada pelo *Diário de Pernambuco*, jornal de Recife, afirmando:

Fomos ontem honrados com a visita da distinta colega e comprovinciana a Exma. Sra. D. Josephina Álvares de Azevedo, proprietária e redatora da importante revista semanal *A Família*, que atualmente está sendo publicada no Rio de Janeiro e é dedicada à educação da mãe de família.

A inteligente e amável colega, que ontem chegou da Corte, vem, depois de 12 longos anos, visitar a terra natal [...] (*apud* SOUTO-MAIOR, 2001, p. 47).

Embora haja quem negue o parentesco com a família Álvares de Azevedo, encontramos evidência de sua relação com a família, publicada na *Gazeta de Notícias*:

A comédia *Voto Feminino* da inteligente redatora da *Família*, D. Josephina Álvares de Azevedo, sobre à cena brevemente, no teatro Recreio Dramático, em benefício do ator Castro.

Honra a nova comediógrafa com o seu talento, o nome que tem e que representa na nossa literatura o de um grande poeta, duplamente ligado à inteligente escritora – pelos laços do parentesco e pelos do espírito. Aguardemos a representação.

Da *Gazeta de Notícias* (*apud* SOUTO-MAIOR, 2001, p. 44).

Em 1888, Josephina foi responsável pela fundação do jornal *A Família*, “dedicado à educação da mãe de família”¹⁶. Nesse, assinava seus textos com o pseudônimo de Zefa e tinha como proposta “iniciar as mulheres nos seus deveres de esposa e mãe” (SOUTO-MAIOR, 2001, p. 49). Devido à educação destinada às mulheres, resumida em “saber mal o português, a aritmética, o francês, o canto e o desenho, e muito mal arrumar a casa” (AZEVEDO, 1889, p. 2), buscou apresentar “uma educação sólida e desenvolvida [...] para todos os misteres da vida, como dignas leais companheiras do homem, tão capazes de desempenhar altas funções do estado, como as secundárias obrigações que lhe competem na família” (AZEVEDO, 1899, p.1).

Observamos, na fala da tradutora, que seu discurso ainda demonstrava influências da cultura e sociedade patriarcal: a educação feminina deveria fazer da mulher companheira digna e leal do homem. Entretanto, no número 3 do jornal, em 15 de dezembro de 1888, Josephina passou a advogar a favor da emancipação da mulher, com a publicação do artigo “Emancipemo-nos”, no qual começa com a questão “Se é condição essencial de progresso social a nobilitação da mulher, por que é que ainda não somos emancipadas?” e termina com a afirmação “seja a mulher igual ao homem e a sociedade será perfeita” (AZEVEDO, 1888, p. 1-3).

Além disso, na edição de 27 de fevereiro de 1890 Josephina ainda faz a crítica dos conteúdos dos demais periódicos da época:

Completa com este número o quinquagésimo de sua publicação o modesto periódico de que sou redatora.

No largo período de pouco mais de um ano, tenho conseguido, porém firmar uma publicação exclusivamente dedicada à emancipação da mulher, vencendo embora os maiores obstáculos, tendo de bater constantemente o indiferentismo atroz com que se olha para uma publicação semelhante.

Outras publicações há por aí, também consagradas às senhoras brasileiras; essas porém não se preocupam de coisas úteis; consagram-se às

¹⁶ HEMEROTECA DIGITAL. *A Família*: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/familia-jornal-litterario-dedicado-educacao-da-mae-de-familia/379034>>. Acesso em 20 nov 2014.

vaidades mundanas, à literatura amena, a assuntos de mero passatempo.

No terreno de alevantamento do espírito da mulher, não tenho visto senão algumas publicações raras, e essas mesmas devidas as penas masculinas (AZEVEDO, 1890, p.1).

Com a formalização da República como regime político do Brasil, no final de 1899, o discurso da tradutora passou a evidenciar, além do direito à educação e à emancipação, o direito ao voto, à intervenção em eleições, a se eleger, enfim, o direito à igualdade de condições disponibilizadas unicamente ao homem.

No seu artigo “As mulheres e a eleição”, publicado no jornal *A Família*, defendeu o candidato a deputado ao Congresso Constituinte José Lopes da Silva Trovão, pois esse defendia o direito eleitoral das mulheres. Em seu outro artigo “O direito de voto”, publicado no mesmo jornal, em dezembro de 1889, Josephina afirma que “a emancipação intelectual das mulheres as tornara plenamente habilitadas ao exercício do direito do voto” (AZEVEDO, *apud* SOUTO-MAIOR, 2001, p. 64).

Sobre o assunto, a tradutora ainda argumenta que

Em geral, os casos de incapacidade política são estes – menoridade, demência, inabilitações, restrição de liberdade por pena cominada, etc., etc. A esses aduzem os legisladores a ‘diferença do sexo’. Mas em que diferença pode constituir razão de incapacidade eleitoral?

A mulher educada, instruída, em perfeito uso de suas faculdades mentais, exercendo com critério as suas funções na sociedade, é uma personalidade equilibrada, apta para discernir e competente para escolher entre duas ideias aquela que melhor convém. Não pode por conseguinte estar em pé de igualdade com os dementes, com os menores, com os imbecis.

Assim sendo, é absurdo o princípio de sua incapacidade eletiva.

Opõem os homens que a diferença de sexo estabelece incapacidade para as funções públicas! Está provado, com a moderna faculdade do exercício de algumas dessas funções, que a tal incapacidade não existe em absoluto. [...]

O direito de voto é um direito de escolha; e todos que possuem o necessário critério de escolha devem possuir o direito de voto. (AZEVEDO, 1889, p. 1).

Observamos, a partir do exposto, a relevância da tradutora não apenas no discurso a favor da emancipação feminina, como também na luta sufragista. Sua comédia teatral intitulada *O voto feminino*, em 1893 continua essa discussão. Na peça, é apresentada a “frustração da expectativa de decretação da lei do voto feminino, causada pela resposta negativa do ministro do consulado a respeito, dada *ipsis litteris* nos termos do infundado parecer” (SOUTO-MAIOR, 2001, p. 72).

Josephina, dessa forma, deixou sua marca como escritora de textos de cunho político, questionando não apenas a autoridade masculina na família, como também na construção da sociedade. Como autora, escreveu os títulos *Retalhos*, em 1890; *A mulher moderna: trabalhos de propaganda*; e o já citado *O voto feminino*, além dos artigos em seu jornal.

Atuação como tradutora

Como tradutora, foi responsável pela tradução do drama *Os companheiros do sol*, em 1890, de Paul Jay; do artigo “A solidariedade feminina”, da feminista Eugénie Potonié Pierre, publicado na revista *A mensageira*, em 1899; e do artigo “Mães e Mestras”, traduzido do francês, de Mlle. Nathalie de Lajolais e publicado no jornal *A família*, em 1888.¹⁷

A tradução do artigo “Mães e Mestras: educação prática das mulheres”, de Mlle. Nathalie de Lajolais, se encontra disponível *on-line* na Hemeroteca Digital e no anexo da presente pesquisa. Foi a primeira tradução publicada de Josephina, de que se tem conhecimento. Na época, a tradutora sugeria que as mulheres devessem receber uma educação voltada à maternidade e, por esse motivo, traduziu e publicou o texto de Lajolais, fazendo alguns acréscimos para que esse se encaixasse na realidade brasileira da época – encontramos, devido às alterações feitas, a expressão “tradução correta e aumentada” na prévia do texto.

¹⁷ As duas últimas traduções aqui citadas encontram-se no Anexo da presente pesquisa, em seu formato original.

Na tradução, Josephina fundamenta-se “em autores francamente favoráveis à educação da mulher e à sua elevação social” (SOUTO-MAIOR, 2001, p. 50), entre os quais consta o francês Aimé Martin, que defendia que a “mãe é o *locus* para a reforma social”¹⁸ (DARRIE, 2009, p. 10). Parte daí a urgência de a tradutora lutar pela educação das mulheres, mesmo que, inicialmente, essa luta tenha focado na educação focada às mães. Como pode ser observado no trecho abaixo:

Mães e mestras: educação prática das mulheres
 Por Mlle. Nathalie de Lajolais
 Tradução correcta e augmentada, por Josephina
 Alvares de Azevedo

I Educação em geral

Muitas pessoas confundem instrução com educação: muitas outras tratam exclusivamente da primeira com prejuízo da segunda; no entanto instrução e educação são cousas muito diferentes por sua natureza, mas que nunca deveriam estar separadas em vista da necessidade que uma tem da outra. Uma emprega-se em formar a alma e os costumes, e a outra em traçar o espirito e a inteligência.

A educação propriamente dita são licções de virtude. Consiste ella na força que empregarmos para praticar o bem e fugirmos do mal.

[...]

A mocidade tomou um impulso rápido nas escolas, abraçando indistinctamente sciencias absurdas e artes de luxo, cujo emprego ou cultivo exigem certas condições de independência: ella procurou gostos pouco compatíveis com suas necessidades reaes; abandonou as profissões modestas, e concluiu atirando-se n'um mundo completamente estranho, onde em constante luta com o orgulho e a miséria, formou uma classe enferma que por fatalidade todos os dias argumenta.

¹⁸ “Aimé-Martin’s treatise settles upon the mother as the locus for social reform”.

Infelizmente este mal existirá enquanto não quiserem compreender que o ensino elementar ou essencial deve ser geral, e que o ensino aperfeiçoa o que atinge todas as sciencias, letras e artes...

[...]

É facilimo discernir as boas disposições de qualquer moço, e dar-lhe o cultivo que merecem quando esse desenvolvimento possa resultar alguma vantagem; mas incitar a mocidade em massa para estradas em que nada terão que a sustenha e dirija, dar-lhe a saborear prazeres intellectuaes próprios para afastal-as dos sérios trabalhos da vida, não tendo relação alguma direccta com os conhecimentos que esses trabalhos exigem, não só é uma educação perigosa como até funesta o que torna-se necessário ver a todo o custo dirigida por melhores princípios”.¹⁹

Observamos que, apesar de a tradutora defender a disponibilização simultânea de ambas, educação e instrução ao indivíduo, visto que a primeira traça a inteligência e espírito, enquanto a outra forma a alma e os costumes, ao final do texto ela aponta para a importância que o ensino possui, sendo o responsável pelo aperfeiçoamento de todas as ciências, letras e artes. Além disso, constatamos que Josephina também já alertava para a desigualdade da educação recebida por homens e mulheres, afirmando que torna-se necessário que a educação seja revista e dirigida por melhores princípios, a fim de que a disparidade diminuisse.

Não obstante, encontramos, na revista *A mensageira*, ano 2, nº 35, de 15 de dezembro de 1889, a tradução, realizada por Josephina, do artigo “A solidariedade feminina”. Tendo em vista a dificuldade de encontrá-la, uma vez que o ano da revista não está disponível *on-line* e nem em sua forma física na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e outras bibliotecas visitadas e pesquisadas, sentimos a necessidade de transcrever e analisar o texto traduzido por sua importância que (de)marca o discurso feminista na época, caracterizado na obra de Eugénie Potonié Pierre.

¹⁹ A FAMÍLIA, 1988, p. 2-3 e A FAMÍLIA, 1989, p. 1-2. (A tradução foi separada em duas partes)

Inicialmente, a tradução de Josephina apresenta qual seria a noção geral de solidariedade, na qual consta um pensamento que remete à união do todo, sem distinções de gênero. Entretanto, tal noção, na realidade, torna-se, de certa forma, inválida, uma vez que a tradutora apresenta, logo após, a necessidade da solidariedade feminina. Essa se volta exclusivamente para as mulheres, secundárias e submetidas ao sistema e sociedade patriarcais:

Quando sentimos a necessidade de falar em solidariedade, ao nosso espírito se apresenta um vasto *ensemble* de seres unidos. Nós vemos um todo social que encerra os mesmos interesses, que apresenta as mesmas paixões, e, não distinguindo mais na multidão as másculas cabeças viris, das delicadas cabeças femininas, sentimo-nos tentadas a exclamar com transporte: << Compreendeis emfim, uma vez que quereis ser felizes, o que é o *todos por um e um por todos*.

Aqui devendo pois tratar da solidariedade feminina, ficamos quase atônitas diante de um absurdo que se impõe ao nosso espírito.

No trecho acima, ainda notamos a utilização da primeira pessoa do plural em “ficamos” e “nosso”, indicando a posição da tradutora, que se inclui como mulheres “quase atônitas diante de um absurdo que se impõe” ao seu espírito. Josephina, dessa forma, desde o início identifica-se como uma dessas mulheres e deixa claro que ela, também, faz parte do texto.

Além disso, ao mesmo tempo em que a tradução apresenta um discurso a favor da igualdade de gênero e aponta as imposições sofridas pelas mulheres, ela também faz uma crítica acerca da sociedade e a educação a ela disponibilizada:

A humanidade não é má, é antes sofredora.

A sociedade é fraca, porque as rodas de carro sobre que anda são tortas e quebradas, a educação é mal feita, a existência é um combate contra a miséria, porque o direito da força é que lhe servio de base.

Como fazer compreender aos inválidos da vida, aos forçados do trabalho, aos gatos dos

prazeres, que o interesse real do opressor se identifica com o do oprimido, que a sociedade é um todo ao qual faltam partes e que corre o risco de desmoronar por falta de coesão?

Como convencer-os de que quanto mais trabalhadores existirem na vasta colmeia social, mais intelligencias no cadinho humano, tanto mais tambem o nível do bem estar e de progresso se elevará?

A tradutora critica tanto a falta de educação quanto de trabalho a todos e afirma que a fraqueza da sociedade é derivada dessa desigualdade. Essa, por sua vez, é direcionada às mulheres, com a seguinte mensagem:

Primeiramente, uma cousa muito simples: Que não se ocultem logo que estejam persuadidas que precisam, por principio de justiça, de seu lugar á luz na sciencia e da igualdade de remuneração pelo trabalho equivalente; que cessem, esposas, de ter tímidas, mesmo quando tenham de comprar ou ler um jornal tratando de reivindicações femininas, que não tomem, para fazel-o, um nome de empréstimo, e não ocultem a seus maridos as suas convicções. A propaganda deve começar por aquelles a quem se ama, e a mentira é uma fraqueza maior, quando, para encobrir uma idéa justa, se procura enganar um outro ser que faz parte da nossa vida.

Tende a coragem das vossas opiniões qualquer que sejam os inconvenientes que d'ahi possa resultar. A luta santa é o começo da sabedoria e da vitória. Não vos occulteis, portanto, repetimos, para dizer o que pensaes; fazei o que dizeis.

Não é só para si que as mulheres trabalham, sustentando-se sempre, atirando-se uma após outra na estrada do progresso, fazendo sobresahir toda obra feminina, toda iniciativa feminina, toda virtude e sciencia feminina; é para a sociedade inteira, para o advento da justiça na ordem social.

Uma vez que recusam a acreditar nesta equivalência da mulher, é preciso affirmar-a por meio de provas, e apresentar essas provas em todas as ocasiões aos olhos dos cegos que as negam.

Mulheres, uni-vos, não continueis a ser frívolas, malquerentes entre vós, desconfiadas de tudo quanto emana de outra mulher, dispostas a ver as pequeninas cousas com receio de serdes forçadas á admiração das grandes cousas. Cessae de considerar a beleza, o encanto, o espirito, o sucesso, a sciencia de uma companheira quase que como uma injuria para vós.

Fazei-vos solidarias em tudo quanto exista em outra mulher de bom e bello, e da emulação amorosa e doce resultará o real valor que se affirmará, que se imporá, que restabelecerá o nível abalado das sociedades modernas, fazendo brotar d'ahi uma sociedade nova, em que os próprios homens não ousarão mostrar-se mais adversários das mulheres, em que a igualdade se tornará causa natural e em que um véo de doçura e de paz, emanando da natureza feminina, tornará impossível os costumes ferozes, as guerras barbaras, as lutas violentas.

Para unir os dois elementos homem e mulher não constituindo mais do que um só, alliai-vos em uma solidariedade constante na crusada social, de que resulte a solidariedade não feminina, nem masculina tão pouco, mas humana.

Potonié Pierre (PIERRE, 1899, p. 206-208).

A tradutora, por meio do texto de Pierre, deixa claro sua reivindicação à igualdade entre os gêneros ao sugerir que as mulheres devem lutar pela igualdade de remuneração de trabalho; devem se posicionar e participar de modo ativo em seu lar e na sociedade; devem parar de ocultar a si mesmas e as suas convicções aos seus maridos, não mais sendo “tímidas [...] para encobrir uma ideia justa”.

A participação ativa e, principalmente, a valorização da participação de mulheres na sociedade é essencial para que haja avanço. E a emancipação e a união de mulheres, a busca pela solidariedade feminina, por sua vez, são fatores imprescindíveis para a formação de uma “sociedade nova, em que os próprios homens não ousarão mostrar-

se mais adversários das mulheres e a igualdade se tornará causa natural”. Em consequência, a solidariedade não mais necessitará ser feminina – tão pouco masculina -, mas sim geral, totalitária, humana.

Publicações: Retalhos, em 1890; A mulher moderna: trabalhos de propaganda, em 1891; O voto feminino, em 1893.

Traduções: “A solidariedade feminina”, de Eugénie Potonié Pierre, em 1899; “Mães e mestras”, de Mlle. Nathalie de Lajolais, em 1888; e “Os companheiros do sol”, de Paul Jay, em 1890.

5.3 Lucila Nogueira

Vida, trabalho e atuação em movimentos feministas

Tradutora, advogada, promotora de justiça, professora, poeta, ensaísta e feminista. Natural do Rio de Janeiro, em 30 de março de 1950, entretanto, mudou-se para cidade de Recife, em Pernambuco, quando ainda era criança. Apesar de ter se graduado, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no curso de Direito, fez mestrado e doutorado na área de Letras, na qual atua até hoje.

Na área do direito, atuou como promotora de justiça, chegando a fazer parte da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados de Pernambuco. Durante o período, foi líder feminista atuante, elaborando uma cartilha sobre a violência contra a mulher e publicando trabalhos que discutiam acerca dos direitos e a posição da mulher na sociedade, tais como o artigo “A mulher e a constituinte”, publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1986. Não obstante, participou de eventos e debates sobre mulher, a convite da ex-vereadora, de Recife, Edna Costa e, enquanto fazia parte da Comissão de Direitos Humanos, buscava trabalhar com os direitos da mulher.

É membro da Academia Pernambucana de Letras, da Associação Latino-Americana de Estudiosos do Discurso (ALED/Argentina), da União Brasileira de Escritores em Pernambuco e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANNPOLL). Além disso, é coordenadora do Projeto de Leitura à Distância da Universidade Federal de Pernambuco (PROLEDE/UFPE), desde 1998.

Atualmente, atua como docente na graduação e pós-graduação em Letras na UFPE, trabalhando com ênfase nas áreas de Teoria

Literária, Literatura Brasileira, Literatura Hispanoamericana, Literatura Portuguesa, em especial com os temas que envolvem crítica de gênero, criação literária, estudos interculturais, literatura comparada, sociocrítica e mitocrítica.

Foi autora de mais de quarenta livros de literatura ou técnicos, entre os quais se encontram as obras *Almenara*, em 1979; *Peito aberto*, em 1983; *Quasar*, em 1987; *A dama de alicante*, em 1990; *Livro do desencanto*, em 1991; *Ainadamar*, em 1996; *Ilaiana*, em 1997; *Zinganares*, em 1998 e *Imilce*, em 1999. Observamos, em grande maioria de suas obras, uma escrita mítica, cultural, histórica e feminina, em que a protagonista é, na maioria das vezes, a mulher.

Das obras citadas, duas foram premiadas: *Almenara* e *Quasar*, ambas com o Prêmio de Poesia Manuel Bandeira, pelo Governo do Estado de Pernambuco. *Alaiana*, por sua vez, teve seu lançamento no Centro de Estudos Brasileiros de Barcelona, enquanto que *Zinganares* foi lançada na Embaixada do Brasil em Lisboa, Portugal, ambas no ano de 1998.

Cervinskis (2015), em seu artigo intitulado “Poesia e mito em Lucila Nogueira”, discute sobre as obras *Ilaiana*, *Imilce*, *Amaya*, *A quarta forma de delírio* e *Estocolmo*, as três últimas tendo sido publicadas a partir do ano 2000. Segundo o autor,

A autora segue a trajetória Oretania/Levante/Galiza/Bretanha/ Escandinávia proposta como fio condutor de busca da origem étnica e artística através das figuras femininas alegóricas de que se utiliza na formação de vozes ancestrais e contemporâneas a delinear a condição da mulher em várias épocas em confronto com o arquétipo feminino vital matriarcal de diversas culturas, na busca obsessiva de uma geografia mítica de si mesma.

Nesse sentido, percebemos também a forte questão de [...] quando a mulher é a protagonista de uma narrativa lírica em que a figura masculina é o mito determinante.²⁰

²⁰ CERVINSKIS, André. Poesia e Mito em Lucila Nogueira. *Revista Musa Rara*, 2015. Disponível em: < <http://www.musarara.com.br/poesia-e-mito-em-lucila-nogueira>>. Acesso em 28 ago 2015.

A tradutora utiliza o universo feminino como matéria-prima de suas obras: ela dá voz e autonomia às personagens que, dentro do contexto das obras – expansão romana, guerras, etc. –, não as possuíam. Lucila, dessa forma, apresenta suas personagens contra o Estado “e contra as guerras impetradas pelos homens, que roubam das mulheres seus maridos e filhos, deixando-as numa situação de desamparo, num mundo dominado pelo patriarcalismo”²¹. Observamos, portanto, no discurso da tradutora, a luta contra a mudez da mulher.

Lucila já esteve nos dois lados da tradução: como tradutora e traduzida. Suas obras foram traduzidas para vários idiomas: para o francês, foi de responsabilidade de Claire Benedetti, a mesma tradutora de Florbela Espanca, a tradução da obra *Imilce*. Sua obra mais técnica, intitulada *Pseudonímia e Literatura: Cravan/Pessoa/Drummond* foi traduzida, para o inglês, por Joana Antunes, brasileira amiga da família que mora há anos na cidade de Londres, na Inglaterra; mas suas obras literárias são traduzidas, para o mesmo idioma, por Marina Martensson. Para o italiano, Francesco Luti tem trabalhado na tradução. Para o espanhol, por sua vez, são vários os tradutores responsáveis, entre os quais se encontram a poetisa Marta Spagnuolo, na Argentina; o poeta Elkin Obregon, da Colômbia; o espanhol Juan Pablo Martin; e o poeta Benjamin Valdivia, do México.²²

Atuação como tradutora

Como tradutora, sua atividade começou em 1986, com as traduções de poemas do espanhol Miguel Hernandez que, por complicações com a editora, não foram publicadas²³. Na época, a tradutora ainda trabalhava quase que exclusivamente na área do direito, só passando a traduzir mais depois da entrada no mestrado em Letras, em 1988.

Traduziu do inglês, francês e espanhol e foi responsável pela tradução de autores como Emily Dickinson, Paul Eluard, Sylvia Plath, Alejandra Pizarnik e vários autores colombianos, como José Asunción Silva, Guillermo Valencia, Porfírio Barba Jacob, José Eustasio Rivera,

²¹ Ibid.

²² NOGUEIRA, Lucila. *Biografia*. Disponível no site: < <https://lucilanogueira.wordpress.com/sobre/biografia/>>. Acesso em 26 ago 2015.

²³ Algumas dessas traduções foram publicadas posteriormente, pelo Instituto Cervantes, para a comemoração do centenário do poeta.

León de Greiff, Luis Vidales, Carlos Martín, Eduardo Cote Lamus, Gonzalo Arango, Mario Rivero, José Manuel Arango, María Mercedes Carranza, Raúl Gómez Jattin, Juan Manuel Roca, Piedad Bonnett, Fernando Rendón, William Ospina e Rafael del Castillo Matamoros, que se encontram no livro *Mundo mágico: Colombia, poesia colombiana no século XX*, organizado pela própria junto a Floriano Martins.

De acordo com Lucila, sua preferência é a de traduzir autores/as marginalizados/as, especialmente do sexo feminino. No caso da tradução de obras escritas por mulheres, para a tradutora, a importância da atividade deve-se ao fato de que, por meio dessa, mulheres se tornam mais visíveis no campo literário. Por esse motivo, mesmo tendo traduzido autores homens, seu esforço maior é para traduzir poesias de mulheres que ainda não foram traduzidas, tais como Alejandra Pizarnik, Gioconda Belli e as colombianas María Mercedes Carranza e Piedad Bonnett.

Além disso, por não possuir vínculo com qualquer editora, Lucila tem maior liberdade e tempo de/para traduzir a obra e autor que quiser: ela traduz por puro prazer. Alguns dos seus projetos pessoais são traduções de poemas de Sylvia Plath e das autoras acima citadas, Belli e Pizarnik.

Sobre seu estilo de tradução, quando questionada, a tradutora afirmou que considera ser uma tradução “erudita”, pois tem o costume de pesquisar, fazer acréscimos e comparações com outros idiomas, além dos do texto original e materno. Tal estratégia de tradução é conhecida como pacto especular, discutida anteriormente no presente trabalho, e diz respeito à criação de um texto que se encontra entre duas (ou mais) línguas. A estratégia, entretanto, não pôde ser observada nas traduções por ela disponibilizadas e pela presente pesquisadora encontradas.

Uma outra estratégia utilizada pela profissional pode ser observada, mesmo que sutilmente, em sua tradução do poema “Cantora noturna”, de Alejandra Pizarnik, em que foram feitas alterações na estética do texto além da estratégia de aliteração, com a repetição do som do “c”:

Cantora noturna
Joe, macht die Musik von damals nacht...
 A Olga Orozco

Aquela que morreu por causa do seu vestido azul
 está cantando. Canta na plenitude da morte ao sol
 da sua embriaguez. Por dentro de sua canção há

um vestido azul, há um cavalo branco, há um coração verde tatuado com os ecos das batidas de seu morto coração. Exposta a todas as perdições, ela canta junto a uma menina perdida que é ela mesma: seu amuleto da boa sorte. E apesar da névoa verde nos lábios e do frio cinza nos olhos, sua voz corrói a distância que se abre entre a sede e a mão que busca o copo. Ela canta.²⁴

O poema que, na tradução, passou a ter seu texto em forma corrida, sem a separação em estrofes, teve sua versão original cantada por Mariana Baraj e foi escrito da seguinte forma:

Cantora nocturna
Joe, macht die Musik von damals nacht...

La que murió de su vestido azul está cantando.
Canta imbuida de muerte al sol de su ebriedad.

Adentro de su canción hay un vestido azul, hay un caballo blanco, hay un corazón verde tatuado con los ecos de los latidos de su corazón muerto.

Expuesta a todas las perdiciones, ella canta junto a una niña extraviada que es ella: su amuleto de la buena suerte. Y a pesar de la niebla verde en los labios y del frío gris en los ojos, su voz corroe la distancia que se abre entre la sed y la mano que busca el vaso.

Ella canta.

A aliteração pode ser observada nas palavras “causa”, “cantando”, “canta”, “canção”, “cavalo”, “coração”, “ecos”, “corrói”, “busca”, “copo”, e promove um ritmo, uma sonoridade, apesar da alteração estética e da ausência de estrofes. Observamos, também, que a tradutora procura não fazer grandes mudanças que possam vir a interferir no sentido do texto, não utilizando estratégias de notas de rodapé, *hijacking*, nem mesmo jogos de palavras.

²⁴ Poema encontrado no Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco, sem data e página.

Muitas de suas traduções, em especial as de autoras mais conhecidas, como Emily Dickinson e Sylvia Plath foram publicadas em jornais do estado de Pernambuco, no final do século XX. Atualmente, a profissional trabalha com a tradução de mulheres da *beat generation*²⁵ – até agora, ela traduziu o total de oito poemas – e esclarece que a dificuldade de traduzir essas deve-se ao fato de serem bastante *underground*²⁶, utilizando expressões de cunho político e social na realidade e sociedade em que vivem.

Publicações: Almenara, em 1979; Peito aberto, em 1983; Quasar, em 1987; A dama de alicante, em 1990; Livro do desencanto, em 1991; Ainadamar, em 1996; Ilaiana, em 1997; Zinganares, em 1998; Imilce, em 1999.

Traduções: “Midnight dreams”, “Diego Fallón”, “Harmonias”, “A Adriana e Ao ouvido do leitor”, poemas de José Asunción Silva; “Esfinge”, “À memória de Josephina”, “Melancolia”, “A jovem nua” e “Em um álbum”, poemas de Guillermo Valencia; “Primeira canção delirante”, “Lamentação de outubro”, “Canção da vida profunda”, “Canção delirante” e “Futuro”, poemas de Porfírio Barba Jacob; “Esta noite”, “Voltando”, “Sentindo”, “Enquanto as palmas” e “Asas de seda”, poemas de José Eustasio Rivera; “Discurso de Sergio Stepansky”, “Canção de Sergio Stepansky”, “Se o amor fugiu, se o amor se for”, “Soneto e Arietas”, poemas de León de Greiff; “Lucilalilalilón”, “O menino acima”, “Teoria das portas”, “Perpetuum mobile”, “Cristologia”, “Morada ao sul”, “Ama”, “A cidade de Almaguer”, “Luz remota” e “Madrigais III”, poemas de Luis Vidales; “Outono”, “Breve história”, “Hoje”, “A tarde não termina” e “Janela”, poemas de Carlos Martín; “Vertigem”, “Meditação de outono”, “Silva”, “A boca escura” e “Estação perene”, poemas de Eduardo Cote Lamus; “Poema ser”, “Poema ao meu sobrenada”, “Os nadaístas”, “Auto-elogio” e

²⁵ A presença dessas é bastante desconhecida entre os leitores casuais. São autoras marginalizadas que encontraram, na literatura, um meio de superar os obstáculos por elas encontrados: nas décadas de 1940 e 1950, por exemplo, elas “pertenciam” primeiro aos seus pais e, depois, aos seus maridos. Sua liberdade era ou limitada ou não existente e, caso elas “saissem da linha”, eram punidas brutalmente, chegando a parar até mesmo em hospitais psiquiátricos, cadeira elétrica, etc.

²⁶ Termo utilizado, desde a década de 1960, designado para textos ou pessoas que iam contra o capitalismo e suas práticas desumanas, a cultura ocidental, a manipulação das mídias dominantes, a cultura popular, enfim, refere-se à cultura marginal.

“Esperança selvagem”, poemas de Gonzalo Arango; “Rapazes”, “O falcão”, “Um habitante”, “Uma pequena estória” e “Senhor K”, poemas de Mario Rivero; “Hölderlin”, “Asilo”, “Ironia”, “Texto” e “Escritura”, poemas de José Manuel Arango; “Tenho medo”, “O ofício de vestir-se”, “Conversa com minha filha”, “Kavafiana” e “Maldição”, poemas de María Mercedes Carranza; “Poética”, “Colagem”, “Os muros da noite”, “Arte do tempo” e “Vale de Aburrá, plano noturno”, poemas de Juan Manuel Roca; “Pelo caminho de tua língua”, “Saque”, “Assédio” e “Agora que já não sou mais jovem”, poemas de Piedad Bonnett; “Canção nos campos de Marte”, “Capital”, “Dante, desterrado, morre em Ravena”, “Villon” e “Um golpe de dados não abolirá o acaso”, poemas de Fernando Rendón; “Nietzsche”, “O geólogo”, “O espelho”, “Jeanne d’Arc” e “Nossos mortos”, poemas de William Ospina; “Pirômana”, “Externos”, “Canção noturna”, “Épica” e “Coquetel”, poemas de Rafael del Castillo Matamoros; “Para Janes Joplin (fragmentos)”, “Falando contigo”, “Cantora noturna”, “(...) do silêncio”, “Moradas”, “Sobra dos dias que virão”, “Poema para Emily Dickinson”, “A um poema sobre a água”, “de Silvina Ocampo”, “Olhos primitivos” e “Caroline de Gunderode”, poemas de Alejandra Pizarnik.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou fazer um levantamento quantitativo e qualitativo da prática tradutória realizada por tradutoras dos séculos XIX e XX, visando verificar o grau de sua participação e influência na cena literária do Brasil durante o período citado.

Procedemos, ao longo da pesquisa, com o estudo da prática de tradução no Brasil, a análise da intersecção entre os Estudos Feministas e Estudos da Tradução, e os movimentos femininos ocorridos nos séculos estudados, a fim de expormos de que forma mulheres participaram desses, seja por meio político ou literário. Além disso, apresentamos dados encontrados a partir da pesquisa de tradutoras, seguidos de um estudo de caso historiográfico de tradutoras feministas pernambucanas, para que esse sirva de exemplo para trabalhos que podem ser feitos em momento posterior, com as informações encontradas.

Ao traçarmos o percurso da prática tradutória de mulheres no Brasil, pudemos comprovar o valor dessas não apenas para a propagação da literatura estrangeira no País, mas também na influência dos movimentos femininos. Por meio da tradução, mulheres se expuseram no meio literário, rompendo as barreiras sociais, econômicas e políticas, e os conceitos tradicionais impostos, pelo homem e sociedade patriarcal, à sua condição sexual e, conseqüentemente, quebrando a constante resistência que impedia a efetivação da cidadania da mulher.

Dessa forma, os objetivos propostos tiveram relevância para compreendermos o papel da prática tradutória no campo da literatura para a luta dos direitos da mulher e uma mudança do olhar, do sentir e das concepções atribuídas à presença dessas na sociedade.

Tal resgate histórico realizado na trajetória das mulheres no mundo literário e a sua relação com a prática tradutória tem relevância por representar um gesto político importante: a busca da diminuição – se não a extinção – da invisibilidade social sofrida por mulheres no mundo da tradução ao longo dos séculos.

Além disso, com a intersecção entre os Estudos da Tradução e os Estudos Feministas, juntamente com a análise das metáforas da tradução, discutida por Chamberlain (1988), foi favorecido o olhar sobre as traduções por mulheres, uma vez que pudemos analisar a prática tradutória em termos mais abrangentes. Pode-se constatar, com isso, que a tradução feminista, ao utilizar técnicas de intervenção na reescrita do

texto, acaba por reformular a questão da fidelidade do/a tradutor/a, redirecionando-a para o ato da escrita.

Em consequência, o pensamento de que a tradução, assim como a mulher, tem o papel de reprodução dá espaço para que a prática tradutória passe a ser explorada de forma que atue como fator relevante da luta social, política e ideológica de mulheres. Sob essa perspectiva, a tradução tem desempenhado uma função cultural, política e social, tornando-se o meio que mulheres utilizavam para lutar pelos seus ideais e expor seus pensamentos.

Os movimentos de mulheres, por sua vez, foi discutido sob o ponto de vista histórico, enquanto movimento social, em que foram apresentadas as ações de cada período na Europa, América do Norte e Brasil. A importância do estudo deveu-se pelo grande número de tradutoras que participaram nos movimentos, o que serviu para o melhor entendimento da influência que as profissionais receberam e tiveram tanto sobre os movimentos quanto sobre as teorias feministas.

Observamos, por exemplo, a importância da tradução de Nísia Floresta, intitulada “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, pois essa apresentou opiniões próprias da tradutora sobre a realidade brasileira, críticas acerca do pensamento e cultura patriarcais e a reivindicação da igualdade para as mulheres, em especial no que diz respeito à educação por essas recebida. Por meio da tradução, Nísia enfrentou os preconceitos da sociedade patriarcal burguesa do século XIX e lutou em prol dos direitos das mulheres, tornando-se a pioneira do feminismo no Brasil.

Não obstante, já no século XX, a participação de Patrícia Galvão, Pagu, também teve extrema importância, mesmo que não tenha sido exatamente por meio da tradução: a tradutora foi responsável pela descrição das jornadas de trabalho, os maus tratos dos patrões, o assédio sexual e os baixos salários que as mulheres operárias recebiam, em seu romance.

Por meio dos dados encontrados, observamos um quantitativo expressivo que era ainda desconhecido: do século XIX, foram localizadas 32 tradutoras e 91 obras traduzidas publicadas pelas profissionais. A partir da análise das informações, podemos notar:

- 1) A dominação da cultura francesa, tanto pelos autores e autoras traduzidos, recebendo destaque Alexandre Dumas, Honoré de Balzac e Mme. Girardin, quanto pelo número de tradutoras que dominavam e traduziam a partir do francês – 21, do total de 32;

- 2) A dominação da tradução de obras escritas por homens, publicadas três vezes mais do que as escritas por mulheres – 56 de autoria masculina para 18 de autoria feminina;
- 3) A década mais traduzida, no século XIX, foi a de 1840, com o total de 7 publicações, entre as quais se encontram as traduções de Ana Euquéria Lopes de Cadaval, de Anna Henriqueta Froment da Motta e Silva e de Maria Emília de Macêdo. Por outro lado, a década mais traduzida por tradutoras do período citado é a de 1900, já no século seguinte, com 11 traduções publicadas, das quais 10 se encontram na revista feminista pernambucana *O Lyrio*.

Na análise dos dados localizados sobre a prática da tradução por mulheres do século XX os números sofreram aumento considerável: 192 tradutoras e 1.149 obras traduzidas. As observações feitas foram as seguintes:

- 1) Apesar de o idioma francês continuar em primeiro lugar, a novidade, no século XX, é o idioma espanhol, que passa a ser traduzido por 21 tradutoras. O valor é relevante, se comparado a quantidade encontrada anteriormente: nenhuma.
- 2) O número de idiomas traduzidos também teve aumento considerável. Antes, as traduções eram realizadas especificamente a partir dos idiomas francês, inglês, alemão e italiano. No século XX, além do já citado espanhol, surgem o russo, latim, tupi, húngaro, dinamarquês, dialeto napolitano, sueco, grego, turco, vêneto e friulano-, essas últimas dialetos da Itália;
- 3) A quantidade de tradutoras políglotas (com mais de três idiomas) aumentou consideravelmente, permitindo-nos supor que uma das justificativas é o alcance ao direito à educação: mulheres passaram a estudar, em universidades, nos cursos como Letras e Literatura;
- 4) Mesmo com o aumento do número de publicações de traduções de obras escritas por mulheres (172 obras), a dominação continua sendo de obras de autoria masculina, visto que, dessas, foi encontrado o total de 822. Ou seja, ainda com os movimentos sociais e políticos em prol da mulher e do espaço maior que essa possui na literatura, a

dominação é masculina e a disparidade entre os gêneros ainda é muito grande;

- 5) A década mais traduzida, no século XX, foi a de 1990, com 601 traduções publicadas. Com isso, supomos que a chamada “Idade de Ouro da Tradução” (WYLER, 2003, p. 129), para as tradutoras do século citado, na verdade, não é a década de 1940, que teve a publicação de 44 traduções realizadas por mulheres. Todavia, se compararmos os dados encontrados nos anos de 1950, 1960 e 1970, encontramos uma lacuna da prática de tradução por mulheres: foram apenas 16, 26 e 53 publicações, respectivamente.

Coincidência ou não, a lacuna encontrada ocorreu entre o período ditatorial, no Brasil, que só teve fim em meados da década de 1980. O movimento de mulheres, realizado na época, foi responsável pelo rompimento paradigmático da cultura política autoritária, que excluía mulheres da sociedade e política, pela conscientização de mulheres para a luta de seus direitos e abriu espaço para a atuação dessas nas mais diversas áreas.

Desse modo, podemos supor que os movimentos de mulheres tiveram, sim, influência na prática de tradução por tradutoras, que passou a ter maior número de publicações a partir da década de 1980, aumentando quatro vezes mais que a década anterior (total de 235 traduções).

Vale ainda salientar que, para a localização das informações acima citadas, foram de extrema importância os livros de Coelho (2002) e Muzart (1999), além da abrangente pesquisa na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e na Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco. Nessas, foi possível o contato com diversas obras, de ambos os séculos, possibilitando que, no caso das obras raras, a digitalização pudesse ser realizada.

Ademais, para o estudo de caso historiográfico realizado sobre as tradutoras feministas pernambucanas, foi essencial o contato com a Biblioteca Pública de Pernambuco, que possui a revista *O Lyrio*, na qual Francisca Izidora Gonçalves da Rocha traduziu e bastante publicou; com a Professora Dr.^a Valéria Andrade Souto-Maior, que muito auxiliou com sua pesquisa sobre Josephina Álvares de Azevedo; e com a tradutora Lucila Nogueira, que disponibilizou de seu tempo para responder às questões por mim elaboradas, além do material para exposição no estudo.

A partir da análise realizada sobre as atuações das tradutoras, ainda observamos que há diferentes formas de “ser feminista”: Francisca Izidora, por exemplo, recebeu destaque e é considerada líder feminista por sua atuação como colaboradora da revista feminista pernambucana *O Lyrio* e sócia-correspondente da Academia Pernambucana de Letras em um período que reservava e restringia, para as mulheres, as atividades e ambiente doméstico. Por meio da revista, discutiu sobre a importância da participação da mulher para a construção da sociedade brasileira, lutando a favor de uma melhor educação a essas.

Fundadora do jornal *A Família*, dedicado ao público feminino, Josephina Álvares de Azevedo, a princípio, deu prioridade à questão da educação da mulher. Entretanto, a tradutora só recebeu maior destaque com seus discursos em prol da emancipação feminina e da luta pelo direito ao voto, tornando-se grande influenciadora da luta sufragista.

Enquanto que Lucila Nogueira, formada no curso de Direito, é considerada líder feminista atuante por ter elaborado uma cartilha sobre a violência contra a mulher e ter participado de eventos e debates cujo tema referia à mulher e seus direitos. Não obstante, a tradutora ainda busca traduzir autoras que ainda não foram traduzidas, pois acredita ser de grande importância dar mais visibilidade a essas mulheres.

Concluimos, a partir do exposto, que as tradutoras brasileiras tiveram relevância não apenas para a propagação da literatura estrangeira, no Brasil, como também como influência para os movimentos e luta de mulheres no País, fosse por meio de sua prática tradutória, participação política ou obra literária. Além disso, o feminismo e a luta feminista surgem de diversas formas, podendo ser por meio de um texto de cunho político, de ato político ou até mesmo por pesquisas que buscam a visibilidade e a voz da mulher, como é o caso do presente estudo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

A FAMÍLIA. Rio de Janeiro: Typographia Companhia Imprensa familiar, 1888-1890.

ALMEIDA, Ana Maria. *Raquel de Queiroz e a tradução de Mansfield Park*. 2009. Disponível em: <<http://janeaubrasil.com.br/category/raquel-de-queiroz/>> . Acesso em 3 jan 2015.

ALMEIDA, P. D. *A mensageira*, São Paulo, n. 1, 1897, p. 2-3.

A MENSAGEIRA: Revista literaria dedicada á mulher brasileira (1897-1900). Edição facsimilar. São Paulo: Imprensa Oficial do estado/Secretaria de Estado da cultura, 1987.

A PLEBE, 31 de janeiro de 1920.

ARAÚJO, Raquel Martins Borges Carvalho. *Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas*. In: *Revista Intercâmbio*. Goiás: 2009. Disponível em: <<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/256/210.pdf>> . Acesso em 3 jan 2015.

ASEFF, M. G. *Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil (1960-2009)*. Tese. Florianópolis: 2012.

AZEVEDO, J. A. *A Família*, 1888, p.1.

BALZAC, Honoré. *A mulher de trinta anos*. Tradutora: Rachel de Queiroz, 1948.

BASSNETT, Susan. Writing in no man's land: questions of gender and translation. In: *Ilha do Desterro*, n. 28. Florianópolis: UFSC, 1992. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8751/10654>>. Acesso em 20 nov 2014.

BERNARDES, M. T. C. C. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BETHELL, Leslie. *Brazil: Empire and Republic, 1822-1930*. Cambridge University Press, 1989.

BLUME, Rosvitha Friesen. Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero. In: *Fragmentos*, n. 39. Florianópolis, 2010.

BLUME, R. F.; PETERLE, P. (orgs.). *Tradução e relações de poder*. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BRASIL MULHER. São Paulo: Sociedade Brasil Mulher, n. 0, 9 out 1975. Editorial.

CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE. *Escritora Luzilá Gonçalves recebe título de cidadã recifense*. Disponível em: <<http://www.recife.pe.leg.br/noticias/escritora-luzila-goncalves-recebe-titulo-de-cidada-recifense>>. Acesso em 30 ago 2015.

CASTRO, Marcelle de Souza; *Tradução, ética e subversão: desafios práticos e teóricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2007. Dissertação de

mestrado. Disponível em:
<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp036384.pdf>>. Acesso em 10 set
2014.

CATÁLOGO DE LIVROS DA BIBLIOTECA FLUMINENSE. Rio de Janeiro: Typographia Thevenet /7 C. Rua d'Ajuda, 1866.

CERVINSKIS, André. Poesia e Mito em Lucila Nogueira. *Revista Musa Rara*, 2015. Disponível em: < <http://www.musarara.com.br/poesia-e-mito-em-lucila-nogueira>>. Acesso em 28 ago 2015.

CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metafórica da tradução. In: OTTORI, P. (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Trad. Norma Viscardi. Unicamp: Campinas, 1998.

CIXOUS, H. *O sorriso da medusa*. 1975. Encontrado no Dicionário da Crítica Feminista, 2005.

COELHO, N. N. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: 1711 – 2001*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CORACINI, M. J. F. R. *A celebração do outro – arquivo, memória e identidade*. São Paulo, 2007.

CORREA, Raquel Dotta. *A voz da tradutora: paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII* (dissertação). UFSC, 2010.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Cecília Meireles: imagens femininas. *Revista Cadernos Pagu*, nº 27, Campinas, 2006.

DARRIE, S. M. *The editorial work and literary enterprise of Louis Aimé-Martin*. (thesis) University of Exeter, 2009.

DEAN, W. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1971.

DÉPÊCHE, Marie-France. A tradução feminista: Teorias e Práticas subversivas, Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense. In: *Textos de História*, vol 8, nº ½. Brasília: UNB, 2000.

_____. As traduções subversivas feministas ontem e hoje. In: *Labrys, Estudos Feministas*, número 1-2. Brasília: UNB, 2002. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/mfd1.html>. Acesso em 20 set 2014.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. *Caderno C*. 20 de novembro de 1995.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem theory*. 1990. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez>>. Acesso em 14 jan 2015.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Júlia Lopes de Almeida - a escritora a belle époque tropical*. Templo Cultural Delfos, maio/2014. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2014/05/julia-lobes-de-almeida.html>>. Acesso em 14 set 2015

FERREIRA, E. F. C. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. Editora Annablume, 2004.

FROTA, M. P. *Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil*, 2007.

GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/Translation. In: Bassnett, Susan; Lefevere, André (orgs.) *Translation, History and Culture*. Londres e Nova York: Pinter Publishes, 1990.

_____. A tradução: um diálogo entre feministas canadenses e quebequenses. In: NENEVE, M.; MARTINS, G. (orgs.). *Fronteiras da tradução, cultura, identidade e linguagem*. Trad. Ana Maria Felipini Neves e Marco Aurélio Marques. São Paulo, 2009.

GONÇALVES, L. No Colégio Internacional de Tradutores Literários de Arles: uma bela experiência. *Caderno de Relações Internacionais*, vol. 3, n. 4, 2012.

_____. *Tens asas como as aves*. s/d. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17200/15774>>. Acesso em 30 ago 2015.

GUEDES, Diogo. Homenageada pelo Festival de Inverno de Garanhuns, Luzilá Gonçalves é inspirada pela alegria. *Jc On-line*. Disponível em :< <http://m.jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/07/20/homenageada-pelo-festival-de-inverno-de-garanhuns-luzila-goncalves-e-inspirada-pela-alegria-190991.php>>. Acesso em 30 ago 2015.

GURGEL, Telma. Feminismo e luta de classe: História, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. *Revista Fazendo Gênero*, UFSC, 2010.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos et al. 2005.

HEMEROTECA DIGITAL. A Família: jornal literario dedicado a educação da mãe de família. Disponível em:

<<http://hemerotecadigital.bn.br/familia-jornal-litterario-dedicado-educacao-da-mae-de-familia/379034>>. Acesso em 20 nov 2014.

JORNAL DA FAMÍLIA. *Dolores*. Traduzido por: Paulina Philadelphia. Tomo 3, novembro de 1865, p. 330-333. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0216/index.htm>>. Acesso em 3 set 2015.

JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro: 1852-1855.

LEITE, R. S. C. Brasil Mulher e Nós Mulheres: Origens da Imprensa Feminista. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, 2003.

LEVINE, S. J. Translation as (sub)version: on translation ‘Infante’s Inferno’. In: VENUTI, L. (org.) *Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology*, Londres e Nova York, 1992.

LIMA, J. V. “Jornal das Senhoras”: As mulheres e a urbanização na corte. *Cardernos CERU*, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11926>>. Acesso em 20 mar 2015.

LOPES, A. L. *O poeta que não existiu: James Macpherson e os poemas de Ossian*. Tese. Universidade de Brasília: Brasília, 2009.

MACAULEY, Fiona. *Gender politics in Brazil and Chile: the role of parties and national and local policymaking*. Hampshire/New York: Palgrave Macmillan, 2006.

MATOS, O. C. F. Traduzir Proust. In: PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. Globo Livros, 1995.

MILTON, John; MARTINS, Marcia A. P. Apresentação – Contribuições para uma historiografia da tradução. In: *Tradução em Revista*. Rio de Janeiro: 2010.

MILTON, John. The importance of economic factors in translation publication: an example from Brazil. In: PYM, Anthony; SHLESINGER, Miriam; SIMEONI, Daniel (Eds.) *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in Homage to Gideon Toury*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

MIRANDA, Cynthia Mara. Os movimentos feministas e a construção de espaços intuitivos para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil. *Revista Núcleo Mulher*, UFRGS, s/d.

MUZART, Zahidê L. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

NOGUEIRA, Lucila. *Biografia*. Disponível no site: <<https://lucilanogueira.wordpress.com/sobre/biografia/>>. Acesso em 26 ago 2015.

NÓS MULHERES. São Paulo: Associação de Mulheres, n. 1 jun 1976. Editorial

_____. São Paulo: Associação de Mulheres, n. 6 ago/set 1977. Editorial

NUNES, M. J. F. R. “De mulheres e de deuses”. In: GÓMEZ, Josefa Buendia (Org.). *Palavras de mulheres: juntando os fios da teologia feminista*. São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de; MARTINS, Marcia Amaral Peixoto. Reflexões sobre a tradução no Brasil: Uma antologia. PUC/RJ, 2007.

O LYRIO, Recife, 1902-1903. Disponível na Biblioteca pública do Estado de Pernambuco.

PAES, J. P. A tradução literária no Brasil. *Tradução: a ponte necessária – aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

PFAU, Monique. Gênero e Tradução: questões culturais sobre a transmissão de conhecimento. *Revista Criação e Crítica*, n. 8, 2012.

PINHEIRO, A. S. *Para além da amenidade. O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, 2010.

PIERRE, P. A Solidariedade Feminina. (traduzido por Josephina Álvares de Azevedo). *A mensageira*, n. 35, ano II, 1899, p. 206-208.

QUEIROGA, M. G. de. Clarice Lispector tradutora de literatura infantil. *Revista Graphos*, vol. 1, nº 17, 2015.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. *In: PRIORE, Mary del. História das mulheres no Brasil*. Editora Unesp, 2004.

REVISTA POPULAR (1859-1862). Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervodigital/revista-popular/181773>>. Acesso em: 28 ago 2015.

RIOT-SARCEY, Michelle. *Histoire du féminisme*. Paris: La découverte, 2002.

SALES, Germana Maria Araújo. Circulação de romances no século XIX. S. d. p. 1-12. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_1360.pdf>. Acesso em: 13 Ago. 2015.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTOS, Y. G. dos. A implementação dos órgãos governamentais de gênero no Brasil e o papel do movimento feminista: o caso do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo. *Cadernos Pagu*, n. 27, 2006.5

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, vol. 12, nº2, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>>. Acesso em 3 mar 2015.

SCHUMAHER, Maria Aparecida; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SIMON, Sherry. *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. Londres e Nova York: Routledge, 1996.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2001.

TABORDA, Francisco. Feminismo e teologia feminista no primeiro mundo: breve panorâmica para uma primeira formação. *Revista Teológica*, ano XXII, n 58, 1990.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritos, Escrituras. In: PRIORI, M. del (org). *História das Mulheres no Brasil*, Unesp, 2004.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*. Tradução de Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Sousa. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. A formação do romance brasileiro: 1808- 1860 (vertentes inglesas), 2002. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

VERUCCI, F. Women and the new Brazilian Constitution. *Feminist Studies*, nº 17, 1991.

FLOTOW, Luise von. *Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'*. Ottawa: Universidade de Ottawa, 1997.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the rights of Woman with Structures on Political and Moral Subjects*. 2010. Disponível em <<http://www.earlymoderntexts.com/pdfs/wollstonecraft1792.pdf>>. Acesso em 20 nov 2014.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANEXOS – TRADUÇÕES

1. FRANCISCA IZIDORA: “OS DOIS MEDOS”

Publicado na revista *O Lyrio*, em 15 de setembro de 1904, nº 21, ano 3, capa.



Mme. Narciza Coelho
MAVIOSA POETISA PERNAMBUCANA

OS DOIS MEDOS (CAMPOAMOR)

Quando a noite chegou d'aquelle dia
Approxime-me a si...
Porque te chegas tanto? Ella dizia:
"Tenho medo de ti!"

Depois que a noite já passado havia,
De seu lado fugi...
Porque tu foges tanto... Eu te queria...
"Tenho medo sem ti!..."

Pernambuco FRANCISCA IZIDORA.

2. JOSEPHINA A. DE AZEVEDO

2.1 "Mães e mestras"

PARTE I – Publicada no *Jornal A Família*, 1888, nº 5, p. 2-3

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	
41	
42	
43	
44	
45	
46	
47	
48	
49	
50	
51	
52	
53	
54	
55	
56	
57	
58	
59	
60	
61	
62	
63	
64	
65	
66	
67	
68	
69	
70	
71	
72	
73	
74	
75	
76	
77	
78	
79	
80	
81	
82	
83	
84	
85	
86	
87	
88	
89	
90	
91	
92	
93	
94	
95	
96	
97	
98	
99	
100	

Mães e mestras

EDUCAÇÃO PRÁTICA DAS MULHERES

POR

Mlle. *Nathalie de Lajolais*

TRADUÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA,
POR JOSEPHINA ALVARES DE AZEVEDO.

I

EDUCAÇÃO EM GERAL

Muitas pessoas confundem instrução com educação: muitas outras tratam exclusivamente da primeira com prejuizo da segunda; no entanto instrução e educação são cousas muito differentes por sua natureza, mas que nunca deveriam estar separadas em vista da necessidade que uma tem da outra. Uma emprega-se em formar a alma e os costumes, e a outra em traçar o espirito e a intelligencia.

A educação propriamente dita são lições de virtude. Consiste ella na força que empregarmos para praticar o bem e fugirmos do mal.

E' vicio a fraqueza com que cedemos ás nossas inclinações más.

A Natureza, a Moral e a Religião, nos ensinam as regras do bem e do mal. A Natureza nos inspira os sen-

A FAMÍLIA

timentos de humanidade e todos os actos que della decorrem. Consiste a Moral na noção simples e na pratica do dever. Ella se revela pela consciencia, seu orgam, e brilha com suave e limpida luz no Evangelho. A Religião regula os nossos deveres para com Deus e é a confirmação e o cumprimento da moral.

O fim da educação é habitar a alma a sujeitar o corpo, a vencer desejos, reprimir os affectos reprehensiveis, a seguir somente aquillo que a razão esclarecida, unida ao sentimento religioso indica como melhor; n'uma palavra, a ser docil a essa voz intima que é a consciencia, o que ás vezes attribuímos ás creanças de nominando-a: *voz do bom anjo*.

No ponto de vista individual, é a educação considerada reguladora da vida inteira, pois que são as primeiras impressões, que decidem o caracter de cada um. Nas relações da familia e da sociedade ella ensina os seus deveres para com os outros e o obriga ao cumprimento d'esses mesmos deveres. Podendo comparar-se a creança com um livro cujas folhas em branco esperam que nellas se escreva, veremos quanto é necessaria que seja mão mestra e segura que estampa n'esse livro em caracteres indeleveis a virtude; quanto é preciso a mãe ou mestra cuidar em estabelecer sua autoridade na educação, para que essa autoridade opere no espirito do alumno como um principio natural e sagrado.

Na alma de cada individuo ha, assim como no rosto, um certo que da particular que a distingue de todas as outras, e com certeza não se encontram duas creanças que possam ser dirigidas pelo mesmo methodo. Todavia, a educação das creanças, exige geralmente mais bondade que rigor, firmeza de caracter, moderação de indulgencia e circumspecção, exemplo junto ao preceito, e finalmente um sacrificio que só a ternura e a religião podem inspirar.

O grande segredo para saber dirigir a creança quando a razão nella se manifesta é saber empregar os meios mais apropriados á sua natureza

Por peor que seja a inclinação do alumno, della se tira utilidade em proveito do mesmo. O orgulho, a ambição, o amor proprio, até mesmo o egoismo devem concorrer por meio de sabia e prudente direcção para o seu bem moral. O amor e o temor influem muito especialmente na menina. O desejo de agradar a seus paes, o affecção que ella dá ás suas caricias assim

como a estima e consideração dos que a cercão, não será que a fazão tão interessante e tão amavel? Não será o temor da opinião para toda a sua util existencia, a garantia mais forte contra os perigos do mundo?

«As pessoas espiritalistas, dizem que o amor pelo Creador, deve dominar todos os motivos da vida humana, se desejarmos que a virtude seja solida e os gntes á suprema felicidade.»

Este argumento a certos respeito é mais que justo. Devemos admittir tambem este principio como ponto de partida e como fim da existencia. Exceptuando algumas almas privilegiadas, inclinadas naturalmente ao bem, achamos que convém, ao maior numero, reunir a este forte movel das acções humanas aquelles que cada qual estima, segundo o seu caracter, as convicções e impressões que o dominam, uma vez que a razão as approve.

E tanto assim é que uns operam por obediencia religiosa na esperanca do justo premio além da vida, outros o fazem motivados por uma satisfação intima, outros por humanidade, e ainda outros por contemplação do objecto de seus affectos: estes alabam muito embora de ordem secundaria, nem por isso deixão de dar bons resultados.

São como muitos outros cristallinos canaes que banhão suas margens, e cujas aguas congrassadas formam um puro e transparente lago.

Convem mostrar que o melhor systema d'educação, consiste em demonstrar os elementos de que se compõe o genero humano, para bem os conhecer, regular, pôr em equilibrio e para estabelecer entre ellas a suave harmonia que é o sublime segredo da sabedoria.

(Continúa.)

ANNO I		S. Paulo, 5 de Janeiro de 1889.		NUM. 6	
<h1>A FAMÍLIA</h1>					
ASSIGNATURAS CAPITAL		JORNAL LITTERARIO		ASSIGNATURAS INTERIOR	
Anno. 108000		Dedicado á educação da mão de família		Anno. 128000	
Pagamento adiantado		PROPRIEDADE DE		Pagamento adiantado	
Redacção : Travessa da Sé, 4 (sobrado.)		Josephina Alvares de Azevedo		Typographia UNIAO — Largo 7 de Setembro	
<p>Veneremos a mulher ! Santifique-mol-a e glorifique-mol-a !</p> <p style="text-align: center;">VICTOR HUGO.</p> <hr/> <p style="text-align: center;">EXPEDIENTE</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p><i>A redacção d' A Família</i></p> <p>A's suas leitoras e aos seus collégas</p> <p>COMPRIMENTA</p> </div> <p>A correspondencia desta folha pô-de ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, Typ. Uniao, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)</p> <p style="text-align: center;">***</p> <p style="text-align: center;">COLLABORAÇÃO</p> <p>Franqueia <i>A Família</i> as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.</p> <hr/> <p style="text-align: center;">A FAMÍLIA</p> <p style="text-align: center;">S. PAULO, 5 DE JANEIRO DE 1889.</p> <p style="text-align: center;">Mães e mestras</p> <p style="text-align: center;">(CONTINUAÇÃO)</p> <p>Muitos paes reputam as acções dos filhos como cousas de minima importancia, e deixam as pobres creaturas operarem ao sabor do seu capricho, esperando que o tempo as corrija. E' isto um erro que precisa ser abolido. E' certo que essas acções são de pouco alcance, mas, como disse um notavel escriptor : « Não é pouca cousa o costume. » E verdade é, que do mesmo modo que a nossa organisação se presta aos habitos de uma acção má tambem se presta á uma boa acção, sem que muitas vezes n'isso pensemos ; é por isso mais que necessario</p>		<p>o cuidarmos de dar boa e salutar direcção ás nossas inclinações.</p> <p>Acções ha, que nos fazem presentir nas creanças as paixões que ellas um dia terão de dominar. A creança que folga em esboardar e martyrisar entes mais fracos do que ella, será pelo correr do tempo, cruel ; aquella que maltrata e injuria, será desposta ; a que zombar do companheiro por malicia ou por burla, será inclinada á trahição e á falsidade.</p> <p>A menina que fôr affectada e mentirosa, será um ente desprezivel. Estes indicios e muitos outros merecem toda a attenção das mães. Por uma educação esmerada, poderão sem muito esforço obstar e reprimir todas essas inclinações, procurando por meios facéis e susorios conduzir a creança a bons caminhos, isto é, ao caminho da verdade e do bem.</p> <p>Depois que as evoluções deram a perceber em todas as classes da sociedade, as grandes alternativas da vida e a nenhuma estabilidade da fortuna, das honras e dos cargos, modificou cada um as suas idéas. Os privilegiados disseram que para não serem collidos d'improviso pelos reveses da sorte, era prudente reunir o fundo lembrado por Lafontaine na fábula do <i>Lavrador</i> ; a classe inferior, lembrando-se do exemplo de tantos meritos de fortuna, resolveu correr o risco da sorte com as vantagens do saber : de maneira que o recio de uns a esperança de outros derão á educação um impulso novo e benefico.</p> <p>Mas como o bem se acha sempre equilibrado pelo mal na triste condição dos negocios humanos, a instrucção que faz parte da educação, excede muitas vezes o fim racional a que se de vera propôr segundo o deôro e a conveniencia dos seres ou da esphera em que cada um fôr posto na vida, e d'aqui precedeu, digamos assim, essa desclassificação universal, que é hoje o cancro da sociedade, isto é, aquella tendencia de subirem a gerarchias superiores, não se importando a môr parte das vezes</p>		<p>de subirem pela baixeza, intriga e vicios.</p> <p>A mocidade tomou um impulso rapido nas escolas, abraçando indistinctamente sciencias abasardas e artes de luxo, cujo emprego ou cultivo exigem certas condições de independencia ; ella procurou gostos pouco compatievais com suas necessidades reaes ; abandonou as profissões modestas, e concluiu atraindo-se n'um mundo completamente extranho, onde em constante luta com o orgulho e a miseria, formou uma classe enferma que por fatalidade todos os dias augmenta.</p> <p>Inelizmente este mal existirá enquanto não quizerem comprehender que o ensino elemental <i>ou essencial</i>, deve ser <i>geral</i>, e que o ensino <i>aperfeiçoado</i> o que attinge todas as sciencias, letras e artes, deve ser <i>partilhado</i> d'aquelles que tem o precioso para o receberem completo, e que o podem gosar sem que para isso se vejam perdidos, abandonados em mundo diverso do de seus paes, de seus amigos, fóra de tudo enfim a que estavam acostumados no meio social em que nasceram.</p> <p>Quando vier o tempo de estabelecer-se com cautella esta linha de reparação, nem por isso deixarão de declararem-se as vocações especiaes, e menos de receberem convenientissima direcção.</p> <p>E' facilissimo discernir as boas disposições de qualquer moço, e dar-lhe o cultivo que merecem quando esse desenvolvimento possa resultar alguma vantagem ; mas incitar a mocidade em massa para estradas em que nada terão que a sustenla e dirija, dar-lhe a saborear praseres intellectuales proprios para afastal-a dos serios trabalhos da vida, não tendo relação alguma directa com os conhecimentos que esses trabalhos exigem, não só é uma educação perigosa como até funesta e que torna-se necessario ver a todo o custo dirigida por melhores principios ; porém como o balão é obrigado a parar na subida logo que chega a altura tal em que já a pes-</p>	

2.2 A solidariedade feminina

Publicada na revista *A mensageira*, em 15 de dezembro de 1899, ano II, n. 35, p. 206-208

206

A MENSAGEIRA

A Solidariedade Feminina

(Tradução de Josephina Alves do Azevedo)

Quando sentimos a necessidade de fallar em solidariedade, ao nosso espirito se apresenta um vasto *ensemble* de seres unidos. Nós vemos um todo social que encerra os mesmos interesses, que apresenta as mesmas paixões, e, não distinguindo mais na multidão as masculas cabeças viris, das delicadas cabeças femininas, sentimo-nos tentadas a exclamar com transporte: «Compreheideis emfim, uma vez que quereis ser felizes, o que é o *todos por um e um por todos*.

Aquí devedo pois tratar da solidariedade feminina, ficamos quasi attonitas diante de um absurdo que se impõe ao nosso espirito.

Os sexos são formados para se comprehenderem, se unirem, se completarem, se auxiliarem, e nós vimos dizer: «Mulheres, ligai-vos contra a má vontade masculina, tecei com as vossas mãos captivas uma cadeia de união que triumphe dos obstaculos amontoados ante vossos passos, fazei de vossas intelligencias uma alavanca que force as portas da sciencia, e das vossas vontades um instrumento irresistivel nesta luta pela vida em que os fortes disputam o terreno aos fracos e aos noveis com ferocidade, com desespero, com villosa.»

Oh! quanto desejaríamos que a mulher pudesse defender-se sem já-mais atacar, casar ella pelo dever a moderação com o direito, a justiça com a energia.

A humanidade não é má, é antes soffredora.

A sociedade é fraca, porque as rodas do carro sobre que anda são tortas e quebradas, a educação é mal feita, a existencia é um combate contra a miseria, porque o direito da força é que lhe servio de base.

Como fazer comprehender aos invalidos da vida, aos forçados do trabalho, aos gastos dos prazeres, que o interesse real do oppressor se identifica com o do opprimido, que a sociedade é um todo ao qual faltam partes e que corre o risco de desmoronar por falta de cohesão?

Como convencel-os de que quanto mais trabalhadores existirem na vasta colmeia social, mais intelligencias no cadinho humano, tanto mais tambem o nivel do bem estar e de progresso se elevará?

Pois que esses homens tapam os ouvidos a verdades evidentes, pois que temem a concurrencia onde não existiria mais do que associação, e repellem mãos e espiritos levantados para elles, faz-se-nos necessario comprehender que para vencer a sua obstinação, as mulheres devem substituir a força que

existe entre os seus adversarios — nós quereríamos dizer seus allia-dos — pela *solidariedade entre si no direito e esforços e pelo esquecimento das pequenexas e das invejas mesquinhas.*

Primeiramente, uma cousa muito simples: Que não se occultem logo que estejam persuadidas que precisam, por principio de justiça, de seu lugar á luz na sciencia e da igualdade de remuneração pelo trabalho equivalente; que cessem, esposas, de ser timidias, mesmo quando tenham de comprar ou ler um jornal tratando de reivindicações femininas, que não tomem, para fazel-o, um nome de emprestimo, e não occultem a seus maridos as suas convicções. A propaganda deve começar por aquelles a quem se ama, e a mentira é uma fraqueza maior, quando, para encobrir uma idéa justa, se procura enganar um outro ser que faz parte da nossa vida

Tende a coragem das vossas opiniões, qualquer que sejam os inconvenientes que d'ahi possa resultar. A luta santa é o começo da sabedoria e da victoria. Não vos occulteis, portanto, repetimos, para dizer o que pensaes; fazei o que dizeis.

Não é só para si que as mulheres trabalham, sustentando-se sempre, atirando-se uma após outra na estrada do progresso, fazendo so-

bresahir toda obra feminina, toda iniciativa feminina, toda virtude e sciencia feminina; é para a sociedade inteira, para o advento da justiça na ordem social.

Uma vez que recusam acreditar nesta equivalencia da mulher, é preciso affirmar-a por meio de provas, e apresentar essas provas em todas as occasiões aos olhos dos cégos que as negam.

Mulheres, uni-vos, não continueis a ser frivolas, malquerentes entre vós, desconfiadas de tudo quanto emana de outra mulher, dispostas a ver as pequeninas cousas com receio de serdes forçadas á admiração das grandes cousas. Cessae de considerar a belleza, o encanto, o espirito, o successo, a sciencia de uma companheira quasi que como uma injuria para vós.

Fazei-vos solidarias em tudo quanto exista em outra mulher de bom e de bello, e da emulação amorosa e doce resultará o real valor que se affirmará, que se imporá, que restabelecerá o nivel abalado das sociedades modernas, fazendo brotar d'ahi uma sociedade nova, em que os proprios homens não ousarão mostrar-se mais adversarios das mulheres, em que a igualdade se tornará causa natural e em que um véo de doçura e de paz, emanando da natureza feminina, tornará impossivel os costu-

mes ferozes, as guerras barbaras,
as lutas violentas.

Para unir os dois elementos ho-
mem e mulher não constituindo
mais do que um só, alliai-vos em

uma solidariedade constante na cru-
sada social, de que resulte a soli-
diedade não feminina, nem mas-
culina tão pouco, mas humana.

POTONÉ PIERRE



Storia breve

(De Ada Negri)

Dirieis, vendo-a, um ideal de poeta,
tanto era meiga e bella.
Sempre em candidas vestes envolvida;
no semblante a quietude... Esphinge em vida
tal parecia ella.

Aos flancos lhe desciam negras comas;
do seu riso ligeiro
evolava-se um modulo amoroso;
tinha da estatua o molde pimoso
seu corpo feiticeiro.

Amou. Não foi amada. No mais fundo
do coração maguado
sepultou desse affecto a chamma intensa
e ninguem suspeitou-lhe a dor immensa
do amor não revelado.

Mas a secreta chamma a-consumia...
Como a flor que fenece
quando lhe falta o sol, triste, coitada,
ella morreu!... Não teve a dita amada
do amor que a vida aquece.

C. BRUNETTO



3. LUCILA NOGUEIRA: TRADUÇÕES DOS POEMAS INÉDITOS DE ALEJANDRA PIZARNIK

Cantora noturna

Joe, macht die Musik von damals nacht...
A Olga Orozco

Aquela que morreu por causa do seu vestido azul está cantando. Canta na plenitude da morte ao sol da sua embriaguez. Por dentro de sua canção há um vestido azul, há um cavalo branco, há um coração verde tatuado com os ecos das batidas de seu morto coração. Exposta a todas as perdições, ela canta junto a uma menina perdida que é ela mesma: seu amuleto da boa sorte. E apesar da névoa verde nos lábios e do frio cinza nos olhos, sua voz corrói a distância que se abre entre a sede e a mão que busca o copo, Ela canta.

Caroline de Gunderode

En nostalgique je vagabondais par l'infini
C. e G.

A mão da enamorada do vento
acarícia o rosto do ausente.
A alucinada por sua “maleta de pele de pássaro”
foge de si mesma com a faca na memória.
A que foi devorada pelo espelho
entra em um cofre de cinzas
e vem apaziguar as bestas do esquecimento.

a Enrique Molina

Para Janes Joplin (fragmentos)

A cantar docemente e a morrer logo.
 não:
 a gritar.

Assim como dorme a cigana de Rousseau.
 assim cantas, mas as lições do terror.

Há que chorar até quebrar-se
 para criar ou dizer uma pequena canção,
 gritar tanto para cobrir as feridas da ausência
 isso você fez, eu também.
 eu me pergunto se isso não aumentou o erro.

Fizeste o bem em morrer.
 por isso te fao,
 por isso eu me confio a uma menina monstruosa.

(...) do silêncio
...está todo em algún idioma que no conosco...
 L.C. (A través del espejo)
Sinto o mundo chorar como língua estrangeira.
 Cecília Meireles
Ils jouent la pièce em étranger.
 Michaux
...alguién mato algo.
 L. Carroll (A través del espejo)

I
 Esta boneca vestida de azul é minha emissária
 no mundo.
 Seus olhos são de órfã quando chove em um
 laguinho onde o pássaro lilás devora lilases e um
 pássaro rosa devora rosas.

Tenho medo do lobo cinza que se dissimula na
 chuva
 O que se vê, o que se vai, é invisível.

As palavras fecham todas as portas.

Recordo o tempo sobre os álamos queridos.

O arcaísmo do meu drama determinou, em minha criatura dividida, uma câmara letal.

Eu era o impossível e também o desgarramento pelo impossível.

Oh a cor infernal das minhas paixões

Sem dúvida, fiquei cativa da antiga ternura.

II

Não há quem pinte com cores verdes.

Tudo é alaranjado.

Se eu sou algo sou violência.

As cores raiam o silêncio e criam animais deteriorados. Logo alguém vai tentar escrever um poema. E será mediante as formas, as cores, o desamor, a lucidez (não continuo porque não quero assustar as crianças).

III

O poema é espaço e fere. Não sou como minha boneca, que só se nutre de leite de pássaro.

Memória de sua voz na manhã funesta velada
por um sol que reverbera nos olhos das
tartarugas.

O da sua voz é uma lembrança que me faz perder o conhecimento frente
a esta conjunção celeste e verde de mar e céu.

Eu preparo minha morte.

3.1 Mundo mágico: Colômbia

Guillermo Valencia (1873 – 1943):

Esfinge

Tudo em ti me perturba e tudo em ti me engana,
 desde a tua boca, onde a paixão de adivinha
 purpurando as pétalas da rosa felina,
 até o movimento louro de teus cílios.

Tudo em ti me é adverso, teu sorriso me condena
 como um feitiço e em tua palavra divina
 por esse chão de flores a falácia caminha
 qual uma alimária venenosa e fria

Com teu rosto de mártir és uma vingança.
 Tuas mãozinhas estrangularam minha esperança,
 e é tua flor um eufórbio semi-oculto entre tules.

Tua lâmpada alimenta asas de mariposa,
 arda nela este verso que me inspirou tua prosa:
 tu és uma mentira com os olhos azuis.

E María Mercedes Carranza (1945 – 2003):

Conversa com minha filha

Muitas coisas passarão sobre o teu corpo:
 chuva, desejos, lábios, tempo
 gastarão tua pele e tua alma por dentro.
 Muitas vezes terás que saudar
 a fé, a esperança, a caridade.
 São questões inevitáveis,
 usa a cortesia e as santas páscoas.
 Te obrigarão a respostas branco sobre o negro
 e viva a civilização, te gritarão
 e quando entendas por fim que o mundo
 é redondo, haverás perdido para sempre.

Sobre teus ombros a levarás,
à civilização te digo
vestida de gringa, ou de sueca ou de japonesa:
esta dama lê Platão,
bendiz as axilas com desodorantes,
toma coca-cola e não permite
que a saúdam sem tirar o chapéu.
Usa sempre as boas maneiras
nunca te esqueças filha
de lavar os dentes todas as manhãs
e apagar a luz antes de dormir.

APÊNDICES

1. SÉCULO XIX

1) AMÉLIA AUGUSTA DO SACRAMENTO RODRIGUES (AMÉLIA RODRIGUES)

Tradutora, teatróloga, professora, romancista e poeta.

Natural da cidade de Santo Amaro, na Bahia, em 26 de maio de 1861.

Traduziu do idioma alemão, em especial obras de cunho religioso. Foi responsável pela tradução do romance *O filho do homem*, da Baronesa Von Krane.

Fonte: Coelho (2002), Silva (2014) intitulado *A escritora Amélia Rodrigues através das páginas de Mestra e Mãe*, trabalho apresentado no VII Simpósio Nacional de História Cultural (USP)

2) ANA AMÉLIA QUEIROZ DE MENDONÇA

Tradutora, educadora, escritora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1896.

Feminista, mãe da também tradutora Bárbara Heliodora Nascimento, dedicou-se aos problemas universitários e fundou a Casa do Estudante no Brasil. É considerada a primeira mulher a ser membro de um tribunal eleitoral no País.

Traduziu os idiomas inglês, francês e alemão, entre as quais se encontram duas peças de Shakespeare.

Fonte: Coelho (2002, p. 50) e Rioeduca.net

3) ANA EUQUÉRIA LOPES DE CADAVAL

Tradutora e escritora.

Natural da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, não se sabe exatamente o ano.

Traduziu obras do francês, entre as quais se encontram os títulos “Magdalena”, de Julio Sandeau, em 1849; e “Educação das meninas”, de Fénelon, em 1862.

Fonte: Müller (2015) e Catálogo dos livros da biblioteca fluminense (1866)

4) ANNA HENRIQUETA FROMENT DA MOTTA E SILVA

Tradutora.

Não encontrei dados pessoais acerca da tradutora.

Traduziu, do francês, os títulos *Mauprat*, de Jorge Sand, em 1846;

Paulina, de Alexandre Dumas, em 1844; *De dia para dia*, de Frederico

Soulié, em 1845/46; *Emerance*, de Madame Ancelot, em 1844/45; e *Delfina*, de Mme. De Staël, em 1843.

Fonte: Catálogo dos livros da biblioteca fluminense (1866), Biblioteca Nacional (RJ)

5) ANNA NOGUEIRA BAPTISTA

Tradutora e poeta.

Natural da cidade de Icó, no Ceará, mas viveu longo tempo em Recife. Nasceu em 22 de outubro de 1870.

Atuou como redatora da revista pernambucana de caráter feminista *O Lyrio*, no qual publicou várias de suas traduções, tais como os títulos *Jarro Quebrado*, de Sully-Prudhomme, no ano 2, nº 4, p.8; *Ninho desfeito*, de Sully-Prudhomme, no ano 2, nº 5, p. 7; *Elle passou...*, de Héléne Vacaresco, no ano 2, nº 7, p. 8; e *Canção de agulha*, de autor desconhecido, traduzido do francês, no ano 3, nº 21, p.3.

Essas traduções podem ser encontradas na revista *O Lyrio*, que se encontra na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. É necessário agendamento prévio.

Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, *O Lyrio* e Coelho (2002, p. 60)

6) BEATRIZ FRANCISCA ASSIS BRANDÃO

Tradutora, poeta e professora.

Natural da atual cidade Ouro Preto, em Minas Gerais, no ano de 1779.

Traduziu, em especial, os idiomas italiano e francês.

Entre suas traduções estão o drama “Catão”, traduzido do italiano, em 1886, pela Editora Typografia B. X. P. de Sousa, do Rio de Janeiro; as óperas “Alexandre na Índia”, “Angélica e Medoro”, “Diana e Endimião”, “José no Egito”, “Semíramis reconhecida” e “Sonho de Cipião”.

Fonte: Coelho (2002, p. 89) e Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa (UFSC)

7) BERENICE CALMASINI

Tradutora e romancista.

Natural de São Paulo, no ano de 1895.

Utilizou o nome literário de Licínia de Hasané. Não há conhecimento de quais obras ou autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002, p. 91)

8) CAROLINA VON KOSERITZ

Tradutora.

Natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 17 de outubro de 1866.

Traduziu poemas do alemão, inglês e francês que foram publicados por editoras e pelo Jornal do Comércio de Porto Alegre. Entre suas traduções, encontram-se os títulos “O grilo da lareira”, de Charles Dickens, publicado no Jornal do Comércio em 1886; “Hermann e Dorothea”, de Goethe; “Contos de Viagem”, de Lord Byron; e “Excelsior”, de Henry Wadsworth Longfellow.

Fonte: Coelho (2002, p. 111) e Terra (2002)

9) CORINA DE VIVALDI COARACY (CORINA COARACY)

Tradutora, dramaturga, cronista, artista e jornalista.

Natural do Kansas, nos Estados Unidos da América, entretanto, veio ao Brasil quando ainda muito jovem.

Traduziu os idiomas inglês, italiano e francês. *A Rússia Vermelha*, de Victor Fissot, em 1883; *O dever*, em 1884, e *Vida e Trabalho*, no mesmo ano, de Samuel Smiles; *A alegria causa medo*, de Mme. Girardin; e *A reabilitação*, de Montes Coboli.

Fontes: Coelho (2002), Muzart (1999), Museu de literatura brasileira (Fundação Casa de Rui Barbosa), Hemeroteca digital (RJ)

10) DIONÍSIA FREIRE LISBOA (NÍSIA FLORESTA)

Tradutora, ensaísta, poeta, educadora e jornalista.

Natural do Rio Grande do Norte, da cidade Papary, em 12 de fevereiro de 1810.

Traduziu os idiomas francês, inglês e italiano, mas sua principal tradução é a da obra *Vindications of the right of woman*, de Mary Wollstonecraft, em 1832. Também traduziu obras próprias, tais como *Conselhos a minha filha*, que passou a ser *Consigli a Mia Figlia*, em 1858.

Fontes: Coelho (2002), Muzart (1999), Memoriaviva, Projeto memória e Hemeroteca digital (RJ)

11) EMÍLIA AUGUSTA GOMILDE PENIDO

Tradutora, escritora e poeta.

Não encontrei informações acerca de local de nascimento, apenas que nasceu em 1840.

Traduziu, do italiano, o título “A beneficência delicada”, em 1874, que foi publicado no Jornal das Famílias.

Fonte: Jornal das Famílias, nº 12 de setembro de 1874, p. 271-274.

12) EUGÊNIA INFANTE DA CÂMARA (EUGÊNIA CÂMARA)
Tradutora, poeta, atriz e dramaturga.

Natural de Lisboa, em Portugal, em 9 de março de 1837, mudou-se para o Rio de Janeiro aproximadamente no ano de 1859.

Traduziu em especial o idioma francês e algumas peças e obras de Eugène Scribe, tais como “A batalha das damas” e “Um entre mil”, além da comédia “Berta de Castigo”.

Fonte: Coelho (2002, p. 201), Almeida (1997) e Matos (2011)

13) FRANCISCA IZIDORA GONÇALVES DA ROCHA
Tradutora, professora, conferencista, poetisa, cronista e romancista.

Pernambucana, nasceu na cidade de Jaboatão dos Guararapes, em 24 de janeiro de 1855.

Traduziu da língua francesa e inglesa e foi responsável pelas traduções de alguns poemas de Ossiam, Lamartine; além do título “Manfredo”, de Lord Byron; “Os dois medos”, de Campoamor, tradução essa que se encontra na revista pernambucana O Lyrio nº21 ano 3; e “A cabana indiana”, de Bernardin de Saint-Pierre.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999), Biblioteca Pública Estadual de Recife, Hemeroteca Digital (RJ), Domingo com poesia e Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa (UFSC).

14) FRANCISCA MARANHÃO CAVALCANTI
ALBUQUERQUE (1844)

Tradutora.

Natural do Estado de Alagoas, no ano de 1844.

Traduziu, do alemão, o conto moral de Cônego Schmitt intitulado “Emma de Tene Burco”, em 1858.

Fonte: Rosa e Silva; Bomfim (2007).

15) GABRIELA FREDERICA DE ANDRADA DIAS MESQUITA
(GABRIELA ANDRADA)

Tradutora e poeta.

Nasceu em Santos, no Estado de São Paulo, em 11 de fevereiro de 1852.

Entre suas traduções, consta *A filha do sultão*, sem registro do autor, que foi publicada em livro. Suas outras traduções eram publicadas, geralmente, em folhetins.

Fonte: Coelho (2002, p. 223)

16) JOSEPHINA ÁLVARES DE AZEVEDO

Tradutora, escritora, jornalista e feminista.

Natural de Pernambuco, na cidade do Recife, em 3 de março de 1851.

Traduziu dos idiomas francês e inglês. Responsável pela tradução de um artigo da feminista Eugénie Potonié Pierre, intitulado *A solidariedade feminina*, em português, que se encontra na revista *A mensageira*, ano 2 nº 35, além do drama de Paul Jay, *Os companheiros do sol* (1890).

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999), Hemeroteca digital (RJ)

17) JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Tradutora, cronista, romancista, contista, teatróloga, poeta e jornalista.

Natural do Rio de Janeiro, em 1862.

Traduziu para o francês conto de sua própria autoria, intitulado “Le porcs” (“Os porcos”, em português). Na versão em português, ganhou o primeiro lugar pela *Gazeta Notícias*, na década de 1890, como melhor conto. Em francês, foi publicado em 1929 na *Revue de l’Amérique Latine*, Tome XVII, n 87.

Fonte: Coelho (2002), Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa (UFSC), Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa e Fenske (2014)

18) LÍVIA AUGUSTA

Tradutora.

Natural de Recife, em Pernambuco, aproximadamente no ano de 1830.

Traduziu dos e para os idiomas inglês e italiano, e atuou como tradutora de algumas obras de sua mãe, Nísia Floresta, como é o caso de *La Donna*, que passou do italiano ao inglês *The woman*; e *Le Brésil*, em que o original seria *Il Brasile* e que traduziu, em 1871, do italiano ao francês.

Fonte: Projetomemoria, Memoriaviva

19) MARIA AUGUSTA LOPES DE SÁ

Não encontrei dados pessoais acerca da tradutora.

Traduziu, do francês, a obra “Os amores de Camões e de Catharina d’Athaide”, de Madame Guatier, em 1844.

Fonte: Catálogo dos livros da biblioteca fluminense (1866), Biblioteca Nacional (RJ)

20) MARIA EMÍLIA MACÊDO

Tradutora.

Não encontrei dados pessoais acerca da tradutora.

Traduziu, do francês, a obra *Os amores de Camões e de Catharina d'Athaide*, de Madame Guatier, em 1844.

Fonte: Catálogo dos livros da biblioteca fluminense (1866), Biblioteca Nacional (RJ)

21) MARIA EUGÊNIA CELSO CARNEIRO DE MENDONÇA
(MARIA EUGÊNIA CELSO)

Tradutora, pesquisadora, jornalista, conferencista, declamadora e poeta. Natural de Minas Gerais, em 19 de abril de 1889 (ou 1890, não se sabe ao certo).

Entre suas traduções, estão *A eterna presença*, de André Dumas, em 1924; *O rosário*, de Florence Barclay, em 1926; *Novos contos de fadas*, de Condessa de Ségur, em 1927; e *Oração da enfermeira*, em 1944, de autor desconhecido. Além disso, publicou seu livro *Fantasia, Jeunesse*, com contos e traduções de romances franceses.

Fonte: Coelho (2002, p. 425)

22) MARIA FRANCISCA PEDREIRA FERREIRA

Tradutora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1858.

Traduziu a obra intitulada “Deveres dos meninos”, de autor desconhecido, em 1873. Sua tradução foi assinada com o pseudônimo “uma jovem fluminense”.

Fonte: Bernardes (1989, p. 1999)

23) MARIA JOSÉ DE ANDRADE

Tradutora, diretora e escritora.

Natural de Campos, no Rio de Janeiro, em 1835.

Estudou escrituração mercantil e diversos idiomas para ajudar o pai, que era negociante.

Traduziu poesias e folhetins e assinou com o pseudônimo de Leucata Olímpia.

Fonte: Bernardes (1989, p. 199)

24) MARIA LUISA DE OLIVEIRA ARRUDA

Tradutora.

Natural de Bananal, no Rio de Janeiro, em 1864.

Não encontramos dados sobre sua prática tradutória.

Fonte: Bernardes (1989, p. 207)

25) PAULINA PHILADELPHIA

Tradutora e escritora.

Paulina Philadelphia é o pseudônimo de uma mulher que ainda é desconhecida e, por esse motivo, não há informações pessoais acerca da tradutora.

Atuou como escritora e tradutora do *Jornal das Famílias*, no qual publicou a tradução intitulada *Dolores*, de 1865 a 1868 (a história foi dividida em várias partes), começando na edição de tomo 3, em novembro de 1865, entre as páginas 330-333, até junho de 1868, entre as páginas 181-184.

Fonte: Pinheiro (2007), Catálogo dos livros da biblioteca fluminense (1866), Biblioteca Nacional (RJ) e *Jornal das Famílias*

26) REVOCATA HELOISA DE MELO (REVOCATA DE MELO)

Tradutora, contista, dramaturga, professora, conferencista, abolicionista, federalista, poeta e jornalista.

Natural de Porto Alegre, e 21 de dezembro de 1858.

Trabalhou no jornal *Corimbo*, conhecido por ser o mais duradouro jornal feminista do Brasil, tendo início em 1883 e finalizando em 1944. Traduziu, em especial, o idioma francês, e o título *Sofrer e morrer*, de Ramon Campoamor.

Fonte: Coelho (2002, p. 564-565)

27) RITA DE CINTRA COSTA

Tradutora e poeta.

Natural de Icó, cidade do Ceará, mas se mudou para Recife com seu marido, que atuou como deputado federal do Estado. Não encontrei informações acerca de seu ano de nascimento.

Atuou como colaboradora da revista pernambucana de caráter feminista *O Lyrio*, na qual publicou algumas de suas traduções do italiano e francês, tais como *A sogra ao genro*, de Giacome Zanela, no ano 2, nº 4, p.2; *Bom dia*, de Emanuel Martelli, no ano 2, nº 6, p. 8; *Se...*, de Giuseppe Maifredi, no ano 2, nº 8, p. 4; *Satanaz*, de Berta Pasadine, no ano 2, nº 9, p. 5; e *Rosa Gentil*, de A. Caneviori, no ano 3, nº 21, p. 4

Suas traduções podem ser encontradas na revista *O Lyrio*, que se encontra na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. É necessário agendamento prévio.

Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, *O Lyrio* e Portal da História do Ceará.

28) SÍLVIA MENDES CAJADO

Tradutora.

Natural de Sorocaba, São Paulo, no ano de 1889.

Suas traduções são várias, dos idiomas francês e inglês, entre as quais constam: *A chave de vidro*, de Dashiell Hammet, em 1945; *Var Vietis*, de Annie Vicenti, em 1921; *Asas do destino*, de Meire Blizard, em 1944; *Caravana do destino*, de John Steinbeck, em 1945; *Torrente bravia*, de Luis Bromfield em 1944; *Ilusões perdidas*, de Balzac, em 1960; *Estranhas superstições*, de W. Fielding; *O véu pintado*, de Somerset Maugham; *O rei Davi*, de Gladys Schmitt, em 1946; e *Luz e gás*, de Patrick Hamilton, em 1952.

Algumas de suas traduções podem ser encontradas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Fonte: Coelho (2002 p.584), Hemeroteca digital (RJ)

29) SOFIA SÁ DE SOUSA

Tradutora e escritora.

Natural de São Luís, no Maranhão, não se sabe bem em que ano.

Traduziu, do alemão, a obra de Schiller, *Os bandidos*, em 1900.

Fonte: Coelho (2002, p. 587)

30) VICENTINA MESQUITA VICENTE DE CARVALHO (VICENTINA DE CARVALHO)

Tradutora e poeta.

Natural de Santos, em São Paulo, em 24 de junho de 1890.

Traduziu, do francês, diversas obras para editoras de São Paulo. Entre elas constam *As filhas de Barba Azul*, de Myriam Catalni, em 1944; *O rei das montanhas*, de Edmund About, em 1945; e *O doutor misterioso*, de Alexandre Dumas, em 1945.

Fonte: Coelho (2002, p. 640), Hemeroteca digital (RJ)

31) VIOLANTE DE BIVAR E VELASCO

Tradutora, escritora, jornalista.

Natural da Bahia, em 1º de dezembro de 1817.

É considerada a primeira jornalista brasileira, pois dirigiu, em 1852, o *Jornal das Senhoras*, no qual publicava, entre tantas coisas, traduções.

Dedicou-se à tradução de peças teatrais, dos idiomas italiano, francês e inglês, tais como *Pamela casada* e *Pamela solteira*, de Goldoni, do italiano; *Rob-roy MacGregor Campbell*, de Isaac Pocock, do inglês; *Clermont* ou *A mulher do artista*, de Scribe e Louis-Émile Vanderburch, do francês; *O xale de casemira verde*, de Alexandre Dumas e Eugênio

Sue, do francês; *Os maricas*, de Jouhand e Bricet e Fourchon; e *Os íteres* ou *A roda da fortuna*, de M. Picard, do francês.

Além disso, a tradutora publicou um livro intitulado *Algumas traduções das línguas francesa, italiana e inglesa*, publicado em 1859, no qual se encontram traduções das obras de Padre John Tood.

Algumas de suas obras podem ser encontradas na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e o *Jornal das Senhoras* se encontra on-line na Hemeroteca Digital na biblioteca, para quem interessar.

Fonte: Coelho (2002, p. 643), Muzart (1999), Hemeroteca digital (RJ)

32) VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

Tradutora e cineasta.

Natural de Lisboa, em Portugal, no ano de 1874.

Atuou como tradutora de obras de autores como Dickens, com o título *Canto de natal*, George Sand, Marco Aurélio e Cervantes, com os contos *Cornélia* e *O ciumento*, publicados no *Vollume: Novellas Exemplares*, em 1921.

Fonte: Imdb da tradutora, Cobelo (s/d) e Nãogostodeplágio.

33) VIRGÍNIA TAMANINI

Tradutora, pintora, romancista, dramaturga, poeta, professora e jornalista.

Natural do Espírito Santo, em 4 de fevereiro de 1897.

Não se sabe quais obras, exatamente, traduziu, entretanto, há conhecimento de que dedicou-se à tradução de romances italianos.

Fonte: Coelho (2002, p. 646)

2. SÉCULO XX

1) ADALGISA NERY

Tradutora, romancista, poeta, contista e conferencista.

Natural do Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1905.

Traduziu a obra *O jardim das carícias*, em 1938.

Fonte: Coelho (2002, p.20), Muzart (1999)

2) ALBA OLMÍ

Tradutora, professora.

Natural da cidade de Milão, na Itália, radicada no Brasil.

Fez mestrado e doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Traduz diversos idiomas: italiano, dialeto napolitano, espanhol, inglês, francês e latim. Entre os títulos traduzidos se encontram “Sol, lua e tália”, de Giambattista Basile, em 1996; “Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos, uma abordagem reflexiva”, organizado por A. Bondioli e S. Mantovani, em 1997; e “Descobrimo a dimensão perdida: etnografia da educação em uma escola materna de Reggio Emilia”, de G Rabitti, em 1998.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

3) ALICE RUIZ

Tradutora, publicitária, letrista e poeta.

Natural de Curitiba, no Estado do Paraná, em 22 de janeiro de 1946.

Entre suas traduções, estão *Dez hai-kais*, em 1981; *Céu do outro lugar*, em 1986; *Sendas da sedução*, junto a Josely Baptista, em 1988; e *Issa*, em 1987.

Fonte: Coelho (2002)

4) ALMA CUNHA DE MIRANDA

Tradutora, poeta, cantora lírica, radialista, escritora e musicista.

Nasceu em Gênova, na Itália, no Consulado do Brasil, no ano de 1928.

Não há conhecimento de quais obras e autores traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

5) AMÉLIA SPARANO

Tradutora, contista, ensaísta, poeta e romancista.

Natural de Turim, na Itália, no ano de 1912.

Traduziu *Um crime de honra*, de Giovanni Arpino, em 1963; e, para o italiano, traduziu *Romanceiro de Anita Garibaldi*, de Stella Leonardos, além das diversas obras traduzidas para as editoras do Rio de Janeiro e São Paulo.

Fonte: Coelho (2002), Hemeroteca digital (RJ)

6) ANA CRISTINA CÉSAR

Tradutora, professora, poeta e pesquisadora.

Natural do Rio de Janeiro, no ano de 1952.

Traduziu três ensaios de *Du sens*, de A. J. Greimas, pela Editora Vozes – Rio de Janeiro, em 1975; *El tarot o la maquina de imaginar*, de A. Cousté, pela Editora Labor, também do Rio de Janeiro, em 1976; *Hite report*, de Sara Hite, pela editora Difel, em 1977. Além disso, foi

tradutora dos poemas de Silvia Plath, do conto *Bliss*, de K. Mansfield, dos poemas de Emily Dickinson, entre tantos outros.
Fonte: Coelho (2002)

7) ANA DE ALENCAR

Tradutora e intérprete.

Natural da cidade de Salvador, na Bahia, em 1952.

Concluiu a graduação e mestrado em Letras pela Université Paris VII.

Traduz do idioma francês nas áreas de psicanálise, filosofia e teoria literária. Suas traduções são “Pena de morte”, de Maurice Blanchot, em 1991; e “Os três tempos da lei”, de Alain Didier-Weill, em 1997.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

8) ANA MARIA MACHADO

Tradutora, ensaísta, ficcionista, jornalista e escritora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1941, recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen em 2000.

Traduziu contos de Grimm e Peter Pan, entre outros.

Fonte: Coelho (2002), Biblioteca Nacional (RJ), Hemeroteca digital (RJ)

9) ANA MARIA MARTINS

Tradutora e contista.

Natural de São Paulo, não se sabe exatamente o ano.

Atuou como tradutora de obras de Agatha Christie, Maurice Leblanc, Aldous Huxley, J. K. Galbrath, Ray Bradbury, entre outros.

Fonte: Coelho (2002), Armênia-Brasil
(<http://www.armenia.brasil.nom.br/publica.htm>)

10) ANA THEREZA BASÍLIO VIEIRA

Tradutora e professora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1965.

Formou-se em Letras Latinas e Letras Italianas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e traduz a partir do latim, italiano, francês, inglês ou espanhol.

Em 1998, recebeu o prêmio *Alejandro José Cabassa* por sua tradução intitulada “O livro do amor”, de Marsilio Ficino. Entre os títulos que traduziu estão “Kant e o ornitorrinco”, de Humberto Eco, em 1998; “O livro do amor”, de Marsilio Ficino, em 1996; “Breviário dos políticos”, de Mazarino, em 1997; e “Poesia e prosa”, de Leopardi e Lucchesi, em 1996.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

11) ÂNGELA LEITE LOPES

Tradutora e professora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1958.

Formada em Teoria do Teatro pela Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO), traduz do e para o francês.

Entre seus títulos traduzidos francês-português, estão “Carta aos autores e para Louis de Funès”, de Valère Novarina, em 1999; “O cid.”, de Pierre Corneille, em 1998; e “A princesa branca: cena à beira mar”, de Rainer Maria Rilke, em 1996.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

12) ÂNGELA MELIM

Tradutora, redatora e poeta.

Natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 25 de agosto de 1952.

Atua como tradutora especialmente nas imprensas literárias dos Estados de Santa Catarina e Rio de Janeiro

Fonte: Coelho (2002)

13) ANA MONTÓIA

Tradutora e professora.

Natural de São Paulo, em 1957.

Fez graduação e doutorado na área de Ciências Sociais e traduz do francês.

Traduziu o título “Da palavra ao gesto”, de Claudine Haroche, em 1998.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

14) AURORA FORNONI BERNARDINI

Tradutora, pesquisadora e professora.

Natural da Itália, em 1941, radicou-se no Brasil.

Possui doutorado em Literatura Brasileira e já traduziu mais de 50 livros dos idiomas francês, inglês, italiano, russo e alemão.

Entre eles estão “A época das incertezas e as transformações do estado contemporâneo”, de Ricardo Campa, em 1985; “Tradução de uma coletânea de poemas para o italiano”, de Haroldo de Campos, em 1996; “A mudança”, de Andrea Canobbio, em 1998; “O nome da rosa”, de Umberto Eco, em 1996; “Viagem na irrealidade cotidiana”, de Umberto Eco, em 1984; “Aquele confusão louca da via Marulana”, de C. E. Gadda, em 1990; “Casamentos bem arranjados”, de C. E. Gadda, em 1996; “Ka”, de Velimir Khlébnikov, em 1977; “Incendeia-me a vida”,

de Peppe Lanzetta, em 1998; “Os arquétipos literários”, de E. M. Meletinski, em 1998; “Henrique VI”, de Luigi Pirandello, em 1990; “Comicidade e riso”, de Vladimir Propp, em 1992; “Os diferentes aspectos do riso de zombaria”, de Vladimir Propp, em 1992; “A linguagem como trabalho e como mercado”, de F. Rossi-Landi, em 1985; “Uma vida”, de Italo Stevo, em 1993; “A mulher do farmacêutico”, de Anton P. Tchekhov, em 1991; “Psicolinguística aplicada: introdução psicológica aplicada à didática das línguas”, de Renzo Titone, em 1983; “Par e ímpar”, Ivanov V. Viatcheslav, em 1998.
Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

15) AYALA KLUWE DE AGUIAR

Tradutora.

Traduziu, do francês, contos do livro “Contos da mamãe ganso”, de Charles Perrault, em 1994.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

16) BÁRBARA HELIODORA CARNEIRO DE MENDONÇA

Tradutora, professora, pesquisadora e crítica teatral.

Natural do Rio de Janeiro, no ano de 1923.

Tradutora do teatro de Shakespeare, como, por exemplo, da obra *Romeu e Julieta*.

Fonte: Coelho (2002)

17) BEATRIZ HORTA

Tradutora, escritora e jornalista.

Natural da cidade de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, em 1954.

Fez pós-graduação em tradução de inglês-português na Universidade Católica do Rio de Janeiro, mas traduz dos idiomas inglês e francês.

Entre suas traduções estão “O livro de Saladino”, de Tárík Ali, em 1991; “Grandes livros”, de Davi Denby, em 1998; “A redoma de livro”, de Sylvia Plath, em 1999; e “Vida nas cidades”, de W. Rzynski, em 1983.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

18) BEATRIZ-SYLVIA ROMERO PORCHAT

Tradutora juramentada, intérprete comercial e romancista.

Natural do Rio de Janeiro, no início dos anos 1900.

Além de ter atuado como tradutora juramentada por 30 anos, dedicou-se à tradução de obras literárias.

Fonte: Coelho (2002)

19) BEATRIZ VIÉGAS-FARIA

Tradutora, escritora e professora.

Natural da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1956.

Fez bacharelado em Letras (Tradutor português-inglês) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e traduz do inglês.

Entre seus títulos traduzido, se encontram “Contos de dinossauros”, de Bradbury Ray, em 1993; “A nascente”, de Ayn Rand, em 1993; “A simples arte de matar”, de Raymond Chandler, em 1997; “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, em 1998; “Otelo”, de William Shakespeare, em 1999; “Objetivismo: a filosofia de Ayn Rand”, de Leonard Peikoff, em 1999; e “Dicionário de alfabetização”, de Harris e Hodges, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

20) BERENICE XAVIER

Tradutora.

Traduziu, do inglês, a obra “Moby Dick”, de Herman Melville, em 1998.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

21) BERNARDINA LEA MARIA DA SILVEIRA PINHEIRO

Tradutora, professora, filósofa, escritora e pesquisadora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1922.

Fez mestrado em Letras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e traduz do francês e inglês.

Entre seus títulos se encontra “Um retrato do artista quando jovem”, de James Joyce, em 1992.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

22) BETTY MILAN

Tradutora, jornalista, ensaísta, ficcionista e médica.

Natural de São Paulo, em 5 de agosto de 1944.

Atuou como tradutora da obra *Os escritos teóricos de Freud*, em 1979.

Fonte: Coelho (2002)

23) BLUMA VILAR

Tradutora.

Natural do Rio de Janeiro, não encontramos informações acerca do ano.

Licenciada em Português-Francês pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), traduz do francês e inglês.

Traduziu “Assinatura do mundo”, de Éric Alliez, em 1995; “Playmate”, de Philip Oakes, em 1989; “Mescla”, de Paul Valéry, em 1987; “O casamento”, de Anne Stevenson, em 1991; além das as conferências e debates que formaram a obra “Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser”, organizado por João Cezar de Castro Rocha, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

24) CARLA INAMA DE QUEIRÓS

Tradutora.

Traduziu, do italiano a obra “A história de pobres amantes”, de Vasco Pratolini, em 1975.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

25) CARLOTA GOMES

Tradutora.

Natural da cidade de São Paulo, em 1943.

Formou-se em Letras Neolatinas na Universidade de São Paulo (USP), traduz do francês.

Traduziu “História da ecologia”, de Pascal Acot, em 1990; “Teresa filósofa” de Jean-Baptiste de B. Argens, em 1997; “Um é o outro: relações entre homens e mulheres”, de Elisabeth Badinter, em 1986; “Crônica japonesa”, de Nicolas Bouvier, em 1992; “O sofá”, de Claude P. J. de Crébillon, em 1992; “Crianças vítimas de abuso sexual”, de Marceline Gabel, em 1997; “Cuidados e técnicas do corpo na China, no Japão e na Índia”, de Ling Wong e Pierre Huard, em 1990; “Estrangeiros para nós mesmos”, de Julia Kristeva, em 1994; “Sol negro: depressão e melancolia”, de Julia Kristeva, em 1989; “O homem criminoso”, de Cesare Lombroso, em 1983; “Gastronomia francesa: história e geografia de uma paixão”, de Jean-Robert Pitte, em 1993; “O sexo e a morte”, de Jacques Ruffié, em 1988; e “A vida exemplar de Rita Capuchon”, de Françoise Xenakis, em 1990.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

26) CARMEM MARIA SERRALTA

Tradutora.

Traduziu, do francês, contos da obra “Contos da mamã gansa”, de Charles Perrault, em 1994.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

27) CAROLINA ALFARO DE CARVALHO

Tradutora.

Natural da Argentina, radicada no Brasil. Não se sabe exatamente o ano de nascimento.

Graduou-se em Letras com bacharelado em tradução pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), traduz do inglês.

É uma das fundadoras e administradoras do *site* “Tradwiki – Enciclopédia da tradução”.

Traduziu “Vida e obra de D. W. Winnicott: um retrato biográfico”, de Bett Kahr, em 1997; e “Einstein viveu aqui”, de Abraham Pais, 1997.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

28) CASSANDRA RIOS

Tradutora, poeta, romancista, contista, cronista, jornalista, revisora, compositora e escritora.

Natural de São Paulo, no ano de 1932.

Não há conhecimento de quais obras e autores traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

29) CECÍLIA CAMARGO BARTALOTTI

Tradutora.

Natural de São Paulo, não se sabe exatamente o ano.

Especializou-se em Tradução na língua inglesa.

Traduziu “Conversando com os planetas”, de Anthony Aveni, em 1994; “Rock star”, de Jackie Collins, em 1990; “Matilda”, de Roald Dahl, em 1993; “As aventuras de Sherlock Holmes”, de Arthur Conan Doyle, em 1995; “Psicologia para professores”, de David Fontana, em 1998; “Risco de vida”, de Alice Hoffman, em 1989; “O messias”, de Marjorie Holmes, em 1994; “Contos de fadas”, de Linda Jennings (adaptação) e Gavin Rowe (ilustração), em 1996; “Dicionário dos deuses e demônios”, de Manfred Lurker, em 1993; “Dinheiro sujo”, de Ross Macdonald, em 1989; “Alimente o potencial de seus filhos”, de Raymond Mitsch, em 1995; “Corações solitários do cosmo”, de Dennis Overbye, em 1993; “O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus”, de J. Andrew Overman, em 1997; “Um cientista lê a Bíblia”, de John Polkinghorne, em 1996; “Terapia centrada no cliente”, de Carl R. Rogers, em 1992; “A nova catolicidade: a teologia entre o global e o local”, de Robert J. Schreiter, em 1997; “Vygotsky, uma síntese”, de René Van der Veer e Jann René, em 1995;

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

30) CECÍLIA MEIRELES

Tradutora, poeta, jornalista, pedagoga.

Natural do Rio de Janeiro, em 1901.

Conhecedora de vários idiomas, como inglês, francês, italiano, russo, alemão, espanhol, hebraico, além dos dialetos do grupo indo-irânico.

Foi responsável pela tradução dos títulos “Um hino de natal”, de Charles Dickens, 1947; “Os mitos hitleristas: problemas da Alemanha contemporânea”, Perroux François, 1937; “Bodas de sangue”, de Federico Garcia Lorca, em 1960; “Yerma”, Federico Garcia Lorca, em 1963; “A canção de amor e de morte do poeta-estandarte Cristóvão Rilke”, de Maria Rainer Rilke, em 1983; “Çaturanga”, de Rabindranath Tagore, em 1962; “Orlando”, de Virgia Woolf, em 1948; além das antologias “Poesia de Israel”, em 1963, “Poesia e prosa de Israel”, em 1968, e “Poemas chineses: Li Po e Tu Fu”, em 1996.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC) e Dal Farra (2006)

31) CELINA PORTOCARRERO

Tradutora e poeta.

Natural do Rio de Janeiro, em 1945.

Traduziu, em especial, os idiomas francês e inglês.

Foi responsável pelas seguintes traduções: “Conhecer a homeopatia”, de Nelson Brunton, em 1990; “Como consertar sua moto”, de Christian Constans e Michel Weber, em 1976; “Como orientar seu filho”, de François Dolto, em 1985; “A caça submarina”, de Jean-Albert Foex, em 1976; “As pipas”, de Romdin Gary, em 1981; “A sinfonia pastoral”, de André Gide, em 1982; “Os moedeiros falsos”, de André Gide, em 1983; “Manual de I Ching”, de M. Hadès, em 1991; “Linhas do destino”, de Kwok Man Ho, Martin Palmer e Joanne O’Brien, em 1991; “A história da medicina”, de A. Ibáñez, em 1985; “A torre negra”, de Phyllis Dorothy James, em 1981; “Moha o louco, Moha o sábio”, de Tahar Bem Jelloun, em 1984; “A captura de Kirillian”, de Seth Mac Evoy, em 1992; “Olimpíadas espaciais”, de Seth Mac Evoy, em 1992; “O reino de Deus está em vós”, de Léon Tolstoi, em 1994; “Palavras de estrangeiro”, de Elie Wiesel, em 1984; “O quinto filho”, de Elie Wiesel, em 1985; “Golem, a história de uma lenda”, de Elie Wiesel, em 1986; “Testamento de um poeta judeu assassinado”, de Elie Wiesel, em 1987; e “Sinais do êxodo”, de Elie Wiesel, em 1988.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

32) CHRISTINE RÖHRIG

Tradutora e jornalista.

Natural de São Paulo, não temos informações acerca do ano.

Traduziu diversas obras do alemão, entre as quais se encontram: “Os cabeças redondas e cabeças pontudas”, de Bertolt Brecht, em 1991; “Dansen”, de Bertolt Brecht, em 1992; “Quanto custa o ferro?”, de Bertolt Brecht em 1992; “Antígona de Sófocles”, de Bertolt Brecht, em 1993; “Don Juan”, de Bertolt Brecht”, em 1995; “O preceptor”, de Bertolt Brecht, em 1995; “Minha irmã Clara e o rabo do leão”, de Dimiter Inkiow, em 1994; “Minha irmã Clara e o tubarão”, de Dimiter Inkiow, em 1995; “Minha irmã Clara e a poça d’água”, de Dimiter Inkiow, em 1996; “O achatador de salário”, de Heiner Müller, em 1993; “A cruz de ferro”, de Heiner Müller, em 1993; “Descrição de imagem”, de Heiner Müller, em 1993; “Hamletmaschine”, de Heiner Müller, em 1993; “História de amor”, de Heiner Müller, em 1993; “Lições”, de Heiner Müller, em 1993; “Maelstromsüdpol”, de Heiner Müller, em 1993; “Margem abandonada, Medeamaterial, paisagem com argonautas”, de Heiner Müller, em 1993; “Relato do pai”, de Heiner Müller, em 1993; “Relato do avô”, de Heiner Müller, em 1993; “Relato do início”, de Heiner Müller, em 1993; “Seis pontos para a ópera”, de Heiner Müller, em 1993; “Uma contribuição ao debate”, de Heiner Müller, em 1993; “Necrofilia é o amor ao futuro”, de Heiner Müller, em 1998; “Quero ver Brecht num peep-show”, de Heiner Müller, em 1998; “Para sempre em Hollywood”, de Heiner Müller, em 1998; “Conversa com Wolfgang Heise”, de Heiner Müller, em 1998.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

33) CÍNTIA MOSCOVICH

Tradutora, jornalista, contista, jornalista, professora, revisora e assessora de imprensa.

Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no ano de 1958.

Atuou como tradutora de obras nos idiomas inglês, espanhol e francês.

Fonte: Coelho (2002)

34) CLAUDIA BECK ABELING SZABO

Tradutora, editora e consultora.

Natural de São Paulo, em 1965.

Traduz do alemão, inglês, húngaro e francês e foi responsável pelas obras “Abandono e auto-alienação”, de Kathrin Asper, em 1996; “O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar e (e deformar) a vida social dos filhos”, de Alice Miller, em 1997; “Energia vital pela bioenergética suave”, de Eva Reich, em 1998.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

35) CLAUDIA CAVALCANTI

Tradutora.

Natural da cidade de Recife, em Pernambuco, no ano de 1963.

Traduz do alemão, inglês e francês.

Traduziu “No rastro de Tina Modotti”, de Christiane Barckhausen-Canale, em 1989; “A atualidade de James Joyce”, de Hermann Broch, em 1992; “Cristal”, de Paul Celan, em 1999; “História de leitura no mundo ocidental”, de Roger Chartier e Guglielmo Cavallo, em 1999; “Vale do caos”, de Friedrich Dürrenmatt, em 1991; “O longo caminho até Santa Cruz”, de Michael Ende e Regina Kehn, em 1999; “Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: Correspondência (1908-1911)”, de Ernst Faldezer e Eva Brabant, em 1994; “A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco”, organizado por Marie Gautheron, em 1991; “Goethe e Schiller: companheiros de viagem”, de Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich von Schiller, em 1993; “Contos fantásticos”, de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, em 1993; “Olha só que confusão!”, de Ellis Kaut, em 1998; “A marquesa d’O... e outras histórias”, de Heinrich von Kleist, em 1992; “Pontos sobre o Brasil”, de Lorenzo Pellizari, Cláudio M., em 1995; “A pequena bruxa”, de Lorenzo Pellizari, em 1995; “O menino das águas”, de Otfried Preussler, em 1997; “Quem tem tempo pro ursinho?”, de Ursel Scheffler, em 1997; “Na primavera, o último canto da cotovia”, de Johannes Mario Simmel, em 1993; “Nietzsche no Parque dos Monstros”, de Peter Sloterdijk, em 1994; “No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica”, de Peter Sloterdijk, em 1999; e “De profundis e outros poemas”, de Georg Trakl, em 1994.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

36) CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

Tradutora e poeta.

Natural do Rio de Janeiro, no ano de 1963.

Formou-se em Tradução Literária e atuou intensamente como tradutora de poesia.

Fonte: Coelho (2002)

37) CLARICE LISPECTOR

Tradutora, escritora, jornalista e datilógrafa.

Natural da Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920.

Traduziu obras de autores conceituados, tais como Swift, Fielding, London, Agatha Christie, Oscar Wilde, Julio Verne, entre outros. Entre suas traduções, se encontram *O missionário*, de Claude Ferrère, em

1941; *Matriz de Bravos*, de Anya Seton, em 1963; *Três ratinhos cegos*, de Agatha Christie, em 1967, entre outros, além de peças teatrais.

Fonte: Biblioteca Nacional (RJ), Queiroga (2014) *Clarice Lispector tradutora de literatura infanto-juvenil* (UFPB), Ferreira (2013) *‘Traduzir pode correr o risco de não parar nunca’: Clarice Lispector tradutora (um arquivo)* (UNB)

38) DENISE BOTTMANN

Tradutora, pesquisadora e historiadora.

Natural da cidade de Curitiba, no estado de Paraná, em 1954.

Fundadora e administradora do blog Não Gosto de Plágio.

Traduz do inglês, francês e italiano.

Foi responsável pela tradução dos títulos “A crise da crise do marxismo”, de Perry Anderson, em 1984; “Homens em tempos sombrios”, de Hannah Arendt, em 1987; “Arte moderna”, de Giulio Argan, em 1992; “O vocabulário das instituições indo-europeias”, volumes I e II, de Emile Benveniste, em 1995; “Modernismo – Guia geral, 1890 – 1930”, de Malcolm Bradbury e James McFarlane, em 1989; “Cultura popular na idade moderna”, de Peter Burke, em 1989; “Antigos cultos de mistério”, de Walter Burket, em 1991; “Tratado das sensações”, de Etienne de Condillac, em 1993; “Ensaio sobre os elementos de filosofia”, de Jean D’Alembert, em 1994; “O lado oculto da Revolução”, de Robert Darnton, em 1988; “O beijo de Lamourette”, de Robert Darnton, em 1990; “Ao longo do riocorrente”, de Richard Ellmann, em 1991; “Diálogos sobre a pluralidade dos mundos”, de J. Fontenelle, em 1993; “Freud, uma vida para nosso tempo”, de Peter Gay, em 1988; “O estilo da história”, de Peter Gay, em 1990; “Maquiavel no inferno”, de Sebastian de Grazia, em 1993; “O ressurgimento da narrativa: alguns comentários”, de Eric Hobsbawm, em 1990; “Barcelona”, de Robert Hughes, em 1995; “Reversibilidade”, de Claude Lefort, em 1989; “Dáfnis e Clóe”, de Longo, em 1990; “Samarcanda”, de Amin Maalouf, em 1991; “A força da tradição”, de Arno Mayer, em 1987; “Código da natureza”, de J. Morelly, em 1994; “Os excluídos da história”, de Michelle Perrot, em 1988; “História da vida privada”, organizado por Michelle Perrot, em 1990; “Geografia”, de Ratzel, em 1990; “Sir Richard Francis Burton”, de Edward Rice, em 1991; “Ariel”, de José Enrique Rodó, em 1991; “Cultura e imperialismo”, de Edward Said, em 1995; “A imagem precária”, de Jean-Marie Schaeffer, em 1996; “Viena fin-de-siècle”, de Carl Schorske, em 1990; “Memórias de um revolucionário”, de Victor Serge, em 1987; “O palácio da memória de Matteo Ricci, de Jonathan Spence,

em 1986; “Cafeicultura”, de Verena Stolcke, em 1986; “O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma velha questão”, de Lawrence Stone, em 1990; “Paisagens da solidão”, de Eduardo Subirats, em 1986; “Religião e declínio da magia”, de Keith Thomas, em 1991; “A formação da classe operária inglesa”, de E. P. Thompson, em 1986; “A formação da classe operária inglesa”, de E. P. Thompson, em 1986; “Senhores e caçadores”, de E. P. Thompson, em 1987; “A vida em comum”, de Todorov Tzvetan, em 1996; “França revolucionária”, de Michel Vovelle, em 1989; “Exterminismo e guerra fria”, de AA. VV., em 1985; “Economia e movimentos sociais na América Latina”, de AA. VV., em 1986; e “O capitalismo histórico”, de Immanuel Wallerstein, em 1985.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

39) DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Tradutora, romancista, cronista e jornalista.

Natural de São Paulo, em 9 de novembro de 1911.

Não há informações de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999)

40) DORA FERREIRA DA SILVA

Tradutora, ensaísta, poeta, jornalista e professora.

Natural de Conchas, cidade no Estado de São Paulo, em 1º de julho de 1918.

Traduziu a obra *Elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke e autores como San Juan de la Cruz, Holderlin, Miloz, T. S. Eliot, D. H. Lawrence, etc.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999), Jornal de Poesia (<http://www.jornaldepoesia.jor.br/dora.html>), Ims

(<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/dora-ferreira-da-silva>)

41) DOROTHEÉ DE BUCHARD

Tradutora, professora e editora.

Natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1958.

Atualmente faz doutorado em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Traduz do francês.

Foi responsável pelos títulos “Prosas de Mallarmé (Autobiografia, poemas em prosa, contos indianos)”, de Mallarmé, em 1994; “O homem na multidão”, de Edgar Allan Poe, em 1993; “A morte de Baldassare Silvande e outras histórias”, de Marcel Proust, em 1997; “Projeto para a educação do Sr. De Sainte-Marie”, de J. J. Rousseau, em 1994; “A

cruzada das crianças”, de Marcel Schwob, em 1996; e “Modesta Proposta”, de Swift, em 1993.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

42) DOROTHY CAMARGO GALLO

Tradutora juramentada, radialista, cronista, contista, romancista e professora.

Natural de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, no ano de 1924.

Não há conhecimento se, além de ter atuado como tradutora juramentada, atuou como tradutora literária.

Fonte: Coelho (2002)

43) EBRÉIA DE CASTRO ALVES

Tradutora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1937.

Durante a década de 1960, fez curso de extensão na área de Interpretação e Tradução de textos, na Universidade de Nova York.

Traduz do inglês e alemão.

Traduziu “Sétima avenida”, de Norman Bogner, em 1988; “Casa sem dono” de Heinrich Böll, em 1976; “A geração perdida”, de Jacqueline Briskin, em 1982; “Esmeraldas fatais”, de Geral A. Browne, em 1978; “Variações na arte de amar”, de Frank Samuel Caprio, em 1982; “O bode expiatório”, de Daphne du Maurier, em 1978; “Vítimas do destino”, de Ernest Gann, em 1980; “O caso dos modelos de pernas longas”, de erle Stanley, em 1978; “Embalos de sábado à noite”, de H. B. Gilmour, em 1977; “Tudo o que você queria saber sobre energia mas não tinha forças para perguntas”, de Naura Hayden, em 1979; “Aspen. A cidade por onde todos vão em busca de prazer”, de Burt Hirschfeld, em 1979; “Fanny”, de Erica Jong, em 1982; “O carnê dourado”, de Doris Lessing, em 1985; “A orquídea negra”, de Nicholas Meyer e Barry Jay Kaplan, em 1984; “A ilha de Pitcairn”, de Charles Bernard Nordhoff e James Norman, em 1981; “Motim a bordo”, de Charles Bernard Nordhoff e James Norman Hall, em 1980; “O enigma do zodíaco”, de Jacques Sadoul, em 1975; “Quando digo não, me sinto culpado”, de Manuel J. Smith, em 1983; “Meu filho, meu filho!”, de Howard Spring, em 1970; “Dolores”, de Jacqueline Susann, em 1980; e “O macaco onívoro”, de Lyall Watson, em 1974.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

44) EDITH ARNHOLD

Tradutora, poeta, artista, pintora, escultora e advogada.

Natural da Alemanha, em 8 de junho de 1930, veio para o Brasil aos dez anos de idade.

Traduziu poetas alemães, ingleses e franceses.

Fonte: Coelho (2002)

45) EDLA VAN STEEN

Tradutora, romancista, jornalista, roteirista, teatróloga e contista.

Natural da cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, em 1936.

Traduziu mais de dez peças teatrais, tais como *O encontro de Descartes com Pascal*, de Jean Claude Brisville, e *Três Anas*, de Arnold Wesker.

Além disso, traduziu os títulos *O médico e o monstro*, de R. L. Stevenson, em 1987; e *Aula de canto*, de Katherine Mansfield, em 1984.

Fonte: Coelho (2002)

46) ÉLIA FERREIRA EDEL

Tradutora.

Não encontramos dados pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do alemão, a obra “O diário de Anne Frank”, de Anne Frank, em 1947.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

47) ELIANE ZAGURY

Tradutora e escritora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1945.

Fez Bacharelado e Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Traduziu do espanhol, inglês, francês e latim. Foi responsável pela tradução dos títulos “Antologia poética”, de Pablo Neruda, em 1968; “Cem anos de solidão”, de Gabriel Garcia Márquez, em 1969; “O labirinto da solidão e post-scriptum”, de Octavio Paz, em 1976; “Pedro Páramo e O planalto em chamas”, de Juan Rulfo, em 1977; “Cheiro de goiaba: conversas com Plínio Apuleyo Mendonza”, de Gabriel Garcia Márquez, em 1982; “O gatuno”, de Francisco de Quevedo, em 1985; “O cerco”, de Alejo Carpentier, em 1988; “Borges em diálogo”, de Jorge Luis Borges e Oswaldo Ferrari, em 1986; e “A guaracha do Macho Camachó” de Luis Rafael Sánchez, em 1981.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC) e biblioteca particular.

48) ELISA TAMAJUSUKU

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do francês, contos do livro “Contos da mamãe gansa”, de Charles Perrault, em 1994.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

49) ELIZA BARRETO

Tradutora, jornalista e contista.

Natural de Santos, em São Paulo.

Não há conhecimento de suas obras traduzidas.

Fonte: Coelho (2002)

50) ELOÍSA ARAÚJO RIBEIRO

Tradutora.

Natural de Belo Horizonte, cidade de Minas Gerais, em 1957.

Fez mestrado em Língua e Literatura Alemã, pela Universidade de São Paulo (USP) e traduz do alemão, francês e espanhol.

Entre suas traduções, se encontram os títulos “Cinema”, de André Bazin, em 1990; “A imagem-tempo”, de Gilles Deleuze, em 1988; “Diálogos”, de Gilles Deleuze e Claire Parnet, em 1997; “Como o senso comum compreende a filosofia, seguido de [Lardic, Jean-Marie] A contingência em Hegel”, de Friedrich Hegel, em 1994; “Romantismo e política”, de Michael Löwy e Robert Sayre, em 1993; “Narratividade e não-narratividade filmicas”, de André Parente, em 1999; e “Saudações de Federico Sanches”, de Jorge Semprun, em 1995.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

51) ELSIE LESSA

Tradutora, contista, cronista, radialista.

Natural de São Paulo, em 5 de abril de 1912.

Entre as várias peças de teatro que traduziu, estão *Quando as cegonhas se divertem*, de André Rousin e *Sétimo céu*, de Austin Strong. A tradutora também foi responsável pelas obras *O ninho de fidalgos*, de Turguenieff e *A voz dos sinos*, de Charles Dickens.

Fonte: Coelho (2002), Hemeroteca digital (RJ)

52) ESTELA DOS SANTOS ABREU

Tradutora e professora.

Natural da cidade de Santos, em São Paulo, em 1932.

Traduz do idioma francês, entre as quais se encontram os títulos “Nas veredas da amizade”, de Charles Aznavour e Richard Balducci, em

1998; “Absinto”, de Christophe Bataille, em 1996; “Annam”, de Christophe Bataille, em 1995; “Adriana em todos os meus sonhos”, de René Depestre, em 1996; “O pau de sebo”, de René Depestre, em 1983; “A serpente de estrelas”, de Jean Giono, em 1995; “Cibermãe: uma viagem extraordinária dentro do computador”, de Alexandre Jardin, em 1998; “A travessia”, de Philippe Labro, em 1997; “Édipo rei”, de Didier Lamaison, em 1998; “Esse obscuro objeto do desejo”, de Pierre Louys, em 1984; “História de um menino abandonado no fim do século XIX contada por ele mesmo”, de Luigi Lucheni, em 1998; “O segredo de Guilherme Storitz”, de Julio Verne, em 1998; “O tio Robinson”, de Julio Verne, em 1994; “San Carlos e outros contos”, de Julio Verne, em 1997; “Um padre em 1839” de Julio Verne, em 1996; “A ilha da chuva e do vento”, de Simone Schwarz-Bart, em 1986; “Aleluia para uma mulher-jardim”, de Simone Schwarz-Bart, em 1988; “A imagem”, de Jacques Aumont, em 1993; “A formação do espírito científico”, de Gaston Bachelard, em 1996; “A pesquisa-ação na instituição educativa”, de René Barbier, em 1985; “A transparência do mal”, de Jean Baudrillard, em 1990; “A sociedade do espetáculo”, de Guy Debord, em 1997; “A barreira e o nível”, de Edmond Goblot, em 1989; “Crítica da divisão do trabalho”, de André Gorz, em 1980; “Deus não joga dados”, de Henri Laborit, em 1988; “Freud e o universo sono”, de Edith Lecourt, em 1997; “O estado capitalista e a questão urbana”, de Jean Lojkin, em 1981; “O processo de subdesenvolvimento”, de Pierre Salama, em 1976; e “Minha primeira enciclopédia”, de Martine Sassier, Daniel Sassier e Viviane Koenig, em 1994.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

53) ESTEPHÂNIA NOGUEIRA

Tradutora, professora e poeta.

Natural de Recife, em Pernambuco.

É responsável pela tradução de livros didáticos.

Fonte: Coelho (2002), Biblioteca Pública Estadual de Recife (PE)

54) EUDA LÍDIA CAVALVANTE LUTHER

Tradutora, consultora e intérprete.

Natural da cidade de São Bento do Uma, em Pernambuco, em 1962.

Fez pós-graduação *lato sensu* em tradução comentada e traduz do alemão e inglês.

Traduziu as obras “Razão e sensibilidade”, de Jane Austen, em 1998; “O sonho de Electra”, de Bandyopadhyay Bidisha, em 1997; “Paddy Clarke Ha Ha Há”, de Roddy Doyle, em 1995; “O furgão”, de Roddy Doyle,

em 1998; “O beijo”, de Kathryn Harrison, em 1997; “Linhas da noite”, de Neil Jordan, em 1996; “Invertendo os papéis”, de David Lodge, em 1997; “Terapia”, de David Lodge, em 1998; “Nó na garganta”, de Patrick McCabe, em 1997; “As cinzas de Ângela”, de Frank McCourt, em 1997; “Abandonada no campo de centeio”, de Joyce Maynard, em 1999; e “Kubrick de olhos bem abertos”, de Frederic Rafael, em 1999.
 Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

55) EUGÊNIA MARIA GALEFFI

Tradutora.

Natural da cidade de Salvador, na Bahia, em 1951.

Possui doutorado em Língua e Literatura Italianas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), traduz em especial do italiano, entretanto, é conhecedora dos idiomas inglês, francês e espanhol.

Traduziu as obras “Símbolos e mitos no filme O silêncio dos inocentes”, de Olavo de Carvalho, em 1991; e ‘Uma viagem ao coração do Brasil’, de André Luis Oliveira, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

56) FÁTIMA SAADI

Tradutora, interprete, psicóloga.

Natural do Rio de Janeiro, em 1955.

Traduz do italiano, espanhol, francês, alemão e inglês.

Traduziu as peças de teatro “Ato sem palavras I e II, Sopro”, de Samuel Becket, em 1988; “Todos os que caem”, de Samuel Beckett, em 1989; “Os biombos”, de Jean Genet, em 1999; “Os negros”, de Jean Genet em 1998; “Pequeno Eyolf”, de Henrik Ibsen, em 1993; “John Gabriel Borkman”, de Henrik Ibsen, em 1996; e “Interior”, de Maurice Maeterlinck, em 1988.

Além disso, traduziu os ensaios intitulados “A astúcia de Galileu”, de Jean-Jacques Alcantre”, em 1999; “Conferência para Zurique”, de Adolphe Appia, em 1998; e “A estranha palavra...”, de Jean Genet, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

57) FERNANDA ABREU

Tradutora.

Natural da cidade de Londres, radicada no Brasil.

Fez mestrado em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi quando começou a traduzir do inglês e francês.

Traduziu os títulos “Montaigne a cavalo”, de Jean Lacouture, em 1998; e “Higiene do assassino”, de Amélie Nothomb, em 1998.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

58) FLÁVIA NASCIMENTO

Tradutora e professora.

Natural da cidade de Franca, em São Paulo.

Possui doutorado em Literatura Francesa pela Universidade de Paris X Nanterre, traduz do francês.

Foi responsável pela traduções dos seguintes títulos: “O camponês de Pris”, de Louis Aragon, em 1996; “O urbanismo”, de Gaston Bardet, em 1990; “Cinema e história”, de Marc Ferro, em 1992; “A poltrona assombrada”, de Gaston Leroux, em 1998; “Platão”, de Simone Manon, em 1992; e “O homem e seu espaço vivido: Análises literárias”, de Gisela Pankow, em 1988.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

59) FÚLVIA MORETTO

Tradutora, ensaísta, crítica literária, professora e poeta.

Natural de Porto Alegre, em 6 de dezembro de 1933.

Não há conhecimento de quais obras e autores traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

60) GABRIELA DE ANDRADA DIAS BARBOSA

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do francês, a obra “Do espírito das leis”, volume II, de Charles Montesquieu, em 1960.

Fonte: Biblioteca Digital de Santo André (SP)

61) GERDA QUEIROZ

Tradutora, poeta, cantora e pianista.

Natural da Alemanha, em 28 de novembro de 1925. Mudou-se para o Brasil junto aos primeiros colonizadores de Blumenau, no Estado de Santa Catarina.

Utilizou o pseudônimo de Friedenrich Schafer em algumas de suas obras e atuou em traduções de romances franceses e alemães.

Fonte: Coelho (2002)

62) GERTRAUDE SCHULTZ STEIGLEDAER

Tradutora, pesquisadora jornalista, professora e escritora.

Natural da Alemanha, em 28 de outubro de 1921, veio ao Brasil ainda jovem.

Utilizou o nome de Helena de Lichterfeld e, infelizmente, não há conhecimento de suas traduções.

Fonte: Coelho (2002)

63) GISELLE DUPIN

Tradutora e jornalista.

Natural da cidade da Várzea da Palma, em Minas Gerais, no ano de 1959.

Traduz do francês e foi responsável pelas obras “813 – Arsène Lupin”, de Maurice Leblanc, em 1999; e “Cinco semanas num balão”, de Julio Verne, em 1998.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

64) GLADY RAGAIBE

Tradutora e poeta.

Natural de São Paulo, em 16 de janeiro de 1960.

Não há conhecimento de suas traduções.

Fonte: Coelho (2002)

65) HAYDÉE NICOLUSSI

Tradutora, jornalista, poeta e museóloga.

Natural do Espírito Santo, em 14 de dezembro de 1906.

Utilizou, por diversas vezes, o pseudônimo de Deany e atuou como tradutora no idioma inglês.

Fonte: Coelho (2002)

66) HELENA DE IRAJÁ

Tradutora, cronista, contista e poeta.

Natural do Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Maria, em 3 de abril de 1900.

Utilizava o pseudônimo de Glauca de Toletto e traduziu o título *Óleo para as lâmpadas da chuva*, de Alice t. Hobart, em 1948.

Fonte: Coelho (2002)

67) HELENA PARENTE CUNHA

Tradutora, professora, pesquisadora, crítica literária, ensaísta, ficcionista e poeta.

Natural de Salvador, na Bahia, em 13 de outubro de 1930.

Entre suas traduções, encontra-se o título *A educação da criança difícil*, de Dino Irglia. Traduziu autores como Boris Pasternak, Hans Enzensberger, Abraham Moles, entre outros.

Fonte: Coelho (2002)

68) HELIODORA CARNEIRO DE MENDONÇA

Tradutora, professora, diretora, crítica de teatro, pesquisadora e ensaísta. Natural do Rio de Janeiro, em 1923.

Filha da também tradutora Ana Amélia Carneiro de Mendonça. Traduz do francês e inglês e tem diploma em Letras-Inglês na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Traduziu as obras “O teatro”, de Stark Young, em 1963; “O teatro do absurdo”, de Esslin Zahar, em 1968; “A anatomia do drama”, de Martin Esslin”, em 1978; “Brecht: dos males o menor”, de Martin Esslin, em 1979; “Método ou loucura”, de Robert Lewis, em 1986; “Shakespeare”, de Germaine Greer, em 1988; “Tragédia em três atos”, de Agatha Christie, em 1989; “A comédia dos erros e O mercador de Veneza”, de William Shakespeare, em 1990; “Testemunha de acusação e outras peças”, de Agatha Christie, em 1990; “Sonho de uma noite de verão e Noite de reis”, de William Shakespeare, em 1991; “Shakespeare”, de Jean Paris, em 1992; “Ricardo III; Henrique IV”, de William Shakespeare, em 1993; “Medida por medida”, de William Shakespeare, em 1995; “Coriolano”, de William Shakespeare, em 1995; “A megera domada”, de William Shakespeare, em 1998; “Rei Lear”, de William Shakespeare, em 1998; “A tempestade”, de William Shakespeare, em 1999; “Otelo, o mouro de Veneza”, de William Shakespeare, em 1999; “A comédia dos erros”, de William Shakespeare, em 1999; “O mercador de Veneza”, de William Shakespeare, em 1999; e “Calendário da sabedoria”, de Tolstoy, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

69) HELOÍSA JAHN

Tradutora e editora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1947.

Traduz do inglês, francês, espanhol, italiano, dinamarquês e sueco e possui vários pseudônimos, são eles: José Amaro, Laura Lee, Cau Jahn, Maria do Macedo, Toni Maricó, Ana Cecília de Barros, Vitor Kaiser, Drusa Lyra, Álvaro de Macedo Soares e Iran de Souza.

Traduziu as obras “O testamento de Oscar Wilde”, de Peter Ackroyd, em 1987; “Livro de histórias”, de Georgie Adams, em 1997; “Histórias maravilhosas de Andersen”, de Hans Christian Andersen, em 1995;

“Façanhas de um jovem Don Juan”, de Guillaume Apollinaire, em 1986; “Fusão, Fissão e a crise da energia”, de autor desconhecido, em 1983; “A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico”, de Franco Basaglia, em 1983; “Babar e sua família”, de Jean de Brunhoff, em 1997; “Histórias para todos os dias”, de Natha Caputo e Sara Cone Bryant, em 1999; “Histórias de contar”, de Natha Caputo e Sara Cone Bryant, em 1999; “Tête à tête”, de Henri Cartier-Bresson, em 1999; “O sonho de Voltaire”, de Jacques Chessex, em 1996; “Minha avó é um problema”, de Babette Cole, em 1994; “Meu avô é um problema”, de Babette Cole, em 1996; “Meu tio é um problema”, de Babette Cole, em 1997; “Um estudo em vermelho”, de Arthur Conan Doyle, em 1999; “O cão dos Baskerville”, de Arthur Conan Doyle, em 1996; “Mascaró, o caçador americano”, de Haroldo Conti, em 1985; “Conflito de classes e sociedade industrial”, de R. Dahrendorf, em 1981; “Canção de natal”, de Charles Dickens, em 1996; “Os olhos verdes”, de Marguerite Duras, em 1988; “O urso que queria ser pai”, de Wolf Erlbruch, em 1996; “Fábulas de Esopo”, de Esopo, em 1994; “O sapo bocarrão”, de Keith Faulkner, em 1996; “O porco narigudo”, de “Keith Faulkner e Jonathan Lambert”, em 1997; “O pinguim preocupado”, de Keith Falkner, em 1998; “Drácula: um livro abra-a-aba de arrear”, de Keith Faulkner e Jonathan Lambert, em 1997; “O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra”, de Zlata Filipovic, em 1994; “A arte de Leonardo”, de Sylvie Giradet, Claire Merleau-Ponty e Néstor Salas, em 1996; “Os quadros de Pablo”, de Sylvie Girardet, Claire Merleau-Ponty e Néstor Salas, em 1996; “Giotto, pintor de paredes”, de Sylvie Girardet, Claire Merleau-Ponty e Néstor Salas, em 1997; “Os quadros de Chagall”, de Sylvie Girardet, Claire Merleau-Ponty e Néstor Salas, em 1997; “Contos de Grimm” de Jacob Brimm, em 1996; “Histórias das mil e uma noites”, de Rossana Guarnieri, em 1986; “Histórias de Shakespeare”, de Rossana Guarnieri, em 1986; “Águas profundas”, de Patricia Highsmith, em 1986; “Outsiders – vidas sem rumo”, de Susan Eloise Hinton, em 1986; “Senhorita Smilla e o sentido da neve”, de Peter Hoeg, em 1994; “Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela”, de Werner Holzwarth, em 1994; “Bem perto de Leo”, de Christophe Honoré, em 1998; “O rato, a mosca e o homem”, de François Jacob, em 1998; “Escritos pornográficos”, de Alfred Jarry, em 1985; “Jardim, cinzas”, de Danilo Kis, em 1986; “Um túmulo para Boris Davidovitch”, de Danilo Kis, em 1986; “Nova narrativa argentina”, de May Lorenzo Alcalá, em 1990; “A bolha de Raquel Pimentel”, de Amy MacDonald, em 1997; “Brincando com os números”, de Massin, em 1995; “Viva a música”, de Massin, em 1997; “Como contar crocodilos”,

de Margaret Mayo, em 1996; “Memórias de uma menina católica”, de 1987; “O jardim de inverno da Sra. Swann: Proust e as flores”, de Claude Meunier, em 1997; “Guia das vitaminas”, de Earl L. Mindell, em 1986; “Os pobres na Idade Média”, de Michel Mollat, em 1989; “Em breve cárcere”, de Sylvia Molloy; “História dos grandes bordeis do mundo”, de Emmett Murphy, em 1983; “Nome falso: Homenagem a Roberto Arlt”, de Ricardo Piglia, em 1987; “Respiração artificial”, de Ricardo Piglia, em 1987; “Os últimos dias de Immanuel Kant”, de Thomas de Quincey, em 1989; “Sarah Bernhardt, o risto indomável”, de Françoise Sagan, em 1987; “O parque”, de Philippe Sollers, em 1986; “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson, em 1998; “A cabana dos sete anões”, de Bruce Talkington, em 1999; “Bornéu”, de Time-life, em 1984; “Lapônia”, de Time-Life, em 1984; “Peixe na água”, de Mario Vargas Llosa, em 1994; “Pantaleon e as visitadoras”, de Mario Vargas Llosa, em 1996; “Para ser caluniado: poemas eróticos”, de Paul Verlain, em 1985; “A volta ao mundo em oitenta dias”, de Julio Verne, em 1999; “Paris no século XX”, de Julio Verne, em 1995; “De fato e de ficção”, de Gore Vidal, em 1987; “Sexo para uma vida melhor”, de Ruth Westheimer, em 1987; “Mulan”, de Kathleen Zoehfeld, em 1999; “O primeiro dia de Pooh na escola”, de Kathleen Weidner Zoehfeld, em 1999; “Pooh vai ao médico”, de Kathleen Weidner Zoehfeld, em 1999; e “Tarzan”, de Kathleen Weidner Zoehfeld, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC), Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco e Acervo pessoal.

70) HELOÍSA MARANHÃO

Tradutora, romancista, dramaturga, advogada, poeta e radialista.

Natural do Rio de Janeiro, no ano de 1925.

Atuou como tradutora em meados do século XX.

Fonte: Coelho (2002)

71) HENRIQUETA LISBOA

Tradutora, poeta e ensaísta.

Natural de Minas Gerais, no ano de 1904.

Atuou como tradutora de poesia de autores como Leopardi, Jorge Guillén, Gabriela Mistral, Schiller, Jose Martí, Dante, Gôngora, etc. Traduziu *Antologia poética*, em 1961; *Poemas escolhidos de Gabriela Mistral*, em 1969 e *Cantos de Dante*, em 1970.

Fonte: Coelho (2002), A voz da poesia (http://www.avozdapoesia.com.br/autores.php?poeta_id=393),

Machado (2009) *A lírica essencial de Henriqueta Lisboa* (UFRGS),
 Marques (2001) *Henriqueta Lisboa: Tradução e mediação cultural*
 (UFMG)

72) HILDA A. HÜBER FLORES

Tradutora, pesquisadora, professora, memorialista e ensaísta.

Natural do Rio Grande do Sul, na década de 1930.

Entre os títulos traduzidos, se encontram *O doutor Maragato*, em 1994;
Memórias de um emigrante boêmio, de 1983; *Memórias de Brummer*,
 em 1997; e *Santa Clara: o combate federalista*, em 1983.

Fonte: Coelho (2002)

73) IDELMA RIBEIRO DE FARIA

Tradutora, contista, professora e poeta.

Natural da cidade de Rio Claro, em São Paulo, em 17 de março de 1914.

Entre os títulos traduzidos, constam *T. S. Eliot, Poemas*, de 1980, e
Emily Dickinson, em 1986.

Fonte: Coelho (2002)

74) IRENE TEODORA HELENA ARON

Tradutora e professora.

Não encontramos informações de local e ano de nascimento da
 tradutora.

Fez bacharelado e licenciatura em Letras Anglo-Germânicas pela
 Universidade de São Paulo (USP), traduz do alemão.

Traduziu os títulos “Gedichte (1901-1988)”, de Rose Ausländer, em
 1999; “Os negócios do Senhor Julio César”, de Bertolt Brecht, em 1986;
 “Stiller”, de Max Frisch, em 1992; “Kaspar”, de Peter Handke, em
 1978; “Os pintores de canos”, de Heinrich Henkel, em 1971; “Os diários
 de Victor Klemperer: testemunho de um judeu na Alemanha nazista,
 1933-1945”, de Victor Klemperer, em 1999; “Lenz”, de Peter Schneider
 e Georg Büchner, em 1985; “O que é linguagem literária?”, de Hugo
 Steger, em 1987; “Sempre pode piorar ou a arte de ser (in)feliz: Uma
 abordagem psicológica”, de Paul Watzlawick, em 1984; e “Maria
 Antonieta”, de Stefan Zweig, em 1951.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

75) ISA MARA LANDO

Tradutora, professora e escritora.

Natural de São Paulo, em 1947.

Formada em Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), traduz do inglês e francês.

Traduziu os títulos “Atravessando os EUA”, de Alumni Pan-Alliance Productions, em 1987; “Estátua!”, de S. Barlow e S. Skidmore, em 1999; “Indústria, um só mundo”, de Pierre Beckouche, em 1995; “Guia da Flórida”, Berlitz Guides, em 1999; “Sexo Kasher”, de Shmuley Boteach, em 1999; “Arquitetura e Arte no Brasil Colônia”, de John Bury, em 1987; “Mao e a Revolução Chinesa”, de Yves Chevrier, em 1996; “Para entender a arte”, de Robert Cumming, em 1996; “Uma casa no fim do mundo”, de Michael Cunningham, em 1994; “Rumo a Los Angeles”, de John Fante, em 1989; “Terceiros mundos”, de Laetitia Fernandes, em 1996; “História da Segunda Guerra Mundial, de Marc Ferro, em 1995; “A espã”, de Louise Fitzhugh, em 1998; “Mistério de Natal”, de R. Jostein Gaarde, em 1998; “Ei! Tem alguém aí?”, de Jostein Gaarder, em 1998; “Através do espelho”, de Jostein Gaarder, em 1998; “O príncipe sapo”, de Jostein Gaarder, em 1998; “Sigmund Freud, os sabores de um alemão”, de Peter Gay, em 1988; “A evolução”, de Raymond Hawkey, em 1987; “Ripley debaixo d’água”, de Patrícia Highsmith, em 1993; “Rumble fish”, de Susan Hinton, em 1988; “História da Primeira Guerra Mundial”, de Mario Isnenghi, em 1995; “Pt, a lógica da diferença”, de Margaret E. Keck, em 1995; “Domingo o rabino ficou em casa”, de Harry Kemelman, em 1998; “O dia em que o rabino foi embora”, de Harry Kemelman, em 1998; “Angels in America”, de Tony Kushner, em 1996; “A era atômica”, de Roberto Maiocchi, em 1995; “A graça de Deus”, de Bernard Malamud; “Retratos de Fidelman”, de Bernard Malamud, em 1987; “Os conflitos do Oriente Médio”, de François Massoulié, em 1996; “A queda do anjo”, de Yukio Mishima, em 1987; “Cavalo selvagem”, de Yukio Mishima, em 1987; “Neve de primavera”, de Yukio Mishima, em 1986; “O templo da aurora”, de Yukio Mishima, em 1987; “Na arena”, de Richard Nixon, em 1991; “Megalópolis – Sensibilidades culturais contemporâneas”, de Celeste Olalquiaga, em 1998; “Contemporâneas”, de Celeste Olalquiaga, em 1998; “Pantera no porão”, de Amos Oz em 1999; “Cara massimina”, de Tim Parks, em 1997; “Pancho Villa e a revolução mexicana”, de Manuel Plana, em 1995; “A carta roubada/Os assassinatos da Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe, em 1998; “José e seu manto tecnicolor, de Tim Rice e Lloyd Weber, em 1983; “Beethoven”, de Alan Rich, em 1997; “Mozart”, de Alan Rich, em 1997; “Haroun e o mar de histórias”, de Salman Rushdie, em 1998; “Lênin e a Revolução Russa”, de Antonella Salomoni, em 1995; “O patinho realmente feio e outras histórias malucas”, de Scieszka, em 1997; “A história do

saxofonista”, de Josef Skvorecky, em 1998; “O amante do vulcão”, de Susan Sontag, em 1993; “O milionário mora ao lado”, de T. Stanley e W. Danko, em 1999; “Violinista no telhado”, de Stein e Harnick, em 1992; “Instinto assassino”, de W. R. Stevens, em 1986; “Ser canalha”, de Rex Stout, em 1996; “Rembrandt”, de Alexandre Sturgis, em 1994; “Praticamente normal”, de Andrew Sullivan, em 1996; “Os imorais”, de Jim Thompson, em 1991; “Evocação dos espíritos”, de Time-Life, em 1993; “Meus pratos favoritos”, de Michael Tucker, em 1997; “Quase santo”, de Anne Tyler, em 1992; “Histórias de arrepiar”, de Robert Westall, em 1991; e “A arte da fuga”, de Joy Williams, em 1991.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

76) ISA SILVEIRA LEAL

Tradutora, radialista, conferencista, escritora, jornalista e romancista.

Natural de Santos, em São Paulo, na década de 1910.

Atuou como tradutora de autores como Haroldo Laski, Duhamel e John dos Passos e de peças teatrais de Shakespeare, Gide, Mirabeu, entre outros.

Entre os títulos traduzidos, se encontram *Bolívar, o cavaleiro da glória*, em 1942; *A corte de Luís XIV. Memórias de uma cortesã*, em 1944; *Dias e noites*, em 1947; e *Confissões à meia-noite*, em 1946.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999)

77) ISIS FIGUEIREDO

Tradutora, cronista, poeta e professora.

Natural de Porto Alegre, na década de 1940.

Não há conhecimento de quais obras e autores traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

78) IVONE BENEDETTI

Tradutora.

Natural de São Paulo, no ano de 1947.

Formou-se em Letras Línguas Neo-latinas pela Universidade de São Paulo (USP), traduz do inglês, francês, espanhol e italiano.

Traduziu as obras “Dicionário de Filosofia”, de Nicola Abbagnano, em 1998; “O uso de si mesmo: a direção consciente em relação com o diagnóstico, o funcionamento e o controle da reação”, de F. Matthias Alexander, em 1992; “O escafandro e a borboleta”, de Jean-Dominique Bauby, em 1997; “Jean Nouvel”, de Olivier Boissiere, em 1998; “Didática magna”, de Johann Amos Comenius, em 1997; “Solidão”, de Françoise Dolto, em 1998; “Mefistófeles e o andrógino”, de Mircea

Eliade, em 1992; “Dicionário das religiões”, de Mircea Eliade, em 1995; “O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase”, de Mircea Eliade, em 1998; “Saber ver a arte egípcia”, de Francesca Español, em 1992; “Virgílio ou O segundo nascimento de Roma”, de Pierre Grimal, em 1992; “Educação: certezas e apostas”, de Hubert Hannoun, em 1998; “Romance de Melusina ou A história dos Lusignan”, de Jean d’Arras, em 1999; “Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média”, de Claude Kappler, em 1994; “Se me contassem o parto”, de Frederick Leboyer, em 1998; “Sobre a vaidade”, de Michel de Montaigne, em 1998; “As viagens”, de Marco Polo, em 1997; “Introdução à retórica”, de Olivier Reboul, em 1998; e “Dicionário de sentenças gregas e latinas”, de Enzo Rosi, em 1996.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

79) IVONE MARIA DE CAMPOS TEIXEIRA DA SILVA

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do francês, o título “Quatro é demais!”, de Marie-Sophie Vermot, em 1994.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

80) JANE ARDUINO PERTICARETI

Tradutora, intérprete, professora e poeta.

Natural de São Paulo, em 17 de abril de 1935.

Dedicou-se a traduções e especializou-se na área. Entretanto, não há conhecimento de quais obras traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

81) JANICE CAIAFA

Tradutora e psicóloga.

Natural do Rio de Janeiro em 1958.

Traduz do inglês e francês, foi responsável pela tradução das obras “Crônica dos índios guayaki: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai”, de Pierre Clastres e Tânia Stolze Lima, em 1995; “As rosas”, de Rainer Maria Rilke, em 1996; e “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia”, volume V, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em 1997.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

82) JOANA ANGÉLICA D’ÁVILA MELO

Tradutora e jornalista.

Natural de Sergipe, no ano de 1941.

Traduz do francês, italiano e espanhol, foi responsável pela tradução dos títulos “Yves Saint Laurent”, de Laurence Benaïm, em 1994; “A vida de Napoleão por ele mesmo”, de André Malraux, em 1995; “Transantártida: a travessia do último continente”, de Jean-Louis Etienne, em 1995; “Uma tristeza de passagem”, de Françoise Sagan, em 1995; “A carta roubada”, de Wilkie Collins, em 1995; “Akhenaton: a história do homem contada por um gato”, de Gérard Vincent, em 1995; “Conto azul e outros contos”, de Marguerite Yourcenar, em 1995; “Poesia e prosa”, de Charles Baudelaire, em 1995; “Malcolm”, de James Purdy, em 1995; “Descartes: uma biografia”, de Geneviève Rodis-Lewis, em 1996; “Einstein – relativamente fácil”, de Javier Covo Torres, em 1996; “Zenzele – Uma carta para minha filha”, de J. Nozipo Maraire, em 1997; “A transfiguração”, de Yves Mabin Chennevière, em 1997; “Cadernos: o sentimento”, de Vaslac Nijinski, em 1998; “O monge e o filósofo: o Budismo hoje”, de Jean-François Revel e Matthieu Ricard, em 1998; “Napoleão – à la mignonne”, de Javier Covo Torres, em 1998; “Leonardo da Vinci – a... fresco”, de Javier Covo Torres, em 1998; “Beethoven – para surdos”, de Javier Covo Torres, em 1999; “Memórias de Ramsés, o Grande”, de Claire Lalouette, em 1999; “A forma da água”, de Andre Camilleri, em 1999; e “Zelda e F. Scott Fitzgerald”, de Kyra Stromberg, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

83) JOAQUINA DA NOVA MONTEIRO

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais acerca da tradutora.

Traduziu, do francês, o título “Dois anos de férias”, de Júlio Verne, em 1965.

Fonte: Acervo pessoal

84) JOSELY VIANNA BAPTISTA

Tradutora.

Natural da cidade de Curitiba, no Paraná, em 1957.

Graduou-se em Língua e Literatura Espanhola e Literatura Hispano-americana pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Traduz do espanhol, inglês e alemão.

Entre as obras que traduziu, estão “Os detetives do farol”, de Klaus Bliessener, em 1996; “Escritos políticos”, de Simón Bolívar, em 1992; “O fazedor”, de Jorge Luís Borges, em 1999; “O ouro dos tigres”, de Jorge Luis Borges, volume II, em 1999; “A rosa profunda”, de Jorge Luis Borges, em 1999; “A moeda de ferro”, de Jorge Luis Borges, em

1999; “História da noite”, de Jorge Luis Borges, em 1999; “A cifra”, de Jorge Luis Borges, em 1999; “Prólogos com um prólogo de prólogos”, de Jorge Luis Borges, em 1999; “Os conjurados”, de Jorge Luis Borges, em 1999; “Atlas”, de Jorge Luis Borges, em 1999; “Discussão”, de Jorge Luis Borges, em 1998; “Caderno San Martín”, de Jorge Luis Borges, em 1998; “Lua defronte”, de Jorge Luis Borges, em 1998; “Mea Cuba”, de Guillermo Infante Cabrera, em 1995; “Vista do amanhecer no trópico”, de Guillermo Cabrera Infante, em 1988; “Os passos perdidos”, de Alejo Carpentier, em 1985; “Os aeronautas da cosmopista”, de Julio Cortázar e Carol Dunlop, em 1991; “A conquista do maravilhoso: o Novo Mundo”, de Guillermo Giucci, em 1992; “16 contos latino-americanos”, de Julio Cortázar, em 1992; “A dignidade da poesia”, de José Lezama Lima, em 1996; “Kuttanimatan – Sendas da sedução”, de Damodara upta, em 1987; “Rastro do fogo que se afasta”, de Luis Goytisolo, em 1987; “A ilha contada: o conto contemporâneo em Cuba”, de Francisco López Sacha, em 1997; “Fugados”, de José Lezama Lima, em 1993; “Paradiso”, de José Lima Lezama, em 1986; “Ilona Chega com a chuva”, de Alvaro Mutis, em 1991; “A neve do almirante”, de Alvaro Mutis, em 1990; “O laboratório do escritor”, de Ricardo Piglia, em 1993; “Lamê”, de Néstor Perlongher, em 1994; “Caribe Transplatino: poesia neobarroca cubana e rio-platense”, de Néstor Perlongher, em 1991; “Lituma nos Andes”, de Mario Vargas Llosa, em 1994; “Um velho que lia romances de amor”, de Luis Sepúlveda, em 1993; e “Eu, o Supremo”, de Augusto Roa Bastos, em 1991.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

85) JOYCE R. FERRAZ

Tradutora, consultora, escritora e professora.

Natural de São Paulo, em 1966.

Concluiu mestrado em Letras Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana, pela Universidade de São Paulo (USP). Traduz do inglês e espanhol.

Foi responsável pela tradução da obra “Sonhadoras, coquetes & ardentes”, de Daniel Cherniavsky, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

86) JUJU CAMPBELL PENNA

Tradutora, cronista, contista, poeta e ensaísta.

Natural do Rio de Janeiro, em 25 de junho de 1934.

Traduziu autores como Sylvia Plath, Robert Greely e Allen Guinsberg.

Fonte: Coelho (2002)

87) KARINA JANINNI

Tradutora.

Natural de São Paulo, em 1974.

Fez pós-graduação *lato sensu* em Tradução nas línguas Alemão-Português e Francês-Português. Traduz dos idiomas alemão, francês e italiano.

Traduziu as obras “Memórias de um sequestrado”, de Jan Philipp Reemtsma, em 1999; “Sinais e símbolos – desenho, projeto e significado”, de Adrian Frutiger, em 1999; e “Considerações extemporâneas sobre o manifesto comunista”, de Wolfgang Haug, em 1998.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

88) LAURA ALVES

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do inglês, a obra “Orlando”, de Virgínia Woolf, em 1994.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

89) LAUSIMAR LAUS

Tradutora, professora, cronista, ensaísta, jornalista, ficcionista e poeta.

Natural da cidade de Itajaí, em Santa Catarina, em 16 de abril de 1916.

Traduziu diversos ensaios, crônicas de viagens, conferências e romances e, entre seus títulos, encontram-se *Projeto para uma revolução em Nova Iorque*, de Robbe-Grillet; *As cobaias*, de Ludvuk Voculik; e *Boy*, de Christine de Rivoyre.

Fonte: Coelho (2002), Hemeroteca digital (RJ)

90) LAVÍNIA VIOTTI

Tradutora e professora.

Natural de São Paulo, em 1908.

Traduziu do alemão as obras “Grande hotel”, de Vicki Baum, em 1974; “Moisés e sua época”, de Emil Bock, em 1992; “Eu e a humanidade”, de Johann Gottlieb Fichte, em 1985; “Lasse lânta, o menino lapão”, de Cor Brujijn, em 1960; “A metamorfose das plantas”, de Johann Wolfgang von Goethe, em 1986; “Fragmento – os mistérios”, de Johann Wolfgang von Goethe, em ano desconhecido; “A lenda”, de Johann Wolfgang von Goethe, em 1973; “O jogo das contas de vidro: ensaio de biografia do Magister Ludi José Servo, acrescida de suas obras póstumas”, de

Hermann Hesse, em 1982; “Fausto”, de Johann Wolfgang von Goethe, em 1987; “Uma senda encontramos”, de Christian Morgenstern, em 1987; “A educação do gênero humano”, de Gotthold Ephraim Lessing, em 1986; “O sonho de Olaf Arteson – coleção de canções populares norueguesas”, de M. B. Landstad, em 1986; “O véu de Sofia – uma antologia de textos fantásticos da literatura alemã”, de Günter Kollert, em 1992; “Inferno”, de Katrin Holland, em 1970; “A direção espiritual do homem e da humanidade”, de Rudolf Steiner, em 1984; “Os graus do conhecimento superior”, de Rudolf Steiner, em 1978; “O drama cognitivo, versos e meditações, dança dos planetas, doze harmonias (?)”, de Rudolf Steiner, em 1978; “A arte de educar segundo Rudolf Steiner”, de Alfredo POeppig, em 1945; “E eles verão a Deus. O drama do Aleijadinho”, de Kurt Pahlen, em 1958; “Os dois prisioneiros”, de Lajos Zilahy, em 1948; “Antroposofia – Ciência espiritual”, de Carlos Unger, em 1946; “Matéria, forma e essência: o caminho cognitivo da filosofia a antroposofia”, de Rudolf Steiner, em 1994; “A crônica do Akasha: a gênese da Terra e da humanidade – uma leitura esotérica”, de Rudolf Steiner, em 1994; e “A moral teosófica”, de Rudolf Steiner, em 1985.
 Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

91) LEDA TENÓRIO DA MOTA

Tradutora e professora.

Natural de São Paulo, não encontramos informações sobre ano de nascimento.

Traduz do francês e foi responsável pela tradução das seguintes obras: “Pequenos poemas em prosa – O Spleen de Paris”, de Baudelaire, em 1995; “A rã, a barata, a aranha”, de Francis Ponge, em 1997; “Poemas”, de Francis Ponge, em 1989; “Histórias de amor”, de Julia Kristeva, em 1988; “Os filhos de Freud estão cansados”, de Catherine Clément, em 1988; “Sobre o estilo”, de Louis-Ferdinand Céline, em 1974; “Toda vez, quer dizer, e no entrando, Haroldo”, de Jacques Derrida, em 1996; “A pianista”, de Nina Berberova, em 1998; “Mozart em Beethoven”, de Eric Rohmer, em 1999; “Métodos”, de Francis Ponge, em 1997; “Máximas, sentenças e reflexões morais”, de La Rochefocauld, em 1994; “É glorioso morrer pela pátria”, de Danilo Kis, em 1986; e “No princípio era o amor”, de Julia Kristeva, em 1987.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

92) LÉLIA GONZALEZ

Tradutora, feminista, escritora.

Natural de Belo Horizonte, em 1º de fevereiro de 1935.

Em 1968, traduziu, do francês, o *II Volume da coletânea Compêndio moderno de Filosofia*.

Fonte:

Projeto de memória

(<http://www.projeto de memoria.art.br/eliaGonzalez/>)

93) LEONOR TELLES

Tradutora, jornalista, poeta e contista.

Natural do Recife, em Pernambuco, no ano de 1922.

Não há conhecimento das obras traduzidas.

Fonte: Coelho (2002), Biblioteca pública estadual de Recife (PE)

94) LIA CORREIA DUTRA

Tradutora, ensaísta, poeta e ficcionista.

Natural do Rio de Janeiro, no ano de 1908.

Entre suas traduções, está o título *Comédia humana*, de Balzac.

Fonte: Coelho (2002)

95) LIA WYLER

Tradutora, intérprete e professora.

Natural da cidade de Ourinhos, em São Paulo, em 1934.

Fez licenciatura e bacharelado em Tradução pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), traduz do inglês.

Foi responsável pela tradução das obras “Um amigo de Kafka”, de Isaac Bashevis Singer, em 1987; “Educação sentimental”, de Joyce Carol Oates, em 1986; “Bellefleur”, de Joyce Carol em 1986; “O discurso de Pedrinho na ONU”, de Margaret Moore, em 1986; “A sabedoria do coração”, de Henry Miller, em 1986; “Nós”, de Eugene Zamiatin, em 1983; “Capítulos da vida”, de Ramba e Lobsang, em 1970; “A fogueira das vaidades”, de Tom Wolfe, em 1988; “Mentiras de amor”, de Barbara Pym, em 1988; “A morte me persegue”, de Ross MacDonald, em 1988; “Usina de sonhos”, de Michael Chabon, em 1988; “Dançando na luz”, de Shirley MacLaine, em 1987; “Aventuras inéditas de Sherlock Holmes”, de Arthur Conan Doyle, em 1987; “Lucy”, de Jamaica Kincaid, em 1992; “O clube da felicidade e da sorte”, de Amy Tan, em 1990; “Um furto”, de Saul Bellow, em 1990; “S.”, de John Updike, em 1989; “Um eco muito distante”, de Muriel Spark, em 1989; “A filosofia do I Ching”, de Carol K. Anthony, em 1989; “A dama da lua” de Amy Tan, em 1995; “Insônia”, de Stephen King, em 1995; “Jogo perigoso”, de Stephen King, em 1995; “Ao vivo do Calvário”, de Gore Vidal em 1993; “Os eleitos”, de Tom Wolfe, em 1992; “Floristas & Bufês”, de Tom Wolfe, em 1998; “A flor azul”, de Peneope Futzgerald, em 1998;

“Clara rosa não é nome de flor”, de Paula Danzinger, em 1998; “Catapora não se come, Clara Rosa”, de Paula Danzinger, em 1998; “Stelaluna”, de Janell Cannon, em 1998; “Radical Chique o terror dos Rps”, de Tom Wolfe, em 1997; “O terno tanto-faz como tanto fez”, de Sylvia Plath, em 1997; e “Presença de mulher”, de Saul Bellow, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

96) LÍGIA JUNQUEIRA CAIUBI

Tradutora e romancista.

Natural da cidade de Conquista, em Minas Gerais, em 24 de julho de 1906.

Atuou como tradutora de romances franceses e ingleses.

Fonte: Coelho (2002)

97) LÍGIA VASSALLO

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu do francês, inglês e espanhol. Foi responsável pela tradução das seguintes obras “Sollers escritor”, de Roland Barthes”, em 1984; “Horizontes do mundo”, de Kostas Axelos, em 1983; “A canção de Rolando”, autor anônimo, em 1988; “Carcamanos e comendadores. Os italianos em São Paulo, da realidade à ficção (1919-1930)”, de Mario Carello, em 1985; “A arte de permanecer jovem”, de Louis de Brouwer, em 1984; “Vigiar e punir”, de Michel Foucault, em 1977; “O Brasil em 1884: esboços sociológicos”, de Louis Couty, em 1984; “Guia prático de massagem”, de J. E. Ruffier, em 1984; “Fundo musical”, de Sagan Françoise, em 1983; “Semiologia e Lingüística”, de autor desconhecido, em 1972; “A função simbólica e a linguagem”, de Jean Laulus, em 1975; “Tratamentos naturais de doenças respiratórias”, de A. Passebecq, em ano desconhecido; e “Higiene e saúde dos dentes, de Jean Léger, em ano desconhecido.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários (UFSC) e Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

98) LILIA A. PEREIRA DA SILVA.

Tradutora, teatróloga, pianista, psicóloga, poeta, ficcionista, escritora e ensaísta.

Natural de Itapira, em São Paulo, em 5 de fevereiro de 1926.

Suas traduções foram publicadas em quatro volumes, intitulados *500 poesias sem fronteiras*, que possui poetas de diversas partes do mundo, tais como Japão, Itália, Alemanha, Índia, França, etc.

Fonte: Coelho (2002)

99) LILIANA LAGANÁ

Tradutora e professora.

Natural de Roma, na Itália, em 1939, radicada no Brasil.

Traduz do italiano e foi responsável pela tradução dos títulos “Espaço e ciências humanas”, de Tonino Bettanini, em 1982; “Terra vermelha”, da própria, em 1996; “La consolata”, da própria, em 1994; “O planeta cultural: para uma antropologia história”, de Gilberto Mazzoleni, em 1992; “Ponto de mira”, de Giuseppe Ungaretti, em 1994; “Influência de Vico nas teorias estéticas de hoje”, de Giuseppe Ungaretti, em 1994; “Poeta do esquecimento”, de Giuseppe Ungaretti, em 1994; e “A construção da Geografia Humana”, de Massimo Quaini, em 1983.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

100) LÍVIA PAULINI

Tradutora, poeta, romancista e ensaísta.

Natural da Hungria, em 8 de agosto de 1918.

Traduziu poemas em português para os idiomas inglês e húngaro, que se encontram nas coletâneas intituladas *Pérolas do Brasil*, de 1993, e *Pérolas de Minas*, de 1986.

Fonte: Coelho (2002)

101) LOREDANA DE STAUBER CAPRANA

Tradutora.

Natural de Trieste, na Itália, em 1930, radicada no Brasil.

Fez mestrado em Língua e Literatura Italiana na Universidade de São Paulo (USP), traduz do e para o italiano, além do grego e latim.

Traduziu, para o italiano, a obra de Mário de Andrade intitulada “Tempo di camiciolina” (Tempos de camisolinha”, em 1994.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

102) LOURDES CALDERARO

Tradutora, poeta e professora.

Natural de Paraibuna, no Estado de São Paulo, na década de 1950.

Não há conhecimento de suas traduções.

Fonte: Coelho (2002)

103) LOUDES PEREIRA DE FREITAS

Tradutora, jornalista e contista.

Natural do Rio de Janeiro, em 31 de março de 1912.

Atuou como tradutora de poesias francesas.

Fonte: Coelho (2002)

104) LÚCIA MIGUEL PEREIRA

Tradutora e escritora.

Natural da cidade de Barbacena, em Minas Gerais, em 12 de dezembro de 1901.

Atuou como tradutora de títulos como *A fugitiva e O tempo redescoberto*, de Proust, pela Editora Globo; *A vida trágica de Van Gogh*, de Irving Stone, em 1956.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999), Biblioteca Nacional (RJ), Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

105) LUCILA NOGUEIRA

Tradutora, advogada, professora e poeta.

Natural do Rio de Janeiro, em 30 de março de 1950.

Traduziu grandes autores, como Miguel Hernandez, Emily Dickinson e Paul Eluard.

Fonte: Coelho (2002)

106) LUÍSA DEUROET

Tradutora.

Não foram encontradas quaisquer informações acerca de local e data de nascimento.

Entre suas traduções, se encontram *O pirata*, de Frederick Marryat, em 1958; *A mulher degolada*, de Cayton Rawson, em 1955; *Um roubo no expresso*, de Edgar Wallace, em 1947; e *Um assassino em Milão*, de Eric Ambler, em 1950.

Fonte: Oliveira e Martins (2010) *Reflexões sobre a tradução no Brasil: uma antologia* (PUC-RJ), Biblioteca municipal digital de Viana do Alentejo

107) LUIZA LOBO

Tradutora, ficcionista, ensaísta, professora e crítica literária.

Natural do Rio de Janeiro, no final da década de 1940.

Trabalhou como tradutora para revistas e imprensa, como *O globo*, *Perspectivas* e *Revista Brasileira de Língua e Literatura*. Na década de

1960, traduziu autores como Edgar Allam Poe, William Golding Jane Austen e Virginia Woolf. Entre os títulos, se encontra *O farol*, em 1968, de Virgínia Woolf, pela Editora Record.

Fonte: Coelho (2002)

108) LUZILÁ GONÇALVES FERREIRA

Tradutora, professora, poeta, ensaísta, ficcionista e conferencista.

Natural da cidade de Garanhuns, em Pernambuco, no ano de 1938.

Passou um período no Colégio Internacional dos Tradutores de Arles, na França, onde praticou a tradução para o francês.

Junto ao também tradutor Didier Lamaison, a tradutora organizou e traduziu, para o francês, uma antologia das poesias de Ferreira Gullar, em ano desconhecido.

Fonte: Ferreira (2012), Coelho (2002, p. 384)

109) LYA LUFT

Tradutora, poeta, romancista, cronista e professora.

Natural de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, em 15 de setembro de 1938.

Traduziu diversos poetas ingleses e alemães, entre os quais estão Bertold Brecht, Botho Strauss, Virginia Woolf, Rilke, entre outros.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999)

110) LYDIA MOMBELLI DA FONSECA

Tradutora, poeta, romancista e contista.

Natural de Guaporé, no Rio Grande do Sul, em 9 de maio de 1912.

Não há conhecimento de quais traduções foram realizadas.

Fonte: Coelho (2002)

111) MAIO MIRANDA

Tradutora, contista, romancista, pianista e ceramista.

Natural de São Paulo, em 28 de janeiro de 1921.

Utilizou o pseudônimo Helsi Maio, mas não há conhecimento de quais obras e autores traduziu, exatamete.

Fonte: Coelho (2002)

112) MAIZA ROCHA

Tradutora e revisora.

Natural de São Paulo, em 1955.

Formou-se em Tradutores e Intérpretes Francês-Alemão, na Faculdade Ibero-Americana.

Traduz do francês, alemão, turco, inglês e italiano.

Foi responsável pela tradução das obras “Um hospício no Japão”, de Morio Kita, em 1990; e “Variedades”, de Paul Varéry, em 1991.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

113) MARCELLA MORTARA

Tradutora.

Natural de Roma, na Itália, em 1922, radicada no Brasil.

Graduou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e traduz do francês e italiano.

Traduziu as obras “O museu clássico do Bazar Bonne Nouvelle”, de Charles Baudelaire, em 1995; “Aniversário de nascimento de Shakespeare”, de Charles Baudelaire, em 1995; “Alcassino e Nivoleta”, de autor anônimo, em 1989; “Uma mulher”, de Sibilla Aleramo, em 1984; “Wilfred R. Biron: a vida e a obra”, de Gerard Bléandonu, em 1993; “Charles Baudelaire por Paul Verlaine”, de Charles Baudelaire, em 1995; “Charles Baudelaire por Théophile Gautier”, de Charles Baudelaire, em 1995; “Passados recompostos”, de Jean Boutier e Dominique Julia, em 1998; “Paludes”, de Andre Gide em 1988; “Adolescência, o segundo desafio”, de Armando B. Ferrari, em 1996; “O eclipse do corpo”, de Armando B. Ferrari, em 1993; “Elogio da imperfeição”, de Rita Levi Montalcini, em 1991; “Pai Patrão”, de Gavino Ledda, em 1979; “Freud e Ídiche”, de Max ohn, em 1994; e “Mitologia: primeiro encontro”, de Bruno Nardini, em 1989.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

114) MARGARIDA FINKEL

Tradutora e poeta.

Natural do Rio de Janeiro, no fim da década de 1920.

Traduziu grandes poetas e publicou os títulos *China lendas e mitos, O barco e a lenda*, de Bertold Brecht; *Poetas holandeses*, que contam com poemas de Robert Ankr, Han G. Koekstra, entre outros.

Fonte: Coelho (2002), Hemeroteca digital (RJ)

115) MARGARIDA PATRIOTA

Tradutora, professora, ficcionista e pesquisadora.

Natural do Rio de Janeiro, no ano de 1948.

Ganhou diversos prêmios por suas obras publicadas, entretanto, não há conhecimento de suas traduções.

Fonte: Coelho (2002)

116) MARIA ALVES MÜLLER

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do francês, a obra “Dois contos: O cordão e Meu tio Júlio”, de Guy de Maupassant, ano desconhecido.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

117) MARIA BETÂNIA AMOROSO

Tradutora.

Natural da cidade de Piquete, em São Paulo, no ano de 1952.

Traduz do italiano e foi responsável pela tradução das seguintes obras: “Todas as nossas lembranças”, de Natalia Ginzburg, em 1989; “O queijo e os vermes”, de Carlo Ginzburg, em 1987; “Morte acidental de um anarquista”, de Dario Fo, em 1986; “Viagem à terra das moscas e outras viagens”, de Aldo Buzzzi, em 1998; “Calvino moralista (Como permanecer são após o fim do mundo)”, de Alfonso Berardinelli, em 1999; “Os jovens infelizes”, de Pier Paolo Pasolini e Michel Lahud, em 1990; “Literatura italiana – Linhas, problemas e autores”, de Giorgio Barberi Squarotti, em 1988; e “Para entender a música”, de Gino Stefani, em 1987.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

118) MARIA CELEST M. LEITE SOUZA

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do italiano, a obra “Porcos com asas (diário sexo-político de dois adolescentes)”, de Marco L. Radice e Lidia Ravera, em 1987.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco.

119) MARIA DA GRAÇA OLIVEIRA BASTOS

Tradutora, jornalista e artista plástica.

Natural do Rio de Janeiro, em 1948.

Conhecedora dos idiomas francês, inglês e grego.

Traduziu as obras “Diva”, de Delacorta, em 1979; e “O rei Davi”, e Guy Rachet, em 1987.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

120) MARIA DA PAZ RIBEIRO DANTAS

Tradutora, crítica literária, poeta e ensaísta.

Natural da cidade de Esperança, na Paraíba, em 25 de janeiro de 1946.

Não há conhecimento de quais obras e autores traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

121) MARIA DE LOURDES DE PAULA MARTINS

Tradutora, professora e jornalista.

Natural de Ribeirão Preto, no Estado de São Paulo, na década de 1910.

Traduziu, em sua grande maioria, poemas em latim clássico, tais como os de Virgílio e Ovídio. Entre seus títulos, se encontra *Poesia de José de Anchieta*, de 1954, no qual transcreveu, comentou e traduziu poemas de José de Anchieta, que foram escritos, originalmente, em tupi e latim.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999)

122) MARIA DO ROSÁRIO TELES

Tradutora, professora, poeta, revisora e pesquisadora.

Natural de Goiás, na década de 1930.

Trabalhou como tradutora de editoras do Rio de Janeiro, mas não se sabe ao certo quais obras e autores ela traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

123) MARIA EUNICE TAVARES

Tradutora, prosadora, jornalista, poeta e contista.

Natural de Porto Alegre, no ano de 1919.

Publicou antologias nas quais traduziu poetas brasileiros para o espanhol.

Fonte: Coelho (2002), Baumgarten (1997) *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*

124) MARIA HELENA KHUNER

Tradutora, teatróloga e ensaísta.

Natural de Juiz de Fora, em Minas Gerais, em 24 de janeiro de 1939.

Fez diversas traduções que foram publicadas, em quatro idiomas, em dezenas de livros.

Fonte: Coelho (2002)

125) MARIA HELENA NERY GARCEZ

Tradutora, ensaísta, poeta e professora.

Natural de São Paulo, em 8 de abril de 1943.

Fonte: Coelho (2002)

126) MARIA JACINTHA

Tradutora, professora, dramaturga, crítica, roteirista e contista.

Natural da cidade de Cantagalo, no Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1906.

Dedicou-se à tradução de peças teatrais, de autores como Paul Claudel, Sartre e Giradoux.

Fonte: Coelho (2002)

127) MARIA JOSÉ DE CARVALHO

Tradutora, poeta, atriz, declamadora, professora, compositora, pesquisadora, crítica teatral e etc.

Natural de São Paulo, em 27 de junho de 1919.

Foi tradutora de livros em diversos idiomas, tais como espanhol, latim, alemão, francês, inglês e italiano, e entre os autores que traduziu estão Cícero, Homero, Edgar Allan Poe, Quevedo, T. S. Eliot, Saint-John Perse, etc. Entre seus títulos, constam *Cantos*, de Leopardi; *As mamas Tirésias*, de Apollinaire; *Maffio Maffii*, de Cícero; e *As canções de Bilitis*, de Pierre Louys.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999)

128) MARIA JULIETA DRUMMOND DE ANDRADE

Tradutora, ficcionista e cronista.

Natural de Belo Horizonte, em Minas Gerais, em 1928.

Não há conhecimentos de quais obras, exatamente, ela traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

129) MARIA LÚCIA DE MELLO E SOUZA

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do inglês, a obra “O carrilhão”, de Charles Dickens, em 1961.

Fonte: Acervo pessoal

130) MARIA LÚCIA FÉLIX

Tradutora, professora e poeta.

Natural do Rio de Janeiro, em 14 de julho de 1950.

Atuou como professora de língua inglesa, revisora e tradutora, entretanto, não há conhecimento de quais obras exatamente traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

131) MARIA LUIZA X. DE A. BORGES

Tradutora, psicóloga e editora de texto.

Natural de Goiânia, capital do estado de Goiás, em 1950.

Traduz do francês, inglês e espanhol.

Traduziu os títulos “O alfaiate do Panamá”, de John Le Carré, em 1998; e “Autobiografia de Henrique VIII: Com comentário de seu bobó, Will Somers”, de Margaret George, em 1994.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

132) MARIAROSARIA FABRIS

Tradutora.

Natural de Nápoles, na Itália, em 1950, radicada no Brasil.

Traduz do italiano, napolitano, vêneto, friulano, francês, espanhol e inglês.

Traduziu as obras “Semiótica e filosofia da linguagem”, de Umberto Eco, em 1991; e “Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil”, de Angelo Trento, em 1989.

Além dos poemas “Parodiava-se [o sábado da aldeia]”, de Cesare Ruffato, em 1998; “É na fortuna da tradição”, de Cesare Ruffato, em 1999; “A duras penas heurísticas braçadas”, de Cesare Ruffato, em 1999; “A casa de coração clássico”, de Cesare Ruffato, em 1999; “As maravilhas mentais das águas”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Afunda o mar em teus cabelos”, de Cesare Ruffato, em 1999; “A glicínia arbórea com vai-vem”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Efeitos belíssimos incendiam”, de Cesare Ruffato, em 1999; “De Francesca”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Entre um chocolate afrodisíaco”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Gosto de menta barroca”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Mesmo um projeto meticuloso” de Cesare Ruffato, em 1999; “Leitura meticulosa desfaz”, de Cesare Ruffato, em 1999; “O discípulo gostaria de livrar-se”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Gafanhotoscross chamam a chuva”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Na margem ideal pinto a viagem”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Os anos idos são os instantes”, de Cesare Ruffato, em 1999; “O estro meticuloso do ditoso início”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Por pouco confiam no jogo”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Pontuais como sempre no encontro”, de Cesare Ruffato, em 1999; “O projeto que torna meio alegre”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Rios e bosques na asma perdem”, de Cesare Ruffato, em 1999; “To te escondes na estátua pra sentir”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Somos ainda uma escolha exterior”, de Cesare Ruffato, em 1999; “Sombras minuciosas, canônicas”, de Cesare Ruffato, em 1999; e “Nascimento e morte palavras empapadas”, de Cesare Ruffato, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

133) MARIA THEREZA CAVALHEIRO

Tradutora, radialista, advogada, jornalista, contista e poeta.

Natural de São Paulo, no ano de 1929.

Não se sabe ao certo quais obras e autores traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

134) MARIA STELLA DISCHINGER DA CUNHA

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do francês, contos do livro “Contos da mamãe gansa”, de Charles Perrault, em 1994.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

135) MARILENE FELINTO

Tradutora, cronista e romancista.

Natura de Recife, no ano de 1958.

Entre os autores que traduziu, estão Virgínia Woolf, D. H. Lawrence, Joseph Conrad, Eliot, Thomas Hardy, entre outros.

Fonte: Coelho (2002)

136) MARIMA COLASANTI

Tradutora, ficcionista, cronista, jornalista, ilustradora, ensaísta, apresentadora e roteirista.

Natural da cidade de Asmara, na Etiópia, no ano de 1937.

Veio ao Brasil onze anos depois de seu nascimento, junto à família.

Entre suas traduções, constam os títulos *Vidas Vazias* e *A romana*, ambos de Alberto Moravia; e *Gog*, de Papini.

Fonte: Coelho (2002), Biblioteca nacional (RJ)

137) MARINA APPENZELLER

Tradução.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, do francês, o título “O colar de veludo”, de Alexandre Dumas, em 1997.

Fonte: Acervo pessoal

138) MARINA COLASANTI

Tradutora, redatora, editora e escritora.

Natural de Asmara, na Etiópia, em 1937, radicada no Brasil.

Traduz do inglês, francês e italiano e é responsável pelas obras “Franziska”, de Fulvio Tomizza, em 1999; “Gog”, de Giovanni Papini, em 1996; “A romana”, de Alberto Moravia, em 1987; “O pássaro pintado”, de Jerzy Kosinski, em 1975; “O suicídio das democracias”, de

Claude Julien, em 1975; e “Virgens suicidas”, de Jeffrey Eugenides, em 1994.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

139) MARINA GUASPARI

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduz do inglês, francês e italiano e é responsável pela tradução das obras “Nós e a natureza”, de Paul Karlson, em 1958; “História da humanidade”, de H. van Loon, em 1957; e “Os noivos”, de Alessandro Manzoni, em 1971.

Fonte: Acervo pessoal e Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

140) MARTHA CALDERARO

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, do francês, a obra “Memórias de Adriano”, de Marguerite Yourcenar, em 1980.

Fonte: Acervo pessoal

141) MARY APOCALIPSE

Tradutora, jornalista, contista, dramaturga, biógrafa.

Natural de Minas Gerais, no ano de 1922.

Dedicou-se à tradução, principalmente, nas décadas de 1940 e 1950, para a Editora Clube do Livro, de São Paulo. Entre seus títulos, constam: *A princesa de Cléves*, de Madame de La Fayette; *Viagem ao centro da África*, *O império dos quatro mares* e *A ilha desconhecida*, todos de Júlio Verne; *Os três irmãos*, de Guy de Maupassant, entre outros.

Fonte: Coelho (2002)

142) MARYLENE BONINI

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, do inglês, junto ao tradutor José Severo de Camargo Pereira, o título “O processo da aprendizagem e a prática escolar”, de May V. Seagoe, em 1976.

Fonte: Acervo pessoal

143) MASLOWA GOMES VENTURI

Tradutora e romancista.

Natural de São Paulo, em 12 de fevereiro de 1915.

Só se sabe que ela foi responsável pela tradução de romances estrangeiros de grande público, mas não se tem a informação de quais obras ou autores foram traduzidos.

Fonte: Coelho (2002)

144) MIRIAN PAGLIA COSTA

Tradutora, jornalista, poeta e pianista.

Natural de Londrina, no Paraná, no ano de 1947.

Não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

145) MÔNICA CRISTINA CORRÊA

Tradutora.

Natural de São Paulo, em 1966.

Possui bacharelado e licenciatura em Letras Português, Francês e Italiano pela Universidade de São Paulo (USP), traduz do francês, italiano e inglês.

Traduziu as obras “Edward Hopper”, de Mike Venezia, em 1997; “Henri de Toulouse-Lautrec”, de Mike Venezia, em 1997; e “Elelazar – A fonte e a sarça”, de Michel Tournier, em 1998.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

146) MÔNICA FUCHS

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do inglês, a obra “Crimes imaginários: Por que nos punimos e como interromper esse processo”, de Lewis Engel e Tom Ferguson, em 1992.

Fonte: Acervo pessoal

147) MYRIAM CAMPELLO

Tradutora, jornalista, romancista e contista.

Natural do Rio de Janeiro, no ano de 1940.

Trabalhou como tradutora para editoras, entretanto, não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

148) NÁDIA SANTOS

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, junto a Yolanda L. dos Santos, do inglês, os contos “Três quadros” e “O legado”, que constam na obra “Contos e novelas de língua estrangeira: Antologia da Literatura Mundial”, autor desconhecido, em 1955.

Fonte: Não gosto de Plágio

149) NAIR LACERDA

Tradutora, teatróloga, contista, cronista e biógrafa.

Natural de Santos, em São Paulo, em 18 de julho de 1903.

Atuou como tradutora especialmente nas décadas de 1940 e 1950, para editoras de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Entre seus títulos, estão *É proibido suicidar-se na primavera*, de Alejandro Casona; *As testemunhas da paixão*, de Giovanni Papini; *Horas roubadas*, de Lawrence Edward; e *Teatro flutuante* e *Cimarron*, ambos de Edna Ferber.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999), Biblioteca digital de Santo André (SP)

150) NÍSIA NÓBREGA

Tradutora poeta, conferencista e professora.

Natural do Ceará, no primeiro dia de maio de 1921.

Não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999)

151) OLGA SAVARY

Tradutora.

Natural da cidade de Belém, no Pará, em 1933.

Traduz do espanhol, inglês e francês (as obras de idioma holandês, japonês e hindi foram traduzidas indiretamente por meio do espanhol ou inglês).

Traduziu as obras “Grande e estranho é o mundo”, de Ciro Alegria, em 1981; “O ano da seca”, de Víctor Álamo de la Rosa, em 1997; “Sendas de Oku”, de Bashô, em 1983; “Hai-kais de Bashô”, de Bashô, em 1989; “Itzam Na”, de Arturo Arias, em 1983; “O paraíso”, de Helena Castedo, em 1994; “Os segredos dos sonhos”, de Román Cano, em 1985; “A montanha e algo mais que uma imensa estepe verde”, de Omar Cabezas, em 1983; “A rosa separada”, de Pablo Neruda, em 1983; “Guerrilha!”, de Ernesto Che Guevara, em 1980; “Assim que passem cinco anos”, de

Federico García Lorca, em 1990; “Aura”, de Carlos Fuentes, em 1981; “Como água para chocolate”, de Laura Esquivel, em 1993; “O livro de Manuel”, de Julio Cortázar, em 1984; “Fora de hora”, de Julio Cortázar, em 1984; “Livro das perguntas”, de Pablo Neruda, em 1980; “Incitação ao nixonicídio e louvor da revolução chilena”, de Pablo Neruda, em 1980; “Fulgor e morte de Joaquim Murieta”, de Pablo Neruda, em 1977; “Ainda”, de Pablo Neruda, em 1975; “Confesso que vivi”, de Pablo Neruda, em 1977; “A barcarola”, de Pablo Neruda, em 1983; “Poetas holandeses”, autor desconhecido, em 1985; “Solo a duas vozes”, de Octavio Paz e Julián Rios, em 1987; “Vislumbres da Índia”, de Octavio Paz, em 1996; “Os filhos do barro”, de Octavio Paz em 1984; “O arco e a lira”, de Octavio Paz, em 1982; “23 poemas de Octavio Paz”, de Octavio Paz, em 1983; “O coração amarelo”, de Pablo Neruda, em 1982; “Mosaicos”, de Edison Simons, em 1986; “Quingumbo”, de Kerry Shwan Keys, em 1980; “Autobiografia de Federico Sánchez”, Jorge Semprún, 1979; “Poemas do Rio”, de Nahuel Santana, em 1977; “O mago das cores”, de Véronique Rateau, em 1978; “O livro dos Hai-Kais”, de Osvaldo Svanascini, em 1980; e “Conversa na Catedral”, de Mario Vargas Llosa, em 1978.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

152) OLINDA MARIA RODRIGUES PRATA

Tradutora.

Natural da Bahia, em 1938.

Traduziu do francês as obras “A crítica temática”, de Daniel Bergez, em 1997; “O chapeuzinho vermelho entre a França e o Québec”, de Maximilien Laroche, em 1995; “A telenovela, arte de novos narradores: formas e influências da narrativa telenovelesca”, de Catherine Saouter, em 1994; e “A telenovela: rebento adulado e desprezado da cultura popular Quebequense”, de Hélène Marchand, em 1993.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

153) ONDINA FERREIRA

Tradutora, cronista e romancista.

Natural de Araraquara, cidade do Estado de São Paulo, em 1909.

Traduziu diversos romances e contos franceses e ingleses, de autores como Balzac, Alexandre Dumas, Tom Galt, Guy de Maupassant, Turgueniev, entre outros.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999)

154) PATRÍCIA BINS

Tradutora, jornalista, artista plástica, romancista, contista, cronista e memorialista.

Natural do Rio de Janeiro, de 24 de julho de 1930.

Não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

155) PATRÍCIA CHITTONI RAMOS

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, junto a Marco Antônio Toledo Neder, do francês, a obra intitulada “Diário da Baronesa E. de Langsdorf: relatando sua viagem ao Brasil por ocasião de S.A.R. o Príncipe de Joiville 1842-1843”, de Baronne de Langsdorf, em 1999.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

156) PATRÍCIA DE FREITAS CAMARGO

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do inglês, a obra “Kew Gardens: o status intelectual da mulher, um toque feminino na ficção, profissões para as mulheres”, de Virgínia Woolf, em 1996.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

157) PATRÍCIA REHDER GALVÃO

Tradutora, poeta, escritora, diretora de teatro, jornalista e desenhista.

Natural de São João da Boa Vista, cidade do Estado de São Paulo, em 9 de junho de 1910.

Traduziu autores como James Joyce, Uçene Ionesco, Octavio Paz, Blaise Cendrars, Svevo e Arrabal.

Fonte: Itaú enciclopédia cultural (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa451572/pagu>), Porto gente (<https://portogente.com.br/columnistas/alessandro-atanes/pagu-tradutora-de-blaise-cendrars-25987>).

OBS: Entrei em contato com o Cadernos Pagu a procura de informações acerca de quais obras, exatamente, a tradutora traduziu. Até agora, não recebi resposta.

158) PAULA MARIA ROSAS

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do inglês, a obra “Momentos de vida”, de Virgínia Woolf, em 1985.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

159) RACHEL DE QUEIROZ

Tradutora, escritora e poeta.

Natural de Fortaleza, no Ceará, em 17 de novembro de 1910.

Traduziu cerca de 38 romances entre 1940 e 1972, entre as quais constam: *A família Brodie*, de A. J. Cronin, em 1940; *Eu soube amar*, de Edith Wharton, em 1940; *Mansfield Park*, de Jane Austen, em 1942; *Destino da carne*, de Samuel Butler, em 1942; *Náufragos*, de Erich Maria Remarque, em 1942; *Tempestade d'alma*, de Phyllis Bottone, em 1942; *O roteiro das gaivotas*, de Daphne Du Maurier, em 1943; *A crônica dos Forsyte* 3 vol., de John Galsworthy, em 1946; *Helena Wilfuier*, de Vicki Baum, em 1944; *Humilhados e ofendidos*, de Fiódor Dostoiévski, em 1944; *Fúria no céu*, de James Hilton, 1944; *A intrusa*, de Henry Ballmann, em 1945; entre tantas outras.

Fonte: Coelho (2002), Muzart (1999), Biblioteca Nacional (RJ), Hemeroteca digital (RJ)

160) RACHEL GUTIÉRREZ

Tradutora, poetisa, pianista, escritora e conferencista.

Natural do Rio Grande do Sul, em 1935.

Traduz do inglês, francês, espanhol, italiano e alemão.

Traduziu as obras “Eugene O’Neill”, de Frederic Carpenter, em 1966; “A hora de Clarice Lispector”, de Hélène Cixoux, em 1999; “As letras do meu nome”, de Grazia Livi, em 1995; “Resumo de um tratado da natureza humana”, de David Hume, em 1995; “A ópera ou A derrota das mulheres”, de Catherine Clément, em 1993; “Alma do mundo”, de Susanna Tamaro, em 1997; “Sonhos de sonhos”, de Antonio Tabucchi, em 1996; e “Mulher de Porto Pim”, de Antonio Tabucchi, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

161) RENATA PALLOTTINI

Tradutora, ficcionista, diretora, roteirista, produtora, professora, poeta, pesquisadora, dramaturga e ensaísta.

Natural de São Paulo, em 20 de janeiro de 1931.

Traduziu diversas obras, entre as quais se encontram: *Tom Paine*, em 1970; e *Hair*, em 1968, que recebeu o Prêmio Melhor Tradução, no mesmo ano, pela União Cultural Brasil e Estados Unidos (UCBEU/RJ).

Fonte: Coelho (2002)

162) ROBERTA BARNI

Tradutora.

Natural da Itália, não se sabe o ano, radicada no Brasil.

Traduz do italiano, inglês e francês.

Traduziu as obras “Centúria: sem pequenos romances”, de Gígio Manganelli, em 1994; “Teatro de rua”, de Clelia Falletti e Fabrizio Cruciani, em 1994; “Solanas por Solanas: um cineasta na América Latina”, de Amir Labaki e Mario J. Cereghino, em 1993; “Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais”, de Massimo Canevacci, em 1996; “Delicadeza”, de Dino Buzzati, em 1995; “Oceano mar”, de Alessandro Baricco, em 1996; “Os três últimos dias de Fernando Pessoa”, de Antonio Tabucchi, em 1996; “O amor de Dom Pedro”, de Antonio Tabucchi, em 1994; “Afirma Pereira”, de Antonio Tabucchi, em 1995; “A cabeça perdida de Damasceno Monteiro”, de Antonio Tabucchi, em 1997; “O truque e a alma”, de Angelo M. Ripellino, em 1995; “Seis personagens À procura de um autor”, de Luigi Pirandello, em 1999; e “A religião: Seminário de filosofia de Capri”, de Gianni Vattimo, Aldo Gargani e Vincenzo Vittiello, em 1998;

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

163) ROSA MARIA MARTINS DE FREITAS

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, do francês, contos da obra “Contos da mamãe gansa”, de Charles Perrault, em 1994.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

164) RUTH GUIMARÃES

Tradutora, poeta, teatróloga, contista, cronista e romancista.

Natural da cidade de Cachoeira Paulista, em São Paulo, em 1920.

Traduz do russo e francês, foi responsável pela tradução das obras “Contos”, de Alphonse de Daudet, em 1986; “Histórias fascinantes”, de Honoré de Balzac, em 1960; “O asno de ouro” de Lúcio Apuleio, em 1960; “Os melhores contos de Fiodor Dostoiévski”, de Fiodor Dostoiévski, em 1991; e “Histórias dramáticas”, de Fiodor Dostoiévski, em 1960.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

165) RUTH ROCHA

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, do inglês, a obra “A cortina da tia Bá”, de Virgínia Woolf, em 1983.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

166) RUTH SYLVIA DE MIRANDA SALLES

Tradutora, professora e romancista.

Natural da cidade de Araraquara, no Estado de São Paulo, ano desconhecido.

Traduziu diversos poemas catalães e, por isso, recebeu um prêmio nos Jogos Florais de Llengua Catalã. Também foi tradutora e adaptadora de peças de Calderón de la Barca, Shakespeare e libreto de Mozart.

Fonte: Coelho (2002)

167) SIENI MARIA CAMPOS

Tradutora.

Natural de São Paulo, em 1949.

Traduz do inglês, francês, espanhol e italiano.

Traduziu as obras “Bom dia, tristeza”, de Françoise Sagan, em 1986; “O verão assassino”, de Sebastien Japrisot, em 1987; “A era dos impérios”, de Eric Hobsbawm, em 1988; “Savannah Bay”, de Marguerite Duras, em 1988; “Agatha”, de Marguerite Duras, em 1988; “O demônio da guarda”, de Françoise Sagan, em 1985; e “A era da inocência”, de Edith Wharton, em 1993.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

168) SILVIA LA REGINA

Tradutora.

Natural de Roma, na Itália, não se sabe o ano. Radicada no Brasil.

Traduz do e para o italiano e do inglês.

Traduziu, para italiano, os títulos “Buon Anno” (Feliz ano novo), de Rubem Fonseca, em 1998; e “Sagarana” (mesmo título em português), de Guimarães Rosa, em 1994.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

169) SOCORRO TRINDAD

Tradutora, jornalista, ficcionista e poeta.

Natural de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte, em 1950.

Não há conhecimento de que obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

170) SÔNIA COUTINHO

Tradutora, jornalista, ficcionista e ensaísta.

Natural da Bahia, no ano de 1939.

Atuou como tradutora da obra de autores ingleses, tais como Graham Greene, Doris Lessing, C. Isherwood, além das autobiografias de Liv Ullman, atriz.

Fonte: Coelho (2002)

171) SÔNIA MOREIRA

Tradutora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1967.

Fez bacharelado em Letras Inglês/Português com habilitação em tradução na Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), traduz do inglês.

Traduziu as obras “O evangelho segundo Jesus: uma nova tradução e guia de seus ensinamentos para cristãos e não cristãos”, de Stephen Mitchell, em 1994; “Febre do eclipse”, de Walter Abish, em 1994; “Quem escreveu os manuscritos do Mar Morto?”, de Normal Golb, em 1996; “O desaparecimento de Deus: um mistério divino”, de Richard Elliott Friedman, em 1997; “O deus selvagem: um estudo do suicídio”, de A. Alvarez, em 1999; “Como reconhecer um poema ao vê-lo”, de Stanley Fish, em 1993; “Coisas transparentes”, de Vladimir Nabokov, em 1992; “U700”, de James Follett, em 1993; “Compreendendo seu filho de 7 anos”, de Elsie Osborne, em 1993; e “Réquiem”, de Shizuko Go, em 1994.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

172) SÔNIA RÉGIS

Tradutora, crítica literária, ficcionista, professora, pesquisadora e ensaísta.

Natural de Santa Catarina, em ano desconhecido.

Não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

173) SUZANA VARGAS

Tradutora, professora e poeta.

Natural do Rio Grande do Sul, em 28 de fevereiro de 1955.

Não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

174) TATIANA BELINKY

Tradutora, jornalista e escritora.

Natural de São Peterburgo, na Rússia, em 1919. Radicada no Brasil.

Traduz, em especial, do russo, entretanto, já traduziu do inglês e alemão. Traduziu as obras “A morte de Iván Ilitch e outras histórias”, de Leon Tolstói, em 1991; “Aelita”, de Alexei Tolstói, em 1961; “Raptado”, de R. Louis Stevenson, em 1997; “Satã em Gorai” de Isaac Singer, em 1992; “Robin Hood”, de L. J. Rhead, em 1991; “Almas mortas”, de Nikolai Gógol, em 1972; “Os mais brilhantes contos de Tchékhov”, de A. Tchékhov, em 1978; “Contos da velha Rússia”, de A. Tchékhov, em 1966; “Histórias imortais”, de A. Tchékhov, em 1959; “No degrau de ouro”, de Tatyana Tolstaya, em 1990; “Causos russos”, de Mikhail Zochtechenko, em 1988; “Os melhores contos de Tchékhov”, de A. Tchékhov, em 1987; “O malfeitor e outros contos da velha Rússia”, de A. Tchékhov, em 1987; “O homem no estojo”, de A. Tchékhov, em 1986; “O flautista de Hamelim”, de Robert Broning, em 1997; “O patinho feio”, de H. Christian Andersen, em 1997; “Já é Shabat?”, de Ellen Emerman, em 1994; “Pinóquio”, de Carlo Collodi, em 1997; “Raineke-Raposo”, de Goethe, em 1998; “A feira anual de Sorotchinski”, de Nicolau Gógol, em 1992; “O nariz”, de Nicolau Gógol”, em 1992; “Os contos de Grimm”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1989; “Os músicos de Bremem”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1987; “A casinha na floresta”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1985; “Chapeuzinho vermelho”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1995; “Branca de neve”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1995; “Joãozinho e Mariazinha”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1995; “O rei sapo”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1996; “O gato de botas”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1996; “O gênio na garrafa”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1995; “Branca de neve e os sete anões”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1997; “O lobo e os sete cabritinhos”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1997; “Rapunzel”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1996; “A gata borralheira”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1998; “Sete de um só golpe”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1997; “João e Maria”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1997; “O ganso de ouro”, de Jacob Grimm e Wilhelm, em 1997; “Como será o mundo?”, de Aydel Lebovica, em 1993; “Bicho é boa gente”, de Ivan Krylov, em 1996; “Fábulas russas”, de Ivan Krylov, em 1986; “Rip Van Winkle de Washington Irving. Recontado por John Howe”, de Washington Irving, em 1990; “O caçador valente”, de Heinrick Hoffmann, em 1995; “As fadas”, de Charles Perrault, em 1991; “O barba azul”, de Charles Perrault, em 1987; “Poema pedagógico”, de Anton Marakenko, em 1987; “O urso e outras histórias”, de Nicolau Lieskóv, em 1986; “A história de Dani três

vezes”, de Estrin Leibel, em 1994; “Meninos de verdade”, de Willian Pollack, em 1999; “A bela adormecida no bosque”, de Charles Perrault, em 1997; “O gato de botas”, de Charles Perrault, em 1997; “A gata borralheira”, de Charles Perrault, em 1997; “Cachtanca, artista por acaso”, de A. Tchékhev, em 1998; “Cachtanca, a aventura de uma viralata”, de A. Tchekhov, em 1983; “O jogo dramático infantil”, de Peter Slade, em 1978; “Tudo sobre nós”, de Dina Rosenfeld, em 1994; “A bondosa pequena Rebeca”, de Dina Rosenfeld, em 1998; “Um garotinho chamado Abrão”, de Dina Rosenfeld, em 1998; “O pope avarento”, de A. S. Púchkin, em 1998; “A aposta”, de Leon Tolstói, em 1996; e “O relógio e Mumu”, de Ivan Turgueniev, em 1990.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC), Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina e Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

175) TERESA BALTE

Tradutora e redatora.

Natural de Lisboa, em Portugal, no ano de 1942.

Trabalhou como tradutora e redatora para a revista Humboldt – Wilhelm Hauff.

Fonte: Biblioteca municipal digital de Santarém (PA)

176) TEREZA HALLIDAY

Tradutora, jornalista, poeta, ficcionista, professora e ensaísta.

Natural de Recife, em Pernambuco, em ano desconhecido.

Não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

177) TEREZINHA ÉBOLI

Tradutora, pedagoga, contista, poeta e professora.

Natural de Nova Friburgo, cidade do Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1923.

Atuou na tradução de livros na área da educação, em especial, traduziu livros de reflexão pedagógica.

Fonte: Coelho (2002)

178) THEREZA CHRISTINA ROCQUE DA MOTTA

Tradutora, poeta, professora, editora e advogada.

Natural de São Paulo, no ano de 1957.

Pela Editora Três, foi tradutora e coordenadora de pesquisa da redação de projetos especiais.

Fonte: Coelho (2002)

179) TITA DE LIMA

Tradutora e poeta.

Natural de Minas Gerais, em 7 de dezembro de 1936.

Trabalhou como tradutora para diversas editoras, entretanto, não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

180) VERA BARKOW

Tradutora.

Natural da Alemanha, em 1945, radicada no Brasil.

Fez bacharelado em Letras Português/Inglês/Alemão na Universidade de São Paulo (USP). Traduz do alemão e inglês.

Traduziu as obras “A escola de magia e outras histórias”, de Michael Ende, em 1997; “Norberto Nucagrossa”, de Michael Ende, em 1998; “Dagoberto dobradura”, de Michael Ende, em 1998; “O ursinho de pelúcia e os animais”, de Michael Ende, em 1998; “Olá, olê, Beto por quê”, de Michael Ende, em 1998; “Bíblia para crianças”, autor desconhecido, em 1995; “O pequeno tirano”, de Jirina Prekop, em 1999; “Dicionário de simbologia”, de Manfred Lurker, em 1997; “O que é justiça?”, de Hans Kelsen, em 1997; “A democracia”, de Hans Kelsen, em 1993; “Hanna, o anjo menorzinho de Deus”, de Angela Sommer-Bodenburg, em 1998; e “Introdução à Ciência do Direito”, de Gustav Radbruch, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

181) VERA HORN

Tradutora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1965.

Possui bacharelado em Língua e Literatura Portuguesa e Italiana na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), traduz do italiano.

Traduziu as obras “Discurso sobre o estado atual dos costumes dos italianos”, de Giacomo Leopardi, em 1996; “Miscelânea de pensamentos”, de Giacomo Leopardi, em 1996; “Pensamentos”, de Giacomo Leopardi, em 1996; “As duas solteironas”, de Tommaso Landolfi, em 1997; “Memórias”, de Lorenzo da ponte, 1998; “Diário de Lô”, de Pia Pera, em 1997; e “Carta aos Srs. Compiladores da Biblioteca Italiana”, de Giacomo Leopardi, em 1996.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

182) VERA LÚCIA DOS REIS

Tradutora e professora.

Natural do Rio de Janeiro, em 1944.

Fez bacharelado em Letras Português/Francês na Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) traduz do francês.

Traduziu a obra “Três cantos fúnebres para o Kosovo – Histórias traduzidas do albanês para o francês por Yusuf Vrioni”, de Ismail Kadaré, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

183) VERA NEVES PEDROSO

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do italiano, a obra “Os beatos”, de Luigi Natoli, em 1974.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

184) VERA RIBEIRO

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, do inglês, a obra “Um teto todo seu”, de Virgínia Woolf, em 1985.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

185) VILMA DE KATINSZKY BARRETO DE SOUZA

Tradutora.

Natural de São Paulo, em 1930.

Fez mestrado em Língua e Literatura Italiana na Universidade de São Paulo (USP).

Traduz do italiano, traduziu as obras “Ensaio crítico sobre Petrarca”, de Francesco de Sanctis, em 1991; “A Itália entre os séculos XI e XIII”, de Franco Cardini, em 1997; “Antropologia da comunicação visual”, de Massimo Canevacci, em 1990; “Carta semi séria de Giovanni Crisóstomo”, de Giovanni Berchet, em 1991; “Carta sobre o romantismo”, de Alessandro Manzoni, em 1991; “Opúsculos morais”, de Giacomo Leopardi, em 1992; “Discurso de um italiano em torno da poesia romântica”, de Giacomo Leopardi, em 1991; “Uma vida por escrito”, de Frédérique Lebelley, em 1944; “Amanhã será melhor”, de Pe. Marcel Marie Desmarais, em 1952; “O diabo nas colinas”, de Cesare Pavese, em 1987; “A batalha de Nandor Fejervar, de Peter Nejerovec, em 1956; “Idealismo e realismo na Ciência da Linguagem”, de Giovanni Nencione, em 1997; e “O neoplasticismo”, de Piet Mondrian”, em 1954.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

186) VIRGÍNIA VALLI

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a profissional.

Traduziu, do inglês, o título “O tribunal de divórcios”, autor desconhecido, em 1974.

Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

187) YARA FRATESCHI VIEIRA

Tradutora.

Natural de Juiz de Fora, em Minas Gerais, não encontramos informações sobre ano de nascimento. Traduz do francês e inglês.

Traduziu as obras “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, de Mihail Mihajlovic Bakhtin, em 1999; e “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento”, de Mihail Mihajlovic Bakhtin, em 1999.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

188) YOLANDA L. DOS SANTOS

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, do inglês, os contos “Três quadros” e “O legado”, que constam na obra “Contos e novelas de língua estrangeira – Antologia da Literatura Mundial”, em 1955.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

189) ZELIA DE ALMEIDA CARDOSO

Tradutora e escritora.

Natural de São Paulo, em 1934.

Traduziu, do italiano, a obra “As troianas”, de Lúcio Aneu Sêneca, em 1997.

Fonte: Dicionário de Tradutores Literários no Brasil (UFSC)

190) ZULEICA DO COUTO SANTOS

Tradutora.

Não encontramos informações pessoais sobre a tradutora.

Traduziu, do francês, a obra “A estrela do sul”, de Julio Verne, em 1965.

Fonte: Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco

191) ZULEICA LINTZ

Tradutora e poeta.

Natural de São Paulo, em 28 de maio de 1911.

Atuou como tradutora de poetas irlandeses e ingleses, entretanto, não há conhecimento de quais obras e autores, exatamente, traduziu.

Fonte: Coelho (2002)

192) ZULMIRA RIBEIRO TAVARES

Tradutora, poeta, ficcionista e pesquisadora.

Natural de São Paulo, no ano de 1930.

Entre suas traduções, encontra-se o título *O sistema dos objetos*, de Jean Baudrillard, da Editora Perspectiva/SP.

Fonte: Coelho (2002)